



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



**MARISTELA GOMES COELHO FONSECA**

**PROPOSTAS DE LEITURA CRÍTICA E COMPREENSIVA DE  
CRÔNICAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

Montes Claros-MG  
Março de 2021

**MARISTELA GOMES COELHO FONSECA**

**Propostas de leitura crítica e compreensiva de crônicas para o ensino fundamental**



**Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho**  
MASP: 271420-2

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Letras – em rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Montes Claros para submissão à banca de defesa e obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho.

**Área:** Linguagens e Letramentos

**Linha:** Estudos da Linguagem e Práticas Sociais

Montes Claros-MG  
Março de 2021

F676p Fonseca, Maristela Gomes Coelho.  
Propostas de leitura crítica e compreensiva de crônicas para o Ensino Fundamental [manuscrito] / Maristela Gomes Coelho Fonseca. – Montes Claros, 2021.  
132 f. : il.

Bibliografia: f. 126-127.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras/ Profletras, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho.

1. Leitura compreensiva. 2. Gênero textual. 3. Gênero crônica. 4. Língua Portuguesa. I. Carvalho, Maria de Lourdes Guimarães de. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a Ana Alice, Carlos Henrique Filho e Carlos Henrique.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que sempre me abre portas e sustenta durante as jornadas.

Aos meus pais pelo amor, cuidado, apoio e incentivo.

Às minhas irmãs, cunhados e sobrinhos pela doce amizade, apoio e incentivo. Ao meu esposo, pelo cuidado e dedicação.

Aos meus filhos, pelo carinho, pelos abraços e pelo amor que me renova diariamente.

À UFRN, Unimontes e aos professores do ProfLetras, pela oportunidade de crescimento. Aos meus colegas do ProfLetras, pela agradável convivência.

À minha orientadora, professora Doutora Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho, por desempenhar seu trabalho com atenção, dedicação, esmero, enfim, por todo cuidado e carinho.

Aos meus colegas de trabalho e aos meus alunos, por fazerem parte do meu crescimento profissional e pessoal.

Aos meus amigos e companheiros de oração pelo suporte de sempre.

## EPÍGRAFE

*Se ensinarmos um aluno a ler compreensivamente e a aprender a partir da leitura, estamos fazendo com que ele aprenda a aprender, isto é, com que ele possa aprender de forma autônoma em uma multiplicidade de situações discursivas.*

Isabel Solé

## RESUMO

Investigação realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros motivada pela observação empírica durante a minha prática profissional como Professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual Monsenhor Gustavo, motivada pela constatação de que alunos do ensino fundamental II, chegam a esse nível de ensino apresentando dificuldades de interpretação e de compreensão de textos, comumente lidos na sala de aula, já que não evidenciam habilidades de leitura crítico-compreensiva, e pelos resultados das avaliações sistêmicas que também evidenciam resultados não satisfatórios quanto às habilidades de leitura de alunos desse nível de ensino. O objetivo geral foi elaborar e divulgar um Caderno de Pressupostos Teóricos e Atividades Práticas de Leitura Crítico-Compreensiva de Crônicas. Os objetivos específicos: (i) explorar teorias sobre a leitura na perspectiva discursiva da Análise do Discurso, sobre os pressupostos teórico metodológicos de leitura presentes na BNCC, sobre o gênero crônica e referentes às estratégias de leitura de crônicas no ensino fundamental e, (ii) apresentar contribuições para a dinamização das aulas de leitura de crônicas na educação básica e, com esses objetivos, responder quais as possibilidades estratégicas para leitura do gênero crônica no ensino fundamental II. Teve como fundamentos teóricos e metodológicos os estudos de Solé (1998), Soares (2001), Orlandi (2008), Koch e Elias (2008), Bakhtin (2003) e Marcuschi (2008), e, a abordagem teórica do gênero crônica, na perspectiva de Moisés (1988), Coutinho (1986), Melo (2003) e Candido (1992). A metodologia foi qualitativa. O caderno foi escrito e nele foram apresentadas possibilidades estratégicas para a leitura de cinco crônicas.

**Palavras-chave:** Leitura compreensiva. Gênero textual. Gênero crônica.

## ABSTRACT

Research carried out within the scope of the Professional Master's Degree in Languages at the State University of Montes Claros motivated by empirical observation during my professional practice as a Portuguese Language Teacher at the Monsenhor Gustavo State School from which elementary school students II reach this level of education presenting difficulties in interpretation and comprehension of texts, commonly read in the classroom, since they do not show critical-understanding reading skills, and due to the results of systemic evaluations that also show unsatisfactory results regarding the reading skills of students at this level. The general objective was to develop and disseminate a Book of Theoretical Assumptions and Practical Activities for Critical-Comprehensive Reading of Chronicles. The specific objectives: (I) to explore theories on reading in the discursive perspective of Discourse Analysis, on the theoretical methodological assumptions of reading present in the BNCC, on the Chronicle genre and referring to chronicle reading in elementary school and, (II) to present contributions to the dynamics of chronicle reading classes in basic education and with these objectives, to answer which are the strategic possibilities for reading the chronicle genre in elementary school II. It had as theoretical and methodological foundation the studies of Solé (1998), Soares (2001), Orlandi (2008), Koch e Elias (2008), Bakhtin (2003) and Marcuschi (2008), and, the theoretical approach of the chronicle genre, from the perspective of Moisés (1988), Coutinho (1986), Melo (2003) and Candido (1992). The book was developed and it presents the strategic possibilities for reading five chronicles.

**Keywords:** Comprehensive reading. Textual genre. Chronicle genre.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>14</b>
1.1 Concepções de leitura .....	14
1.2 Alguns aspectos da leitura na perspectiva da Linguística Textual .....	16
1.3 A leitura discursiva na perspectiva da AD de linha francesa.....	18
1.4 A leitura na BNCC .....	19
1.5 Estratégias de Leitura .....	23
1.6 Considerações gerais sobre os gêneros textuais.....	28
1.5.1 Considerações sobre o gênero crônica .....	30
<b>2 O CONTEXTO E PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS .....</b>	<b>42</b>
2.1 Breve explicitação do contexto que gerou a proposta de pesquisa.....	42
2.2 Proposições metodológicas.....	44
<b>3 CADERNO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO INSTRUCIONAL .....</b>	<b>47</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>124</b>
<b>REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO .....</b>	<b>126</b>
<b>ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP .....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO B – Resolução nº 003/2020 .....</b>	<b>131</b>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa “Propostas de leitura crítica e compreensiva de crônicas para o ensino fundamental”, apresentada nesta dissertação, vincula-se ao Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros e situa-se na grande área Linguagens e Letramentos, especificamente na linha Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes e na sublinha Ensino e Aprendizagem da Leitura e da Produção Textual.

Teve como motivação o fato de que em minha prática docente como professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Monsenhor Gustavo, venho, ao longo do exercício profissional observando que alunos do ensino fundamental II, chegam a esse nível de ensino apresentando dificuldades de interpretação e de compreensão de textos, comumente lidos na sala de aula, já que não evidenciam habilidades de leitura crítico-compreensiva.

Tal observação empírica vem sendo corroborada pela análise dos resultados de avaliações sistêmicas tais como Sistema Mineiro de Avaliação – Programa de Avaliação da Aprendizagem Escolar (SIMAVE – PAAE), Prova Brasil, Avaliação da Rede Pública de Educação Básica – PROEB e outras em que foi possível constatar baixo índice de proficiência em leitura.

No gráfico a seguir, apresentamos o desempenho das turmas de nono ano na Avaliação da Rede Pública de Educação Básica – PROEB – aplicada em 2019, que mostra a proficiência leitora dos alunos da referida escola dividida em 4 níveis. No nível baixo estão 26,3% dos alunos, no intermediário 55,3%, no recomendado 13,2% e no nível avançado 5,3%.

**Gráfico 1- Resultados da Escola Estadual Monsenhor Gustavo – PROEB 2019**



Fonte: <http://resultados.caedufjf.net/resultados/publicacao/publico/escola.jsf>

O gráfico mostra ainda que nos anos anteriores – 2014, 2016 e 2018 – os níveis de proficiência da mesma série oscilaram, porém, a maioria dos estudantes manteve-se no nível intermediário. Em todos os anos apresentados, o nível de proficiência recomendado foi alcançado por um número de estudantes inferior a 40%, o que mostra que essa dificuldade não está restrita a um ano de escolaridade específico, mas vem persistindo ao longo dos anos com pequenas variações.

Sobre esses baixos índices, o Instituto Pró-Livro, em pesquisa realizada pelo Ibope Inteligência no Brasil em 2015, revelou que as escolas brasileiras, de um modo geral, têm enfrentado desafios para tornar seus alunos efetivos leitores, ou seja, sujeitos capazes de ler e compreender textos que circulam na sociedade. Essa pesquisa constatou ainda que as bibliotecas públicas são conhecidas por 55% dos entrevistados, mas apenas 20% as frequentam. Com referência ao gosto pela leitura, 73% da população disse que gosta, mas apenas 22% afirma que a leitura influencia positivamente sua qualidade de vida.

O fato de apenas 22% dos entrevistados afirmarem que a leitura influencia suas vidas é preocupante pois, o referido estudo afirma ainda que através da leitura o indivíduo consegue resgatar memórias agradáveis e sensações de bem estar relacionadas a leituras realizadas em um passado próximo ou distante; pessoas que leem desenvolvem mais sensibilidade, apreciam mais a natureza, gostam mais de se reunir com a família e apreciam mais atividades físicas e outras atividades que proporcionam a sensação de bem estar, e, portanto, são mais felizes.

Além disso, conforme os pressupostos da Análise do Discurso, doravante AD, ler é um ato político. Isso quer dizer que a leitura não é apenas um movimento de transmissão de informações entre os interactantes autor-texto-leitor e o texto não porta apenas o sentido pretendido pelo autor. É possível afirmar que é no processo de interação que o leitor também estabelece um pacto com o autor e seu texto, se tornando corresponsável pela construção dos sentidos ao estabelecer relações com seus conhecimentos anteriores.

Assim, o ato de ler pode ser considerado tanto uma habilidade como uma oportunidade para a abertura de portas do mundo do conhecimento e, sendo assim, os não leitores permanecem limitados aos conhecimentos obtidos por meio da comunicação oral, sem ampliar, tanto quanto poderiam, seus horizontes para o mundo do saber.

Considerando que não se compreende um texto apenas decodificando letras e palavras, fica clara a necessidade de reunir e ativar conhecimentos que serão utilizados, progressivamente, durante a leitura e ir além, desenvolvendo a leitura crítica. Sabe-se que quanto melhor a interação leitor-autor-texto, maior a compreensão, e quanto mais conhecimento empregado em desvendar aquilo que está representado pelos códigos da escrita, maior poder de

análise e criticidade o leitor desenvolverá. Nesse exercício, os detalhes do entorno do texto e da vivência do leitor são importantes para formar um ambiente favorável à compreensão e ao desenvolvimento crítico, devendo, portanto, ser acionados.

Vale ressaltar, ainda, que a não utilização dos conhecimentos prévios do leitor e a completa desinformação dele sobre o assunto a ser lido, aliados à falta de motivação, são fatores que proporcionam o afastamento da possibilidade de uma leitura prazerosa e, nas situações escolares, a fuga ou a pouca importância do ato de ler.

Esses são, assim, desafios que a escola contemporânea enfrenta, principalmente quando não há, também, efetiva participação da família na vida escolar dos alunos e, muito menos, incentivo e recursos para a promoção da leitura, mas, torna-se um campo fértil para a proposição de novas práticas que naturalmente emergem nas atividades de pesquisa.

Assim, tendo em vista essas considerações e, entendendo que o desenvolvimento de habilidades de leitura crítico-compreensiva e interpretativa tanto é necessário quanto possível, nesta investigação a proposta é apresentar considerações teóricas e atividades práticas de forma a responder ao seguinte questionamento:

- quais são as possibilidades estratégicas para leitura do gênero crônica no ensino fundamental II?

Aventamos como hipótese o entendimento de que há possibilidades de elencar uma série de estratégias para a leitura de crônicas como recurso para o desenvolvimento da leitura compreensiva e crítica desse gênero textual, conforme os pressupostos da AD.

Entendemos que a utilização de estratégias de leitura é um recurso eficaz para melhorar o desempenho dos alunos, contribuindo para a formação deles como leitores críticos e compreensivos, habilidades que podem se estender à leitura de outros gêneros textuais e, conseqüentemente, melhorar os seus resultados nas situações sociais que dependam da leitura.

Justificamos a proposta de investigação apoiados no fato de que, apesar de termos documentos oficiais que orientam quanto ao ensino da leitura e sua importância para o desenvolvimento não só escolar mas também humano, surgem angústias, muitas vezes sem resposta, devido à contradição que se apresenta nas turmas de ensino fundamental entre a necessidade dos alunos serem capazes de ler compreensiva e criticamente e a realidade que tem mostrado um caminho oposto, já que as médias nas avaliações sistêmicas de Língua Portuguesa são baixas, especialmente as que revelam os resultados da escola campo da pesquisa.

Assim, os resultados serão relevantes para o aperfeiçoamento profissional da

pesquisadora e para a Escola Estadual Monsenhor Gustavo (EEMG), pois poderão proporcionar a aplicação de diferentes metodologias para facilitar o desenvolvimento da leitura. Além disso, a divulgação do planejamento de atividades por meio do produto resultante dessa pesquisa poderá contribuir para que outros profissionais da área de linguagens aperfeiçoem seus conhecimentos teóricos e suas práticas de ensino aprendizagem da leitura, especialmente as referentes à leitura de crônicas.

Para o desenvolvimento da investigação tem-se como objetivo geral:

- Elaborar e divulgar um Caderno de Pressupostos Teóricos e Atividades Práticas de Leitura Crítico-Compreensiva de Crônicas.

Os objetivos específicos foram definidos a partir dos pontos de vista: (i) teórico, resultando no capítulo teórico da dissertação e na parte de fundamentação do Caderno de Pressupostos Teóricos e Atividades Práticas de Leitura Crítico-Compreensiva de Crônicas e, (ii) metodológico, que prevê por meio do Caderno, a apresentação das possibilidades práticas de leitura crítico-compreensiva de crônicas.

São eles:

- Explorar teorias sobre a leitura na perspectiva discursiva da AD, sobre os pressupostos teórico metodológicos de leitura presentes na BNCC, sobre o gênero crônica, e referentes às estratégias de leitura de crônicas no ensino fundamental.
- Apresentar contribuições para a dinamização das aulas de leitura de crônicas na educação básica.

A proposta surgiu a partir da análise da realidade como professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Monsenhor Gustavo, em Montes Claros-MG e, a princípio, seria desenvolvida com uma turma de 9º ano da citada escola. Dadas as circunstâncias de afastamento social e de implementação de aulas remotas a partir de março de 2020, a proposta foi elaborada no formato de sugestão e tanto pode ser desenvolvida na escola de origem da pesquisadora quanto pode ser divulgada para outros professores de Língua Portuguesa. Assim, uma vez divulgado, o Caderno de Atividades poderá ser disponibilizado como sugestão para aplicação em outras realidades educacionais.

Além dessa introdução, apresentamos o tema, a motivação, o problema de pesquisa, a hipótese, os objetivos, a justificativa seguida de uma breve explicitação de termos; o texto

dissertativo está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos as considerações teóricas divididas em seções e subseções, a saber: (i) concepções de leitura conforme Solé (1998), Soares (2001), Orlandi (2008), Koch e Elias (2008); (ii) alguns aspectos da leitura na perspectiva da Linguística Textual; (iii) leitura discursiva na perspectiva de Orlandi (2008); (iv) estratégias de leitura em Solé (1998) e, (v) breves concepções de gêneros textuais de acordo com Bakhtin (2003) e Marcuschi (2008), e, finalmente, abordagem teórica do gênero crônica, na perspectiva dos autores Moisés (1988), Coutinho (1986), Melo (2003) e Candido (1992). Compõem o segundo capítulo a apresentação do contexto que gerou a proposta de pesquisa e as proposições metodológicas. O terceiro capítulo é composto pelo Caderno de Pressupostos Teóricos e Atividades Práticas de Leitura Crítico-Compreensiva de Crônicas, o qual apresenta autonomia para ser divulgado separadamente. Na sequência, as considerações finais apresentando a resposta ao problema, o alcance dos objetivos, a confirmação da hipótese e as conclusões.

# 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1 Concepções de leitura

Sabe-se que a leitura é uma atividade fundamental numa sociedade como a nossa, podendo ser considerada condição básica e essencial para a inserção profissional e para o exercício consciente da cidadania. É por meio dela que adquirimos a condição de sujeitos aprendentes, que acessamos o mundo das informações, das ideias, da cultura e, porque não dizer, dos sonhos e aspirações já que por meio dela ampliamos horizontes e deixamos que a imaginação e a fantasia desenhem situações e lugares desconhecidos e imaginários, o que não só é direito de todos, mas também é necessário para o enfrentamento da realidade.

De acordo com Orlandi (2008, p. 8), “[...] leitura, vista em sua acepção mais ampla, pode ser entendida como ‘atribuição de sentidos’. [...] Diante de um exemplar de linguagem de qualquer natureza tem-se a possibilidade de leitura.” Ao escrever um texto, o autor já tem em mente um tipo de leitor específico, logo, este já está inscrito no texto. Sua tarefa de atribuir sentidos àquilo que lê poderá alcançar maior ou menor eficácia dependendo das habilidades de leitura já acumuladas por esse leitor. A leitura está além da decodificação de palavras reunidas em um texto. Os sentidos que atribuirá ao texto dependem muito do conhecimento prévio de que o leitor dispõe. E, se não há nenhum conhecimento sobre determinado assunto, o entendimento ficará comprometido e insuficiente.

Ler implica interação entre autor e leitores, provocando uma necessidade de conhecimentos extratextuais que possibilitarão a compreensão do texto. Assim, se o leitor não possui conhecimentos tidos como pré-requisito para determinada leitura, não conseguirá atribuir todos os sentidos necessários ao texto que lê, impedindo que ele interaja efetivamente com o texto lido.

Sobre o processo de compreensão na leitura, conforme Solé (1998), é construído a partir do nosso conhecimento prévio, e este se forma durante toda nossa vida, através da interação com outras pessoas, que atuam como educadores, e, assim “[...] vamos construindo representações da realidade, dos elementos constitutivos da nossa cultura, entendida em sentido amplo: valores, sistemas conceituais, ideologias, sistemas de comunicação, procedimentos, etc.” (SOLÉ, 1998, p. 40). À medida que esse conhecimento é aplicado se consolida o processo de leitura compreensiva, já que depende da atribuição de conhecimentos ao que se lê. Soma-se então ao conhecimento de mundo que o leitor já traz consigo, o conhecimento textual.

Para Koch e Elias (2008), é possível construir várias concepções de leitura, dependendo do foco que tomamos como referência. Podemos olhar para o texto como expressão do pensamento do autor e, nesse caso, a leitura “[...] é entendida como atividade de captação das ideias do autor, sem levar em conta as experiências e conhecimentos do leitor” (KOCH E ELIAS, 2008, p.10).

As autoras abordam, também, a concepção de leitura cujo foco está no texto e, nesse sentido, tudo o que o leitor precisa é manter o foco no texto, na sua linearidade e no que está dito e a concepção interacional (dialógica) da língua, na qual “[...] os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que, dialogicamente, se constroem e são construídos no texto, considerado o lugar da interação e da constituição dos interlocutores.” (KOCH E ELIAS, 2008, p.10 -11). Nesse sentido, não podemos desvincular o texto do autor ao lê-lo.

Para Kleiman (1997), a compreensão de textos é um ato complexo que envolve vários processos cognitivos. Segundo a autora, ativamos diversos conhecimentos linguísticos e culturais já armazenados em nossa memória durante a leitura de um texto a fim de compreendê-lo. Fazer uma leitura compreensiva de um texto, portanto, é um processo complexo. Naturalmente envolve conhecimentos e saberes de tipos variados, desde os saberes advindos das experiências de mundo, por exemplo as crenças, organização estrutural, conhecimentos lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Sendo assim, ao propor uma leitura para alunos do ensino fundamental, o professor deve, inicialmente, ativar os conhecimentos prévios (dados) que eles já têm. Só a partir daí, fazer a nova proposta (novo) garantindo que os alunos articulem esses dois conhecimentos e construam autonomamente o sentido.

Por conhecimentos prévios, vale salientar, estamos nos referindo aos conhecimentos, em diversos níveis, adquiridos pelo leitor ao longo de sua vida e que já fazem parte do seu repertório. Através da interação entre esses saberes e o texto ele consegue construir o novo sentido. Kleiman (1997) define os conhecimentos prévios como requisitos essenciais para construir a compreensão de um texto, e afirma que eles são:

- (i) de mundo, são adquiridos geralmente de maneira informal, no convívio em sociedade (p. 22);
- (ii) textuais, constituídos pelo conjunto de noções sobre o texto; fazem parte os conhecimentos sobre tipos de textos, estruturas textuais e formas de discurso, propósito comunicativo e vocabulário, os quais são necessários para a compreensão dos textos e são acessados pelo leitor ao ler um texto (p. 22);
- (iii) conhecimentos linguísticos constituem o “conhecimento implícito, não verbalizado

nem verbalizável na grande maioria das vezes, que faz com que falemos português como falantes nativos. Abrangem, desde o conhecimento sobre como pronunciar palavras do português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras internas da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua” (p.13). O conhecimento linguístico é parte do conhecimento prévio, essencial para a compreensão do texto.

Já Soares (2001) diferencia os indivíduos analfabetos, que não sabem ler e escrever, dos indivíduos alfabetizados, que dominam as técnicas de leitura e escrita mas não fazem uso delas no dia a dia, e os letrados, que passam “[...] a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita.” (SOARES, 2001, p.36). Para a autora, esse indivíduo é transformado pela prática social da leitura e da escrita. Assim, se nossos alunos forem letrados estarão em constante processo de transformação e, segundo Soares (2001, p. 38), serão levados “[...] a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros.”, e serão capazes de influenciar positivamente o seu ambiente social.

Embora reconheça a importância da leitura por fruição, a proposta desta pesquisa é auxiliar no desenvolvimento da leitura de modo geral; serão utilizadas, para isso, contribuições da Linguística Textual e da Análise do Discurso.

A seguir teceremos algumas considerações sobre a Linguística Textual no item 1.2.

## **1.2 Alguns aspectos da leitura na perspectiva da Linguística Textual**

A Linguística Textual, doravante LT, é a área da Linguística responsável pela produção, recepção e interpretação dos textos. Na época do seu surgimento, na década de 1960, a maioria dos estudiosos estava debruçada sobre a análise transfrástica e o foco principal era o estudo da coesão textual que, muitas vezes era equiparada à coerência. Com o tempo e o desenvolvimento dos estudos, ampliou-se também o conceito de coerência, “visto que ela se constrói, em dada situação de interação, entre o texto e seus usuários, em função da atuação de uma complexa rede de fatores, de ordem linguística, cognitiva, sociocultural e interacional.” (KOCH, 2015, p.12).

A LT parte do pressuposto de que toda ação é acompanhada de processos cognitivos e, desse modo, o agente dispõe de modelos e tipos de operações mentais.

Conforme Koch (2015, p.34), “o texto é originado por uma multiplicidade de operações

cognitivas interligadas”. Tal concepção levou os estudiosos dessa área a

desenvolver modelos procedurais de descrição textual capazes de dar conta dos processos cognitivos que permitem a integração dos diversos sistemas de conhecimento dos parceiros da comunicação, na descrição e na descoberta de procedimentos para sua atualização e tratamento no quadro das motivações estratégicas da produção e compreensão de textos. (KOCH, 2015, p. 34)

Esses parceiros da comunicação possuem saberes acumulados a respeito da vida social e guardam diversos conhecimentos na memória. Precisam reunir o conhecimento linguístico – gramatical e lexical – ao conhecimento enciclopédico – a respeito do mundo – que está armazenado em sua memória e, ao ser ativado, produz determinado nível de compreensão de um texto.

A ênfase dada aos processos de organização global dos textos foi sendo ampliada e passou a assumir importância particular relacionada a “questões de ordem sociocognitiva, que englobam temas como referenciação, inferenciação, acessamento ao conhecimento prévio etc.; e, a par destas, o tratamento da oralidade e da relação oralidade/escrita, bem como o estudo dos gêneros textuais, este agora conduzido sob outras luzes.” (KOCH, 2015, p.13).

Durante a produção do texto, o locutor deixa lacunas implícitas prevendo determinadas inferências que necessitam de um conhecimento enciclopédico o qual supõe que o leitor/ouvinte já possua. Sem acessá-lo, o objetivo traçado no ato da criação não será alcançado pelo leitor/ouvinte. Isso explica porque há diferentes compreensões de um mesmo texto. Assim, o intertexto é um elemento previsto pelo locutor na comunicação.

De acordo com Koch (2015, p.143), “a intertextualidade *stricto sensu* ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores”. Pode estar explícita quando há menções diretas, citações, referências a outro texto, ou implícita quando não aparece de forma clara e exige do leitor/ouvinte maior atenção para reconhecê-la. Assim, para que a compreensão seja completa, o locutor prevê, ao escrever, que seu interlocutor tenha esses conhecimentos a fim de preencher as lacunas deixadas no texto.

É importante considerar também a interdiscursividade, que consiste em estabelecer conexões entre discursos e ideologias presentes na cultura que perpassam os textos orais e escritos. Desse modo, ao fazer menção a outras ideologias e discursos, o locutor utiliza interdiscursividade e prevê que seu leitor/ouvinte seja capaz de utilizar esse mesmo recurso para completar a compreensão da mensagem.

A crônica, objeto de estudo desta pesquisa, trabalha com intertextualidade e

interdiscursividade, é um texto inspirado em determinada situação real da vida do autor ou da sociedade, a fim de provocar alguma reflexão, ao mesmo tempo que pode estabelecer uma crítica social. Frequentemente, aborda elementos culturais e ideológicos que partem de um contexto específico, embora não fique limitada a um tempo exclusivo. Possui certo caráter universal que aproxima leitores em diversas épocas e, tanto o conhecimento textual quanto o extratextual auxiliam para que a compreensão seja mais ampla.

Nesse sentido, faz-se necessária a abordagem da leitura de acordo com os pressupostos da Análise do Discurso, conforme segue no item 1.3.

### **1.3 A leitura discursiva na perspectiva da AD de linha francesa**

A perspectiva francesa da AD, formulada por Pêcheux, surgiu como reação a duas correntes muito importantes na área de estudos sobre a linguagem, as quais são: o estruturalismo e a gramática gerativa transformacional. O primeiro, inspirado no Curso de Linguística Geral de Saussure, se firmava nas regras e convenções que tornam possível a linguagem, porém, sem tratar do discurso; estava centrado na estrutura da língua, que funciona de forma universal e inconsciente e desconsiderava a importância do falante; analisando a língua por ela mesma e os sistemas envolvidos na produção da linguagem. Já a segunda, inspirada na teoria de Noam Chomsky, não rompeu com o estruturalismo, uma vez que seu método permaneceu desprezando o sentido e buscando um sistema formal capaz de explicar em sua totalidade os enunciados.

Nesse contexto, surge a análise do discurso, na década de 1960, marcada pela publicação de Michel Pêcheux, intitulada Análise Automática do Discurso, buscando combater o excessivo formalismo vigente e desenvolvendo uma análise que vai além da estrutura da língua, tratando a linguagem associada ao sujeito, como manifestação de uma competência socioideológica.

De acordo com Orlandi:

a Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (1999, p. 16).

Assim, a AD considera a importância não só da língua, mas também das condições de produção de determinado discurso, o lugar de fala do enunciatador e as ideologias intrínsecas.

Posto isso, é possível afirmar que a leitura, sob a perspectiva da AD francesa, envolve mais do que a interação entre texto e leitor. O texto, por sua vez, nem sempre expressa a intenção

do autor, pois sofre influência do leitor juntamente com suas vivências, crenças e atitudes. Cada leitor possui um conjunto de experiências, que não estão necessariamente ligadas à leitura, mas que o constituem como pessoa e, conseqüentemente, como leitor. Tal conhecimento é necessário para a que a leitura de textos ocorra de forma eficiente, sendo auxiliada por um conjunto de saberes que precisam ser trazidos à memória durante a leitura.

Na perspectiva discursiva, ler vai além da ativação do conhecimento prévio ou enciclopédico, da interação entre leitor e texto, entre leitor e autor ou mesmo das estratégias textuais. As condições de produção definem as condições de leitura, uma vez que o texto já traz consigo ideologias.

Para Orlandi (2008), a perspectiva discursiva da leitura

procura observar o processo de sua produção e, logo, da sua significação. Correspondentemente, considera que o leitor não apreende meramente um sentido que está lá; o leitor atribui sentidos ao texto. Ou seja: considera-se que a leitura é produzida e procura determinar o processo e as condições de sua produção. Daí se poder dizer que a leitura é o momento crítico da constituição do texto. (ORLANDI, 2008, p. 37)

Isso explica porque lemos o mesmo texto em situações diferentes e temos resultados diversos a partir dessa leitura. A leitura é um processo constituído pela interação entre diversas partes, mas além disso, é levada em consideração a interação entre sujeito e ideologia. Outra questão importante a se destacar é que a linguagem não é transparente, motivo pelo qual um texto não tem apenas uma interpretação, mas variadas, dependendo dos diversos fatos já mencionados. O contexto de produção dos textos e o lugar de fala do autor constituem uma ideologia que precisa ser considerada na leitura. No entanto, o autor limita de certa forma a interpretação do seu texto, à medida que estabelece um propósito comunicativo e escreve direcionado a um determinado público.

Tendo em vista essas considerações, fica clara a ideia de que é necessário o estabelecimento de estratégias para a proposição da leitura na sala de aula. Assim, seguem algumas considerações e estratégias de leitura proposta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

#### **1.4 A leitura na BNCC**

Sobre o trabalho com leitura, na área de linguagens da BNCC está previsto que as escolas brasileiras promovam o desenvolvimento das habilidades e estratégias de leitura necessárias à compreensão dos textos (antecipar sentidos, ativar conhecimentos prévios,

localizar informações explícitas, elaborar inferências, apreender sentidos globais do texto, reconhecer tema, estabelecer relações de intertextualidade etc.).

Quando faz referência aos objetivos para o ensino e aprendizagem no 9º ano, a BNCC prevê, por exemplo, práticas que proporcionem a participação em situações de leitura/escuta, produção oral/escrita, próprias de atividades do dia a dia, no espaço doméstico/familiar, escolar, cultural, profissional que crianças, jovens e adultos vivenciam. Para tal, o documento prevê o debate de temáticas que dizem respeito ao consumo, a partir da análise de textos publicitários multimodais enfatizando os linguístico-discursivos que devem ser mobilizados para a construção de sentidos.

Ainda para o 9º ano, o documento prevê práticas artístico-literárias por meio de situações de leitura/escuta, produção oral/escrita de textos que possibilitem não só conhecer produções culturais e literárias, mas também valorizar a diversidade cultural e linguística, a vivência de experiências estéticas e de fruição literária. Para isso, a previsão é priorizar a abordagem de sequências narrativas objetivando a análise das diferentes vozes bem como os efeitos de ironia em gêneros literários narrativos, como contos, crônicas, novelas, romances entre outros.

O referido documento cita habilidades relacionadas à leitura de vários gêneros textuais, cujo desenvolvimento é de responsabilidade da escola, já que é quem sistematiza esse conhecimento. São habilidades básicas para se construir no ensino fundamental:

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. (BRASIL, 2018, p. 88).

As habilidades previstas nesse documento que é o mais recente norteador do ensino no país, são transformadoras e necessárias ao desenvolvimento do leitor crítico e autônomo. Sabe-se que a leitura e a compreensão influenciam o desempenho do indivíduo em todo o seu processo de formação escolar. Por isso, o desenvolvimento da leitura é um processo constante, tanto no que diz respeito a textos literários quanto à infinitude de textos que circulam diariamente em nossa sociedade:

Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica, por meio [...] do desenvolvimento de habilidades que garantam a compreensão, a apreciação, a produção e o compartilhamento de textos dos diversos gêneros, em diferentes mídias,

que circulam nas esferas literária e artística. (BRASIL, 2018, p. 158).

Assim, a leitura parte da escola, mas se estende por toda a vida do cidadão, que precisa se tornar apto a desenvolver suas próprias leituras e usar as habilidades adquiridas durante a vida escolar.

Na BNCC a Literatura está proposta no eixo Educação Literária que tem estreita relação com o eixo Leitura, diferenciando-se deste pelas particularidades de seus objetivos:

[...] se, no eixo Leitura, predominam o desenvolvimento e a aprendizagem de habilidades de compreensão e interpretação de textos, no eixo Educação Literária predomina a formação para conhecer e apreciar textos literários orais e escritos, de autores de língua portuguesa e de traduções de autores de clássicos da literatura internacional. (BRASIL, 2018, p. 65).

A BNCC cuida ainda de estabelecer competências específicas de Língua Portuguesa para o ensino fundamental e propõe:

1. Reconhecer a língua como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.
3. Demonstrar atitude respeitosa diante de variedades linguísticas, rejeitando preconceitos linguísticos.
4. Valorizar a escrita como bem cultural da humanidade.
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequado à situação comunicativa, ao interlocutor e ao gênero textual.
6. Analisar argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação de valores e ideologias.
8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos e interesses pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
9. Ler textos que circulam no contexto escolar e no meio social com compreensão, autonomia, fluência e criticidade.
10. Valorizar a literatura e outras manifestações culturais como formas de compreensão do mundo e de si mesmo. (BRASIL, 2018, p. 66).

Conforme a BNCC, o gênero crônica deve ser contemplado no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II. No Eixo Leitura para o 8º ano estão previstas

Práticas de compreensão e interpretação de textos verbais, verbo-visuais e multimodais. Textos da atualidade, com assunto e tema apropriados à faixa etária dos alunos e nível de textualidade adequado: vocabulário com possibilidades de enriquecimento do léxico do aluno e recursos expressivos denotativos e conotativos. (BRASIL, 2018, p. 136).

Algumas finalidades/estratégias devem ser priorizadas.

- Localização de informações em textos.
- Seleção de informações.
- Deduções e inferências de informações.
- Reconstrução das condições de produção e recepção de textos.
- Reflexão sobre o conteúdo temático do texto.
- Reflexão sobre o léxico do texto.
- Reflexão sobre a forma, a estrutura e a organização do texto.
- Reflexão sobre os procedimentos estilístico-enunciativos do texto.
- Avaliação dos efeitos de sentido produzidos em textos.
- Recuperação da intertextualidade e estabelecimento de relações entre textos. (BRASIL, 2018, p. 140).

Algumas habilidades previstas para serem desenvolvidas no 8º ano, possíveis de serem propostas com a leitura de crônicas:

(EF08LP32) Analisar, em texto narrativo ficcional, o foco narrativo, os espaços físico e psicológico, os tempos cronológico e psicológico, as diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), o uso de recursos linguístico-gramaticais (vozes do verbo, adjuntos adnominais e adverbiais etc.).

(EF08LP36) Adaptar contos ou crônicas para encenação teatral, empregando, com adequação, rubricas de narração e variedades linguísticas nas falas de personagens (dialetos, regionalismos, gírias, registro formal/informal). (BRASIL, 2018, p. 141).

Para o 9º ano, em Língua Portuguesa no eixo oralidade estão previstas “Práticas de compreensão e produção de textos orais em diferentes contextos discursivos.” (BRASIL, 2018, p. 142). No Eixo Leitura,

Práticas de compreensão e interpretação de textos verbais, verbo-visuais e multimodais. Textos da atualidade, com assunto e tema apropriados à faixa etária dos alunos e nível de textualidade adequado: vocabulário com possibilidades de enriquecimento do léxico do aluno e recursos expressivos denotativos e conotativos. (BRASIL, 2018, p. 144).

Quanto às habilidades, entre outras podem ser relacionadas à leitura de crônicas as que se seguem:

(EF09LP08) Localizar e integrar várias informações explícitas distribuídas ao longo do texto, sintetizando-as em uma ideia geral, categoria ou conceito.

(EF09LP09) Pesquisar informações, de forma crítica e esclarecida, nos meios de comunicação e informação, novos ou tradicionais, sem exceder a quantidade de informações disponíveis, para resolver problemas.

(EF09LP10) Inferir informação pressuposta ou subentendida, com base na compreensão do texto.

(EF09LP11) Justificar tópicos discursivos, valores e sentidos veiculados por texto, relacionando ao seu contexto de produção, circulação e recepção (objetivo interação textual, suportes de circulação, lugar social do produtor, contexto histórico destinatário previsto etc.).

(EF09LP12) Sintetizar texto lido, representando-o em tópicos e subtópicos, mapas conceituais, esquemas, resumos etc.

(EF09LP13) Justificar, pelo contexto semântico e linguístico, o significado de

palavras e expressões desconhecidas. (BRASIL, 2018, p. 147).

Especificamente no Eixo Educação Literária, para o 9º ano, “Práticas de leitura e reflexão para apreciar textos literários orais e escritos.” (BRASIL, 2018).

- Elementos constitutivos do discurso narrativo ficcional em prosa e versos: estrutura da narrativa e recursos expressivos.
- Elementos constitutivos do discurso poético em versos: estratos fônico, semântico e gráficos.
- Elementos constitutivos do discurso dramático em prosa e versos.
- Recursos de criação de efeitos de sentido.
- Intertextualidade.
- Processos de criação. (BRASIL, 2018, p. 148).

Habilidades possíveis de serem alcançadas com o gênero crônica:

(EF09LP36) Avaliar a verossimilhança em textos ficcionais, considerando os acontecimentos narrados e o ponto de vista com base no qual são narrados.

(EF09LP39) Analisar, em texto literário, recursos expressivos que provocam efeitos de humor, ironia ou paradoxo.

(EF09LP42) Criar contos ou crônicas, com temáticas diversas, aplicando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos do texto narrativo de ficção. (BRASIL, 2018, p. 149).

## 1.5 Estratégias de Leitura

Sobre estratégias de leitura, no parecer de Solé (1998, p. 70), “[...] são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança.” Nesse sentido, podem ser compreendidas como ferramentas de leitura importantes e necessárias para o desenvolvimento do leitor proficiente posto que permitem ao leitor executar com autonomia o percurso necessário para a leitura compreensiva, processo que, no parecer da autora, tem início antes mesmo da leitura propriamente dita, quando o leitor aciona, de forma inconsciente, algumas estratégias para que consiga dar sentido ao texto.

Para Solé (1998), um trabalho estratégico com leitura deve iniciar com atividades motivadoras para que os leitores sintam-se interessados e predispostos a agirem ativamente em busca dos sentidos para o texto a ser lido. Além disso, a autora aponta estratégias que devem ser utilizadas para promover o ensino da leitura, as quais precisam ser aplicadas antes, durante e depois de determinada leitura, visando ao desenvolvimento da autonomia para que o leitor se forme de tal maneira que seja capaz de utilizar suas próprias estratégias de leitura de modo

eficiente.

É sabido que a capacidade de pensamento estratégico é o que possibilita regular as ações diante dos problemas, agindo de forma coerente, avançando ou recuando diante de determinada situação. No campo da leitura, é possível afirmar ainda que a utilização de estratégias tem por finalidade entender os sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos. Kleiman (1997), é de parecer que a atividade de leitura corresponde a uma interação, à distância, entre leitor e autor, via texto. Nesse processo de leitura, o sentido do texto é revelado a partir da tríade autor-leitor-texto.

Na perspectiva da leitura interativa, nosso foco neste trabalho é o leitor, que, ao se situar diante dos elementos que compõem e geram a informação, segue em busca de níveis mais elevados na leitura. O ponto de partida é a consideração de que, para o ensino de leitura na escola, as estratégias de leitura possibilitam ao aluno processar o texto e seus diferentes elementos, assim como as estratégias que tornarão possível sua compreensão. Isso vai ao encontro do que postula Kleiman (1997), segundo a qual há todo um processo interativo em jogo, em que o leitor utiliza dos diversos níveis de conhecimento, os quais interagem entre si. Kleiman (1997, p. 13) enfatiza que “[...] pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.”

Para propiciar a interação necessária à compreensão leitora, é indispensável lançar mão de estratégias que facilitem essa interação entre o texto e o leitor que, sendo inexperiente, não conseguirá extrair da leitura os elementos fundamentais para a compreensão.

A esse respeito, Solé (1998, p. 155) expõe que “[...] ensinar a formular e a responder perguntas sobre um texto é uma estratégia essencial para uma leitura ativa”. Logo, a aplicação de estratégias em sala de aula implica a transformação do leitor passivo em leitor ativo, capaz de ler compreensivamente, por meio de organização do pensamento estratégico que, embora não funcione como “receita” para ordenar a ação, sem dúvida, oportuniza avançar seu curso em função de critérios de eficácia.

Ainda de acordo com a referida autora, as estratégias de leitura são mecanismos necessários para o desenvolvimento do sujeito como leitor proficiente crítico e reflexivo já que é por meio delas que ocorrem, de forma independente, os processos de compreensão e de interpretação durante a leitura.

Sobre a compreensão e a interpretação, Antunes (2003, p. 67) salienta que, enquanto a interpretação se realiza por meio de “elementos gráficos, tais como as palavras, os sinais e as notações, que funcionam como verdadeiras “instruções” do autor e que não podem ser desprezadas a fim de que o leitor descubra significações, elabore suas hipóteses, tire suas

conclusões”, a compreensão não é dependente apenas do texto. É obtida por meio da associação entre o que está escrito no texto, paralelamente às informações prévias que o leitor tem, derivadas de seu próprio conhecimento de mundo e das relações simbólicas que com ele estabelece.

Diante disso, todo esse movimento feito pelo cérebro durante a leitura, cujo objetivo é compreender o que está lendo, parte do que está posto no texto associado ao que a partir dele é inferido, de forma a criar um horizonte de entendimento, por meio do preenchimento de lacunas.

Sobre isso, do ponto de vista de Van Dijk (*apud* ANTUNES, 2003 p. 67) “[...] os textos são inevitavelmente incompletos”. Então, ser leitor é construir o próprio saber sobre o texto, articulando conhecimentos, interpretando e compreendendo ao mesmo tempo, e, conseqüentemente, atribuindo sentidos. Trata-se assim, de um movimento de construção dos sentidos que se realiza por meio das estratégias cognitivas e metacognitivas.

Importante salientar que no parecer de Solé (1998), as estratégias não detalham nem prescrevem totalmente o curso de determinada ação, mas são importantes aliadas no processo de leitura já que provocam no leitor suspeitas inteligentes sobre o caminho mais adequado a seguir. Ao descrever as características das estratégias a autora é de parecer que,

[...] Sua potencialidade reside justamente nisso, no fato de serem independentes de um âmbito particular e poderem se generalizar; em contrapartida, sua aplicação correta exigirá sua contextualização para o problema correto [...] as estratégias envolvem auto direção e auto controle. (SOLÉ, 1998, p. 69).

Entende-se que o leitor, ao criar uma estratégia, por meio do autodirecionamento, supervisiona e avalia as próprias ações.

Com base em Solé (1998) foi possível elaborar um quadro síntese com exemplos de estratégias que facilitam o desenvolvimento de atividades de leitura em sala de aula. Entende-se que essas considerações estratégicas, se aplicadas com a leitura do gênero crônica, gerarão possibilidades de interação e uma leitura profícua de crônicas do ponto de vista discursivo. Nesse sentido, seguem considerações sobre os gêneros textuais, e, especificamente, sobre o gênero crônica.

**Quadro 1-** Síntese de exemplos de estratégias possíveis para a leitura

OBJETIVOS	RECURSOS	ESTRATÉGIAS
Incentivar e desafiar os alunos.	Textos desconhecidos, mas com tema familiar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prática de leitura fragmentada (cada um lê um parágrafo).</li> <li>• Leitura circular.</li> </ul>
Informar os propósitos da leitura de um determinado texto. Ensinar a estabelecer objetivos de leitura.	Proposição de objetivos de leitura	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Levantamento de objetivos gerais para a leitura: obter uma informação precisa, seguir instruções, obter uma informação de caráter geral, aprender, revisar um escrito próprio, obter prazer, comunicar um texto a um auditório, praticar a leitura em voz alta e verificar o que se compreendeu, etc.</li> </ul>
Ativar os conhecimentos prévios.	Perguntas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimulação dos alunos a falarem o que já sabem sobre o tema, explicando o que será lido e incentivando a observarem ilustrações, títulos, subtítulos e outros elementos do texto.</li> <li>• Apresentação de informações extratextuais que possam exercer influência sobre a leitura: dados biográficos do autor, época em que viveu, principais acontecimentos históricos da época, linguagem utilizada, outras obras.</li> </ul>
Estabelecer previsões sobre o que sucede no texto.	Leitura preditiva	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Levantamento de hipóteses e inferências que despertem a curiosidade do aluno para a leitura.</li> </ul>
Favorecer e melhorar o processamento da compreensão.	Questionamentos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de perguntas a respeito do texto durante toda a leitura.</li> </ul>
Mostrar aos alunos como se desenvolve o processo da leitura compreensiva.	Leitura compartilhada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Testagem de hipóteses durante o processo de leitura.</li> <li>• Formulação de perguntas sobre o que foi lido.</li> <li>• Esclarecimento de possíveis dúvidas sobre o texto.</li> <li>• Resumo das ideias.</li> </ul>
Trabalhar com tema e ideia principal do texto lido. Auxiliar na elaboração de resumo após leitura de texto. Formular e responder perguntas.	Atividade para realizar após a leitura. Leitura ativa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entendimento da diferença entre tema e ideia principal de um texto lido e identificação da ideia principal.</li> <li>• Escrita de resumo dos textos lidos e localização do tema (encontrando o tema de cada parágrafo, localizando e deixando de lado informações repetidas ou redundantes).</li> <li>• Formulação de perguntas pertinentes sobre o texto lido (literais, para pensar e buscar no texto e de elaboração pessoal que usam o texto como referencial, cujas respostas não podem ser deduzidas).</li> </ul>

Fonte: elaboração própria, com base em Solé (1998).

Além disso, a autora sugere a criação de momentos específicos de abordagem da leitura em sala de aula:

**Quadro 2 –** Momentos de abordagem da leitura

MOMENTO	AÇÕES
Antes da leitura	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antecipação do tema ou ideia principal a partir de elementos paratextuais, como título, subtítulo, exame de imagens e de saliências gráficas.</li> <li>• Levantamento de conhecimentos prévios sobre o autor, o contexto de escrita, outras obras e sobre o assunto do texto específico.</li> <li>• Criação de expectativas em função do suporte e/ou da instituição responsável pela publicação.</li> <li>• Levantamento de expectativas em função da formatação estrutural do gênero.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Busca de informações sobre o tipo de crônica.</li> </ul>
Durante a leitura	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Confirmação, rejeição ou retificação das antecipações ou expectativas/inferências criadas antes da leitura.</li> <li>• Focalização ou construção do tema ou da ideia principal.</li> <li>• Esclarecimentos de palavras desconhecidas a partir da inferência ou consulta do dicionário.</li> <li>• Formulação de conclusões implícitas no texto, com base em outras leituras, experiências de vida, crenças, valores pessoais.</li> <li>• Formulação de hipóteses a respeito da sequência do enredo.</li> <li>• Identificação de palavras-chave.</li> <li>• Busca de informações complementares; construção do sentido global do texto.</li> <li>• Identificação das pistas que mostram a posição do autor.</li> <li>• Identificação de novas informações.</li> <li>• Identificação da presença de aspectos intertextuais.</li> </ul>
Depois da leitura	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escrita de síntese oral da semântica do texto.</li> <li>• Registro escrito para melhor compreensão.</li> <li>• Socialização de ideias.</li> <li>• Levantamento de informações para tirar conclusões.</li> <li>• Avaliação das informações ou opiniões emitidas no texto.</li> <li>• Avaliação crítica do texto.</li> <li>• Emissão de pareceres pessoais a respeito dos fatos.</li> <li>• Comparação da linguagem da notícia com a linguagem da crônica (se for o caso).</li> <li>• Comparação dos fatos da notícia com os fatos da crônica.</li> <li>• Identificação de pontos de vista do autor da crônica.</li> <li>• Identificação de aspectos sociais e comparação com a atualidade.</li> </ul>

Fonte: elaboração própria fundamentada em Solé (1998).

Ao trabalhar a leitura por meio de estratégias, o professor inicia ativando conhecimentos pertencentes ao mundo do aluno que poderão ser utilizados a qualquer momento durante a leitura; ensina o aluno a utilizá-las para que se desenvolva como leitor autônomo, capaz de ativar sozinho seus conhecimentos prévios, textuais e linguísticos, fazer suas leituras e inferências atribuir sentidos, respeitando os limites propostos pelo autor. Essa autonomia como leitor proporciona desenvolvimento de habilidades leitoras exigidas pelo mercado de trabalho. Assim, esse trabalho capacita o aluno para seu desenvolvimento pessoal e profissional à medida que lhe fornece uma ferramenta necessária para sua inclusão e ascensão social.

O trabalho com a leitura pode partir de um gênero escolhido, mas não deve se ater a ele. Precisa abranger os mais diversos gêneros utilizados no dia a dia nos mais variados suportes. A leitura precisa ser entendida como fruição e necessidade, já que o texto permeia nossa sociedade, mas é exposto de acordo com seus propósitos comunicativos. Assim, parte da mensagem comunicada é transmitida pelo gênero, que já traz consigo sua função comunicativa.

A seguir, estão algumas considerações sobre os gêneros textuais e algumas de suas peculiaridades.

## 1.6 Considerações gerais sobre os gêneros textuais

Sabe-se que a noção de gênero, sempre esteve presente nos discursos linguísticos. Para Bakhtin (2003), por exemplo, o gênero se caracteriza por textos “relativamente estáveis de enunciados” que são elaborados nas mais diversas esferas de uso da linguagem. Como há uma diversidade de contextos de uso da linguagem, há, também, uma diversidade de gêneros, já que cada esfera de comunicação tem características próprias para se adequar a uma determinada situação. Para esse autor,

a riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Para o autor são três os elementos básicos que devem ser considerados na configuração do gênero: (i) conteúdo temático (esfera de sentido referida no gênero); (ii) estilo (conjunto de marcas linguísticas pertencentes a cada gênero) e, (iii) forma composicional (elementos estruturais, – elementos necessários na constituição do gênero).

Assim é que, ao produzir determinado enunciado ou gênero, o enunciador deixa transparecer suas intenções comunicativas e suas necessidades sócio interacionais. Claro é também que os lugares de uso da linguagem possuem concepções de destinatários aos quais o locutor se dirige e que, por sua vez, operam, com uma postura ativa no que diz respeito ao gênero.

Marcuschi (2008) aborda os “gêneros” apresentando-os distintos de “tipos”. Para ele, os gêneros são

[...] textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas constituindo em princípio listagens abertas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Coadunando com a visão bakhtiniana, Marcuschi também considera que há uma multiplicidade de gêneros que surgem a partir das necessidades comunicativas, e os lugares e as finalidades da comunicação cumprem o papel de formatar os gêneros à sua forma.

Ao fazer uma abordagem histórica sobre a noção de gênero, Marcuschi (2008, p. 47), afirma que ela inicialmente surgiu vinculada apenas à literatura, tendo início com Platão, do qual originou-se a tradição poética e firmando-se com Aristóteles que se ocupou da tradição retórica – amplamente desenvolvida na Idade Média – mais sistemática sobre os gêneros e a natureza do discurso, na qual o autor aponta os elementos do discurso e os gêneros discursivos.

Numa visão mais atual, Marcuschi (2008) é de parecer que o estudo dos gêneros é feito numa perspectiva em que cada vez mais profissionais de diferentes áreas do conhecimento estão se dedicando a ele, o que o tem colocado numa categoria multidisciplinar. Sobre isso, Marcuschi postula que

[...] a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. (MARCUSCHI, 2008 p. 149),

dando a entender que, ao propor o gênero textual como ponto de partida de um estudo da linguagem, a escola propiciará ao aluno o acesso aos bens culturais e, conseqüentemente, à aprendizagem indispensável à inserção social dele.

Conforme o mesmo autor (2008, p. 150), considerando que cada gênero textual tem um propósito que o determina em uma dada esfera de circulação, em sua produção há que se considerar ações de ordem comunicativa e estratégias convencionais, para atingir os objetivos pretendidos.

Marcuschi põe em evidência o fato de que, embora todo gênero tenha uma forma, uma função, um estilo bem como um conteúdo, sua determinação se dá pela função e não pela forma, o que mostra que a linguagem deve ser considerada em funcionamento e as atividades culturais e sociais devem ser as preocupações principais das proposições de leitura.

Para o autor, “[...] a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual” e é de parecer que

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. (sic) Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Fica, assim, o entendimento de que o ponto de partida para o trabalho com a leitura que

contemple os aspectos sociodiscursivos, socioculturais e linguísticos, devem se dar por meio dos gêneros, cabendo à escola propiciar ao aluno a abordagem de uma gama de diferentes gêneros.

Particularmente nesta investigação a opção foi por fazer uma proposta de abordagem da leitura do gênero crônica sobre o qual passamos a discorrer a seguir.

### 1.6.1 Considerações sobre o gênero crônica

É possível afirmar que, desde sua origem, o gênero crônica teve como princípio básico o registro de ações circunstanciais ocorridas no cotidiano, narradas de forma passageira, em sequência cronológica. Do ponto de vista etimológico é explicada por Massaud Moisés (1988) como oriunda

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo Latim *chronica(m)*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a História, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfonso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da História, não sem ostentar acentuados traços de ficção literária. (MASSAUD MOISÉS, 1988, p. 245, grifos nossos).

Segundo estudiosos, aproximadamente entre meados do século XIV e o fim do século XVI, período renascentista, o termo passou a concorrer com o vocábulo história, contudo continuou sendo utilizado dado o seu caráter de enumeração de eventos com rigidez e fidelidade à cronologia, como por exemplo para denominar peças de teatro relativas a assunto verídico, entre elas as de Shakespeare.

De acordo com Moisés (1988) a crônica só se desvinculou do caráter histórico com o desenvolvimento da imprensa, a partir do século XIX, quando passou a ser concebida como gênero literário.

Sobre isso, no parecer de Coutinho (1986), a crônica passou a significar

[...] um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. “Crônicas” são pequenas produções em prosa, com essas características, aparecidas em jornais ou revistas. (COUTINHO, 1986, p. 121, grifos do autor).

Dadas essas características, progressivamente e com o passar do tempo, o termo deixou

de ser utilizado como gênero literário e a palavra “crônica” firmou-se para designar os textos publicados em folhetins (espaço nos jornais em que se publicavam, além das crônicas, várias outras formas literárias, entre elas, por exemplo, o conto e o ensaio).

Ainda sobre a evolução histórica da crônica, e, fazendo referência ao seu espaço no jornalismo brasileiro, Melo (2003, p. 148) afirma: “No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países.”.

No Brasil, a crônica assumiu feição nitidamente literária, distanciando-se de outros modelos. De acordo com Melo (2003),

Para qualquer brasileiro a crônica tem sentido claro e inequívoco, embora ainda não dicionarizado; designa uma composição breve, relacionada com a atualidade, publicada em jornal ou revista. De tal forma esse significado está generalizado que só mesmo os especialistas em historiografia se lembram de outro bem mais antigo, o de narração histórica por ordem cronológica. (MELO, 2003, p. 148/149).

Para Sá (2005, p. 6), por exemplo, a crônica inicia-se com a circunstância do descobrimento e a escrita da Carta de Caminha e, com o passar do tempo e a abordagem de temas variados, passou a ser escrita por um narrador-repórter que relata um fato a um determinado público leitor de um jornal o que motivou uma nova estrutura e características. Tornou-se um texto curto, considerando o espaço restrito de seu portador.

Por ser veiculada no jornal, suporte com caráter de transitoriedade já que comumente apresenta os fatos do dia que se tornam obsoletos tão logo outros fatos surjam, também a crônica, no parecer de Sá (2005, p. 10): “[...] assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados, que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte ou no raro momento de trégua que a televisão lhes permite.”, só vindo a adquirir o caráter permanente de texto literário quando selecionadas e organizadas em produções, em coletâneas e publicadas em livros.

Assim, com o passar do tempo as crônicas adquiriram o caráter permanente de texto literário quando foram selecionadas e organizadas em produções, em coletâneas e publicadas em livros. Deixa de ser lida exclusivamente junto com as informações jornalísticas e ganha um caráter duradouro.

Sobre a circulação, a crônica, no parecer de Costa (2009, p. 80) pode ser veiculada em diferentes portadores – jornais, colunas de periódicos, assinada, em forma de notícias, comentários e abordando temas de diferentes áreas do conhecimento e esferas sociais.

Atualmente, tanto crônicas antigas quanto atuais, estão presentes nas redes sociais normalmente em *sites* de domínio público e, portanto, acessíveis a todos os interessados.

De um modo amplo, a crônica pode ser definida como um gênero que retrata, de forma verbal, acontecimentos do cotidiano podendo apresentar características diferenciadas (artísticas, humorísticas, críticas, etc.).

Pode-se afirmar que é um gênero de caráter narrativo mas também do tipo argumentativo, como texto de opinião. Para Candido (1992, p. 5), “[...] a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. (...) pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.

No que concerne à definição, à natureza, à diversidade e aos tipos de crônicas, os estudos evidenciam que há uma certa complexidade. Até mesmo no posicionamento dos próprios cronistas há diversidade e controvérsias. Sant’Anna (1995), por exemplo, em um tom irônico e humorístico, peculiar a alguns cronistas, apresenta posicionamentos sobre o que é ser cronista:

O que é um cronista? Luís Fernando Veríssimo diz que o cronista é como uma galinha, bota seu ovo regularmente. Carlos Eduardo Novaes diz que crônicas são como laranjas, podem ser doces ou azedas e ser consumidas em gomos ou pedaços, na poltrona de casa ou espremidas nas salas de aula. (SANT’ANNA, 1995, p. 3).

O autor faz uma comparação do cronista com o estilista, referindo-se ao santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. “[...] O cronista é isso: fica pregando lá de cima de sua coluna no jornal.” E ao se indagar sobre o tipo de crônicas que escreve, responde que é de vários tipos, afirmando: “Conto casos, faço descrições, anoto momentos líricos, faço críticas sociais. Uma das funções da crônica é interferir no cotidiano.” (SANT’ANNA, 1995, p. 4).

Entende-se com isso que o gênero crônica apresenta temáticas e estruturas variadas e, desse modo, seu estudo e ensino não devem ser abordados de uma forma conceitual e metodicamente explicada.

Nesse sentido, Candido (1992), estudioso do gênero crônica, privilegiando a configuração referente ao modo de exposição e ao objetivo, propõe a seguinte divisão, seguida de características e de autores representativos:

**Quadro 3-** Tipos de crônica no parecer de Candido (1992), características e autores

TIPOS	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	CRONISTAS
Crônica-diálogo	Quando há um revezamento e troca de pontos de vista e informações entre o cronista e seu interlocutor imaginário.	Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino
Crônica narrativa	Quando apresenta uma estrutura de ficção, semelhante ao conto: histórias com unidades de ação, tempo, espaço, personagens. Normalmente são narrativas curtas, dialogadas, de final imprevisto e surpreendente.	Rubem Braga
Crônica de exposição poética	Quando faz divagações sobre um acontecimento ou personalidade, tecendo uma série de associações.	Paulo Mendes Campos
Crônica biográfica lírica	Quando narra, poeticamente, a vida de alguém, prestando reverência.	Affonso Romano Sant'Anna

Fonte: elaboração própria com base em Candido (1992)

Ainda no parecer desse autor, uma das características inerentes à crônica é a de abordar temas do cotidiano de forma próxima ao leitor e, conseqüentemente, relativas ao seu mundo.

Coutinho (2003) fala também de uma dificuldade em conceituar a crônica, dada a sua natureza ambígua e o seu caráter de transcendência e circunstancialidade, que muitas vezes a conduz ao conto, ao ensaio ou ao poema em prosa. Para esse autor, a crônica é “[...] altamente pessoal, uma reação individual, íntima ante o espetáculo da vida, coisas, seres.” (COUTINHO (2003, p. 136). Concernente à classificação, ele opta por mesclar tema, estrutura e objetivo, podendo ser dividida em cinco subgêneros conforme quadro a seguir:

**Quadro 4-** Tipos de crônica no parecer de Coutinho (2003), características e autores

TIPOS	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS DE CRONISTAS
Crônica narrativa	Desenvolvida em torno de uma estória ou de um episódio, o que a aproxima do conto, principalmente em sua concepção moderna, quando perdeu as características tradicionais de começo, meio e fim. Envolve ações, personagens, tempo, espaço. Fatos ficcionais. É a forma como o cronista vê e relata, de forma singular, o mundo, aos leitores. Diferente do conto não pressupõe um conflito. A temática surge da percepção dos fatos do cotidiano e é apresentada na forma de relato de uma possibilidade de acontecimento.	Fernando Sabino Clarice Lispector Luiz Fernando Veríssimo Rubem Braga
Crônica metafísica ou filosófica	Quando o autor tece reflexões filosóficas ou de meditação sobre acontecimentos ou homens.	Carlos Drummond de Andrade Machado de Assis
Crônica poema-em-prosa	Apresenta conteúdo lírico correspondente ao suposto extravasamento da alma do artista, ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado.	Rubem Braga Manuel Bandeira Raquel de Queiroz Álvaro Moreira Ledo Ivo
Crônica-	Apresenta uma mistura de vários assuntos diferentes ou	Machado de Assis

comentário	dísparos.	José de Alencar
Crônica-informação	Caracteriza-se por divulgar os fatos com breves comentários. Aproxima-se do sentido etimológico.	José de Alencar

Fonte: elaboração própria com base em Coutinho (2003)

Ainda sobre a classificação, Massaud Moisés (1988) privilegiando a ambiguidade do gênero literário, propõe dois tipos de crônica:

**Quadro 5-** Tipos de crônica no parecer de Moisés (1988), características e autores.

TIPOS	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS DE CRONISTAS
Crônica-poema	Caracterizada por prosa emotiva chegando a assemelhar-se ao verso. “Enquanto poesia, a crônica explora a temática do ‘eu’, resulta de o ‘eu’ ser o assunto e o narrador a um só tempo, precisamente como todo ato poético” (MOISÉS, 1988, p. 251, grifos do autor). O cronista ressalta o contemplativo e concentra-se em suas emoções.	Carlos Drummond de Andrade
Crônica-conto	Narrativa de um acontecimento que tenha despertado a atenção do cronista. É como se fosse um conto. “[...] prima pela ênfase no ‘não-eu’, no acontecimento que provocou a atenção do escritor” (MOISÉS, 1988, p. 251).	Carlos Drummond de Andrade

Fonte: elaboração própria com base em Massaud Moisés (1988)

Já Beltrão (1980), considerando duas variáveis eminentemente jornalísticas, aponta:

**Quadro 6-** Tipos de crônica no parecer de Beltrão (1980), características e autores

CATEGORIAS	TIPOS	CARACTERÍSTICAS
Quanto à natureza	Geral	Aborda vários assuntos.
	Local	Aborda o cotidiano da cidade.
	Especializada	Os assuntos são abordados por especialistas.
Quanto ao tratamento do tema	Analfítica	Mais racional e dialética: exposição breve e análise objetiva dos fatos. “Linguagem sóbria, elegante, enérgica, embora não lhe devam faltar capricho e graça.” (p. 68).
	Crônica sentimental	Sem profundidade dialética. Escrita com linguagem alegre, com mais qualitativos e gerúndios, tem ritmo ágil e discurso muitas vezes poético. Apelo à sensibilidade de seu leitor, explorando aspectos “pitorescos, líricos, épicos, capazes de comover e influenciar para a ação num impulso quase inconsciente”.
	Crônica satírico-humorística	Objetiva criticar, “ridicularizando ou ironizando fatos, ações, personagens ou pronunciamentos comentados, com finalidade de advertir ou entreter o leitor”. Sua abordagem é superficial e sua linguagem é repleta de nuances, verbos no futuro do pretérito e duplo sentido (com uso de aspas).

Fonte: elaboração própria com base em Beltrão (1980)

Em Melo (2003, p.159), há uma classificação proporcionada pelo cronista Luis Fernando Veríssimo, que baseia-se na qualidade textual afirmando que:

- (i) crônica - é qualquer uma (qualquer crônica);
- (ii) crônica curta - é a crônica curta;
- (iii) crônica grande, substancial, com parágrafos gordos;
- (iv) crônica - capaz de verdadeiramente consagrar seu autor.

De um modo geral é possível afirmar que os cronistas não seguem um estilo único: ora escrevem um tipo, ora outro. O que favorece a identificação de autoria é normalmente o estilo de linguagem.

Sobre isso, Coutinho (1986) argumenta:

[...] há mesmo, entre os cronistas, os ecléticos, que se deliciam a borboletear em torno de diversos assuntos ou temas ou motivos, não se deixando jamais prender a nenhum deles permanentemente. É mesmo da própria natureza da crônica a flexibilidade, a mobilidade, a irregularidade. (COUTINHO, 1986, p. 133)

Também são questões de linguagem que diferem o gênero crônica do gênero notícia, que, tal como a crônica, é escrita a partir de acontecimentos diários: enquanto a notícia é escrita de forma a assegurar a exatidão das informações analítica e objetivamente, a escrita da crônica comporta fatores emocionais, irônicos, sarcásticos, ficcionais, fantasiosos, dentre outros, de forma subjetiva, emotiva e criativa.

Sobre isso, Massaud Moisés (1988) afirma que a crônica

Difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano o seu húmus permanente, não visa à mera informação: o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia a dia pela universalização de suas virtualidades latentes, objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício. (MASSAUD MOISÉS, 1988, p. 247).

Certo é que, o que é comum entre os cronistas é o fato de versarem sobre assuntos do cotidiano já que normalmente buscam inspirações nos acontecimentos factuais do dia a dia. Embora haja lugar para assuntos diversificados, descrições detalhadas, longas e discussões sobre pontos de vista são nitidamente evitadas.

Sobre a abordagem temática, Menezes (2002) afirma que a crônica vai além da apropriação do cotidiano já que o olhar do cronista é revestido de estranhamento dos fatos e ele enxerga brechas no real, principalmente aquelas invisíveis para a maioria das pessoas. Conforme esse autor, o leitor da crônica é o um interlocutor com o qual o cronista “[...] deve dividir tudo (ou quase tudo): questões pessoais que o afligem, viagens ou não-viagens que fez, lembranças alegres e tristes, crises de inspiração que eventualmente enfrenta.” (MENEZES, 2002, p. 168). Enfim, o cronista, por sua linguagem singular e sua temática cotidiana, seduz os

leitores, aproxima-se deles, transforma-se naquele que não só abriga mas também compartilha os sentimentos comuns.

Ao fazer referência ao estilo, o autor afirma que a crônica deve tender para as formas simples e para o tom comunicativo, de conversa, de bate-papo. E, quanto à linguagem, deve privilegiar, preferencialmente, idiomatismos, gírias, epítetos circunstanciais e jogos de palavras que identificam o momento, a temporalidade da escrita. Mesmo que tendam a desaparecer dado ao caráter de efemeridade da língua – que é viva e, portanto, varia – essas características da linguagem asseguram o espírito da época e revelam características sociais importantes.

O que é comum verificar é que os autores comumente privilegiam uma linguagem despojada, simples e espontânea, às vezes situada entre a linguagem oral e a escrita com tom crítico, irônico e sarcástico. Para Coutinho (1986),

A crônica deve empregar de preferência a linguagem da atualidade, não evitando de maneira sistemática os idiomatismos, epítetos circunstanciais e certos jogos de palavras que se formam eventualmente para desaparecer algum tempo depois. Sem essa prática, a crônica deixaria de refletir o espírito da época, uma vez que a língua corrente constitui a mais viva expressão da sociedade humana, no tempo. A linguagem e, mais expressivamente, a gíria social, é um tempero importantíssimo na confecção de uma crônica. (COUTINHO, 1986, p. 134).

Sobre o estilo da crônica, segundo o referido autor, deve ser de formas simples e desenvolvido em tom comunicativo (de conversa e bate-papo), semelhante a coisas sem importância, entrando a fundo no significado dos atos e sentimentos humanos.

Há predomínio da narrativa em primeira pessoa, assemelhando-se a um diálogo em que o cronista transmite sua visão de mundo ao leitor que adota um clima de cumplicidade/aceitação prazerosa.

O tempo é cronológico e quanto à extensão, a opção quase sempre é por textos curtos e de fácil compreensão. Já personagens, quando aparecem, são poucos. Às vezes com nome, mas podem aparecer sem. Privilegia-se pouco aprofundamento psicológico.

Segundo Beltrão (1980, p. 71), “Às vezes, é fato, a gente escreve para algum amigo; a crônica é uma espécie de prolongamento de uma conversa: ou é um recado disfarçado, alguma coisa que a gente gostaria de dizer, mas prefere não dizer diretamente.”

Segue-se um quadro apresentando, cronologicamente, alguns dos principais cronistas brasileiros, com as principais características/temáticas e amostra de suas obras:

**Quadro 7-** Principais cronistas brasileiros, algumas de suas características e obras

<b>CRONISTAS</b>	<b>CARACTERÍSTICAS/TEMÁTICAS/ ESTILOS</b>	<b>EXEMPLOS OBRAS E CRÔNICAS</b>
Martins Pena (1815–1848)	Comédia de costumes Drama Sátira	Os três médicos (1844) Um sertanejo na corte (1836) Os ciúmes de um pedestre ou o terrível capitão do mato (1845)
Joaquim Manuel de Macedo (1820–1882)	Discurso realista e coloquial	O Forasteiro (1855) A carteira de meu tio (1855) Memórias do sobrinho do meu tio (2 vols, 1867-1868) Memórias da Rua do Ouvidor (2005)
Gonçalves Dias (1823–1864)	Tom clássico e romântico Escrita equilibrada e rígida	Crônicas reunidas (2013) Beatriz Cenci (1843) Canção do exílio (1843) Meditação (1845) O canto do Piaga (1846) Primeiros cantos (1847) Leonor de Mendonça (1847) Segundos cantos (1848) Sextilhas do Frei Antão (1848) Últimos cantos (1851) I - Juca Pirama (1851)
Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1826–1889)	Deu início à crônica brasileira (1852)	A Semana (1852) Inteligência do Ato Adicional (1857) As assembleias provinciais (1869) O Tratado da Tríplice Aliança (1870) Cantos de Selma (1872) Traduções e poesias (1881)
José de Alencar (1829–1877)	Intelectualismo Temas policiais Guerra do Golfo	Ao correr da pena (1854-1855) Cinco minutos (1856) Cartas sobre a Confederação dos Tamoios (1856) O Guarani (1857) Verso e Reverso (1857) A Viuvinha (1860)
Manuel Antônio de Almeida (1830–1861)	Linguagem e temas realistas	Obra dispersa – Manuel Antonio de Almeida (1991)
Quintino Bocaiúva (1836–1912)	Polêmico Discurso agressivo e lógico	As constituições e os povos do Rio da Prata (1870)
França Júnior (1838–1890)	Linguagem leve Ironia	Ecos fluminenses (1886) Política e costumes (1957)
Machado de Assis (1839–1908)	Política Escravidão Diferenças sociais do século XIX Caráter de Perfeição intelectual	Aquarelas (1849) Bons dias (1888) Balas de estalo (1883) O velho senado (1898)
José do Patrocínio (1853–1905)	Ativismo antiescravidão Abolicionismo	Cidade do Rio (1889)
Artur Azevedo (1855–1908)	Crítica social e reforma urbana	Coleção Melhores Crônicas (2014)
Aluísio Azevedo (1857–1913)	Linguagem simples predominantemente descritiva Crítica social Pessimismo	Os doidos (1879) O Mulato (1881) Memórias de um condenado (1882) Mistérios da Tijuca (1882) O touro negro (1910)
Raul Pompéia (1863–1895)	Vocabulário rico Linguagem objetiva e impessoal	Raul Pompéia: Obras (1984) (Afrânio Coutinho)
Coelho Neto (1864–1934)	Opinão sobre turbulências Problemas sociais	Bilhetes postais (1894) Lanterna mágica (1898)

	Política	Por montes e vales (1899) O meio (1899) Versas (1918) A política (1919) Atlética (1920) Frutos do tempo (1920) O meu dia (1922)
Olavo Bilac (1865–1918)	Linguagem leve Humor Ironia	A Bruxa – Theatro (1896) A Bruxa – Chronica (1896) A Bruxa – Política (1896) A Bruxa – O Carrilhão da Bruxa (1896) Kósmos – Chronica (1904)
Lima Barreto (1881–1922)	Temáticas sociais e nacionalistas Linguagem coloquial e fluida	A mulher brasileira (1911) As enchentes (1915) O morcego (1915) 15 de novembro (1921)
João do Rio (João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto) (1881–1921)	Observações refinadas Lirismo requintado	As religiões no Rio (1904) A alma encantadora das ruas (1908) As ventoinhas (1931) Tragédias cariocas para rir (1996)
Lima Barreto (1881–1922)	Estilo direto e coloquial Crítica às desigualdades sociais do século XIX	Bagatelas (1956) Marginalia (1956) Vida Urbana (1956)
Manuel Bandeira (1886–1968)	Estilo lírico e melancólico	Crônicas da Província do Brasil (1937) Noções de História das Literaturas (1940) Lira dos Cinquenta Anos (1940) Belo, Belo (1948) Mafuá do Malungo (1948) Literatura Hispano-Americana (1949)
Humberto de Campos (1886–1934)	Comparações e reflexões a partir de narrativas conhecidas	Memórias (1933)
Manuel Bandeira (1886–1968)	Lirismo poético Linguagem coloquial Irreverência	Crônicas da Província do Brasil (1937)
Oswald de Andrade (1890–1954)	Linguagem mais livre semelhante à linguagem coloquial	Telefonemas, crônicas, (1944 – 1954)
Graciliano Ramos (1892–1953)	Visão crítica das relações humanas	Linhas tortas (1981)
Mário de Andrade (1893–1945)	Linguagem coloquial, cultura nacional.	Os filhos da Candinha (1943)
Gustavo Corção (1896–1978)	Polêmico Cristianismo	A descoberta do outro (1944)
Cecília Meireles (1901–1964)	Ritmo Musicalidade e lirismo	Crônicas de viagem: (Evocação lírica de Lisboa. Madrugada no ar. Luz da Holanda. Índia Florida.) (1919)
José Lins do Rego (1901–1957)	Sensibilidade	Diários associados (1935) O Globo (1935)
Carlos Drummond de Andrade (1902–1987)	Estilo poético Traços de ironia, pessimismo e humor sobre fatos observados no cotidiano.	Ciao (1984) Boca de Luar (1984) Furto de flor (1985) Horóscopo (1978) O pintinho (2012)
Érico Veríssimo (1905–1975)	Linguagem tradicional e olhar crítico	O escritor diante do espelho (2012)
Rachel de Queiroz	Estilo vigoroso e enxuto	Manuel (1966)

(1910–2003)	Temas sociais	Um alpendre, uma rede, um açude (1994)
Nelson Rodrigues (1912–1980)	Costumes Cultura Futebol	Memórias de Nelson Rodrigues (1967) O óbvio ululante: primeiras confissões (1968) A cabra vadia (1970) O reacionário: memórias e confissões (1977) À sombra das chuteiras imortais Crônicas de Futebol (1992)
Vinícius de Moraes (1913–1980)	Leveza Senso de humor Lirismo	Sentido da primavera (1944) Para uma menina com uma flor (1966)
Rubem Braga (1913–1990)	Lirismo Humor Ironia	O Morro do Isolamento (1944) Um pé de milho (1948) O homem rouco (1949) A borboleta amarela (1956) A traição das elegantes (1957) Ai de ti Copacabana (1960) Recado de Primavera (1984) Crônicas do Espírito Santo (1984) O Verão e as Mulheres (1986) As boas coisas da vida (1988)
Antonio Olinto (1919–2009)	Valorização da cultura nacional	A casa da água (1983) Trono de vidro (1987)
Clarice Lispector (1920–1977)	Estilo intimista. Narrativas psicológicas	A legião estrangeira (1964) Para não esquecer (1978) A descoberta do mundo (1984)
Paulo Mendes Campos (1922–1991)	Reflexões bem-humoradas Perplexidade perante o mundo Textos fluídos e líricos sobre o mar, a vida carioca, conversas de bar, etc.	O cego de Ipanema (1960) Homenzinho na ventania (1962) Os bons ladrões (1961) Foram proibidas as baianas (1964) A verdadeira história de Pio (1966) O anjo bêbado (1969) Os bares morrem numa quarta-feira (1981) Coração materno (1987) Diário da Tarde (1996) Ser brotinho (2000)
Otto Lara Resende (1922–1992)	Ironia, política	Bom dia para nascer (1993)
Fernando Sabino (1923–2004)	Humor	A cidade vazia (1950) A mulher do vizinho (1962) A companheira de viagem (1965) A inglesa deslumbrada (1967) Homem olhando o mar (1967) Deixa o Alfredo falar (1976) O encontro das águas (1977) Crônica irreverente de uma cidade tropical (1977) Dona Custódia (1984) Macacos me mordam (1984) A condessa descalça (1984) O corpo da guarda (1984) No fim dá certo (1998) A chave do enigma (1999) O galo músico (1999) Cara ou coroa? (2000)

Millôr Fernandes (1923–2012)	Humor Ironia	Primeiro plano (1954) Esta é a verdadeira história do paraíso (1972) O mundo visto daqui (2010)
Stanislaw Ponte Preta (1923–1968)	Humor amargo, comicidade.	Febeapá – Festival de Besteiras que Assola o País (1966) Tia Zulmira e eu (1961)
Sérgio Porto (1923–1968)	Uso de gírias e neologismos. Ironia Sátira Humor ácido.	O homem ao lado (1958) Rosamundo e os outros (1963)
Carlos Heitor Cony (1926–2018)	Ironia Objetividade	Da arte de falar mal (1963) Ato e o fato (1964) Posto Seis (1965) O suor e a lágrima (2002) O tudo ou o nada (2004) Para ler na escola (2009)
Zuenir Ventura (1931)	Humor Assuntos polêmicos	Crônicas de um fim de século (2003) 70/80 Cultura em trânsito – da repressão à abertura (2003) Crônicas para ler na escola (2012)
Lourenço Diaféria (1933–2008)	Humor Otimismo	Recado urgente (1964) Herói. Morto. Nós (1977)
Rubem Alves (1933–2014)	Lirismo	A volta do exílio (1979) O parentesco entre bichos e homens (1982) Em nome do avô, do neto e da brincadeira (1998) A complicada arte de ver (2004)
Ignácio de Loyola (1936)	Cultura Ironia Olhar incisivo Viés experimental	A rua de nomes no ar (1988) O mel de ocara (2013)
Luis Fernando Veríssimo (1936)	Linguagem leve Humor	O popular (1973) A grande mulher nua (1975) Amor brasileiro (1977) O rei do rock (1978) Ed Mort e Outras Histórias (1979)
Moacyr Scliar (1937–2011)	Realidade social da classe média urbana do Brasil Medicina Judaísmo Escreveu para o público infanto-juvenil	A massagista japonesa (1984) Um país chamado infância (1989) Dicionário do viajante insólito (1995) Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar (1996) A língua de três pontas: crônicas e citações sobre a arte de falar mal (2001) O imaginário cotidiano (2001) As melhores crônicas de Moacyr Scliar (2004) Do jeito que a gente vive (2007) Histórias que os jornais não contam (2009)
Arnaldo Jabor (1940)	Humor Ironia Reflexões sobre o cotidiano Política	Os canibais estão na sala de jantar (1993) Brasil na cabeça (1995) Sanduíches de realidade (2004) Amor é prosa, sexo é poesia (2004) Pornopolítica: paixões e taras na vida brasileira (2006)
Mário Prata	Linguagem coloquial, clareza e leveza.	100 Crônicas (1997)

(1946)		Espirrando a crônica (1998) Minhas vidas passadas a limpo (1998) Cem melhores crônicas que, na verdade, são 129 (2008)
Martha Medeiros (1961)	Temática social: Comportamento, atitudes. Política, religião, economia, comunicação tecnologias, mídia, saúde, empresariado, etc.	Geração bivolt (1995) Santiago do Chile – Crônicas e dicas de viagem (1996) Topless (1997) Trem-bala (1999) Montanha-russa (2003)
Wanderlino Arruda (1934)	Biografias Costumes Tradições históricas. Cotidiano.	Jornal de domingo (1982) O dia em que Chiquinho sumiu (1987) Short stories (2005) Construtores de Montes Claros (2011) Poemas e Crônicas (2016)

Fonte: elaboração própria.

Conforme visto, há muitos cronistas e os temas abordados são bastante variados. Dessa forma, tem-se um repertório amplo para a proposição de leitura do gênero crônica, com diversidade de tipos e temas suficiente para despertar o gosto pela leitura nos mais variados tipos de leitor, podendo partir da apresentação de temas que já sejam do interesse da turma e acrescentar temas novos que ampliem seu repertório.

## 2 O CONTEXTO E PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS

### 2.1 Breve explicitação do contexto que gerou a proposta de pesquisa

O contexto inspirador da pesquisa, que coincide com o *lócus* de trabalho da pesquisadora, no qual atua como professora regente de Língua Portuguesa, é a Escola Estadual Monsenhor Gustavo (EEMG). Como havia previsão de desenvolvimento das atividades práticas em sala de aula com a respectiva análise e divulgação dos dados, envolvendo, assim, seres humanos, a proposta de pesquisa foi submetida ao comitê de ética da Unimontes por meio da Plataforma Brasil, tendo obtido o Parecer nº 3.915.977. Anexo A.

O referido educandário encontra-se localizado à rua Monte Sinai, número 595, bairro Santo Inácio, na cidade de Montes Claros/MG e atende, principalmente, a população dos bairros Santo Inácio, Nossa Senhora das Graças, Vila Italiana, Maria Cândida, Vila Telma, José Carlos Vale de Lima, Santa Rafaela e Conjunto Havaí.

Segundo consta no Plano Político, a maioria dos estudantes da escola é de baixa renda, os pais vivem do trabalho informal, como pedreiros, ajudantes, vendedores ambulantes, domésticas e poucos casos de trabalhadores com vínculos na cidade. Grande parte deles começa a trabalhar bem cedo e outros ficam em casa responsáveis pelos afazeres domésticos para os pais poderem trabalhar. Muitos são filhos de pais separados ou de mães solteiras e vivem com as avós. Poucos têm acompanhamento em casa, porque, além de conviverem com a ausência dos pais, muitos deles são analfabetos ou semianalfabetos. É comum verificar alunos apresentando dificuldade de leitura, escrita e interpretação. Há ainda o problema da indisciplina e do descompromisso de muitos educandos que contribui para que tenham resultados insatisfatórios. Além disso, a escola pode contar pouco com a família, apesar de incentivar sua participação na vida escolar dos estudantes.

Conforme os documentos da escola, atualmente ela atende aproximadamente 750 alunos, do 1º ano do ensino fundamental I até o 3º ano do ensino médio, distribuídos em três turnos. No turno matutino, são oferecidas seis turmas de ensino fundamental II e cinco turmas de ensino médio. No vespertino, são oferecidas duas turmas de ensino fundamental II e dez de ensino fundamental I, sendo duas de cada ano de escolaridade (1º ao 5º ano). No noturno são oferecidas, durante o 1º semestre, 3 turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e durante o segundo semestre, 2 turmas.

O currículo educacional tem como parâmetro os documentos oficiais: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei 9.394/1996 (LDB), os Parâmetros Curriculares

Nacionais/1997 (PCN), o Conteúdo Básico Comum/2005 (CBC) e a Base Nacional Comum Curricular/2018 (BNCC).

Salientamos que ante a transformação das aulas presenciais em remotas, a partir de março de 2020, apesar de mantermos a possibilidade de desenvolvimento na escola acima descrita e *lócus* da pesquisadora, a proposta foi redimensionada para aplicação não só nessa realidade, mas também, em várias outras que apresentem características semelhantes. Conforme a Resolução Nº 003/2020, de 02 de junho de 2020, que define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, os trabalhos de conclusão deixaram de ter a obrigatoriedade de aplicação em sala de aula presencial e passaram a ter caráter propositivo. Anexo B.

Sendo assim, decidiu-se pela escrita da proposta para ser futuramente desenvolvida, cabendo a recomendação de que cada professor, ao decidir pelo desenvolvimento da leitura de crônicas, observe, da forma que o fizemos com relação às aulas de língua portuguesa de turmas do ensino fundamental II, aspectos concernentes à leitura de seus alunos tais como os que se seguem, entre outros:

- (i) alunos com dificuldade para compreender textos na sua totalidade;
- (ii) alunos que compreendem partes de textos lidos, não conseguindo localizar todas as informações essenciais solicitadas ou localizando-as com muita dificuldade;
- (iii) alunos que interpretam mas não compreendem as informações;
- (iv) alunos que não conseguem fazer inferências, nem relacionar informações extratextuais e intertextuais ao texto lido;
- (v) alunos que não conseguem fazer inter-relações entre textos e conhecimentos prévios.
- (vi) Alunos que não gostam de ler o gênero crônica.

A intenção é que seja feito um levantamento preliminar das características dos leitores, de suas habilidades, interesses e possíveis dificuldades. Salientamos, também, que, com pequenas adaptações, as atividades poderão ser desenvolvidas em outros níveis de ensino, se constituindo, portanto, em uma contribuição teórica e metodológica para professores de Língua Portuguesa de um modo geral. Como é possível constatar, é comum a presença de solicitação da leitura de crônicas, seguida de perguntas de interpretação e de compreensão em questões de concursos de um modo geral e nas avaliações para ingresso em cursos superiores – Vestibular e Enem – entre outros.

## 2.2 Proposições metodológicas

Com referência ao método de abordagem que teve como base os procedimentos técnicos para a coleta de dados, a pesquisa pode ser classificada de delineamento bibliográfico. Para isso, nos valem de fontes escritas (livros e artigos) principalmente, além de fonte documental (BNCC), disponíveis no formato físico e em meio eletrônico. A pesquisa bibliográfica é considerada por Gil (2008, p.44), um procedimento investigativo com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Naturalmente não foi intenção explorar exhaustivamente as teorias que deram sustentação à proposta, contudo, considerando a importância de embasamento teórico para o desenvolvimento de uma atividade que se propõe teórico-prática, o conhecimento de especificidades relativas ao gênero crônica, por exemplo, são fundamentais para o êxito das atividades de leitura desse gênero.

Vale salientar que como o objetivo geral foi “Elaborar e divulgar um Caderno de Pressupostos Teóricos e Atividades Práticas de Leitura Crítico-Compreensiva de Crônicas”, além da fundamentação bibliográfica, a investigação encontrou sustentação na metodologia qualitativa que, conforme Bortoni-Ricardo (2008, p. 42), pressupõe a construção e o aperfeiçoamento de teorias concernentes à “[...] organização social e cognitiva da vida em sala de aula que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos”. Consideramos, ainda, que a pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2010 *apud* MARTINS; RAMOS, 2013, p. 10), “[...] busca questões muito específicas e pormenorizadas, preocupando-se com um nível da realidade que não pode ser mensurado e quantificado”, e, sendo assim, é proposta com base em significados, razões, desejos, crenças, valores, atitudes e outras características subjetivas.

Foi exatamente essa a proposta da presente investigação que teve como parâmetro a realidade da sala de aula e o compromisso social de possibilitar o aperfeiçoamento das atividades docentes, rumo a uma atuação com vistas a proporcionar aos alunos o desenvolvimento da atividade de leitura de crônicas. Nesse sentido, o interesse foi no processo e não necessariamente no produto ou em seus resultados, mesmo porque o caderno elaborado e as sugestões nele apresentadas não constituem propostas acabadas e nem passíveis de quantificação.

Além disso, nesta investigação, consideramos, prioritariamente:

- (i) a compreensão dos processos de leitura por meio de estratégias;
- (ii) as propostas de leitura direcionadas para a realidade da sala de aula sendo necessária a observância subjetiva das características dos alunos por parte dos

professores;

- (iii) a consideração de que o que se propõe com a pesquisa é um processo de descobertas e construções – novos conhecimentos e explorações podem ser propostos a todo momento;
- (iv) os resultados não são matemáticos e muito menos fechados, são hermenêuticos, ou seja, passíveis de serem interpretados e descritos também qualitativamente.

Assim sendo, cada professor que desenvolver as atividades, poderá, a todo momento, não só criar outras ações de leitura, mas também, acrescer informações e técnicas de leitura diferenciadas, agindo subjetivamente conforme as características de seus alunos, concebendo suas ações como atos sociais de construção de conhecimentos, incorporando significados e intencionalidades desde que socialmente significativas para todos.

Em síntese, diríamos que cada professor se tornará responsável por sua prática, pois nossa proposta apenas abre caminhos. Dessa forma, no momento em que as propostas de leitura de crônicas forem desenvolvidas na sala de aula, cada professor poderá ter em mente que estará desenvolvendo uma pesquisa-ação que, no parecer de Pimenta (2005, p. 523), pressupõe que os envolvidos na pesquisa, “[...] compõem um grupo com objetivos e metas comuns, interessados em um problema que emerge num dado contexto no qual atuam desempenhando papéis diversos”.

Conforme proposto por Gil (2008, p. 143), para a realização da pesquisa-ação, torna-se necessário, primeiramente, identificar o problema, o que se faz por meio do levantamento, descrição e análise de dados e, na sequência, elaborar um planejamento de ações destinadas a enfrentar o problema, nele intervindo com vistas a mudar a realidade, lembrando que essa é também a meta do ProfLetras.

Sendo assim, a presente proposta apresenta as sugestões para, a partir da realidade dos alunos, ter como parâmetro planos de desenvolvimento de leitura de crônicas.

A partir da elaboração de um quadro com alguns dos principais cronistas brasileiros e exemplos de suas obras, foram selecionadas aleatoriamente cinco crônicas porque não seria possível abordar todos os autores e tipos de crônicas neste trabalho. Foram selecionadas: Despedida, de Rubem Braga; Os adolescentes e a solidão, de Moacyr Scliar; Finitude, de Martha Medeiros; O outro, de Moacyr Scliar e Banho, mania de brasileiro, de Wanderlino Arruda. Priorizou-se, contudo, a análise de uma crônica de um cronista local, no caso, Wanderlino Arruda. Fica a indicação para o caso de professores de outras localidades priorizarem uma amostra de cronistas de sua cidade, como forma de dar maior relevância social

e cultural à análise.

CADERNO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO  
INSTRUCIONAL

# LEITURA DE CRÔNICAS

PROPOSTAS DE LEITURA CRÍTICA E  
COMPREENSIVA DE CRÔNICAS NO ENSINO  
FUNDAMENTAL II

MARISTELA GOMES  
COELHO FONSECA



# PROPOSTAS DE LEITURA CRÍTICA E COMPREENSIVA DE CRÔNICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

**MARISTELA GOMES COELHO FONSECA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Letras – em rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Montes Claros para submissão à banca de defesa e obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho.

**Área:** Linguagens e Letramentos

**Linha:** Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

**Sublinha:** Ensino e aprendizagem da leitura e da produção textual.

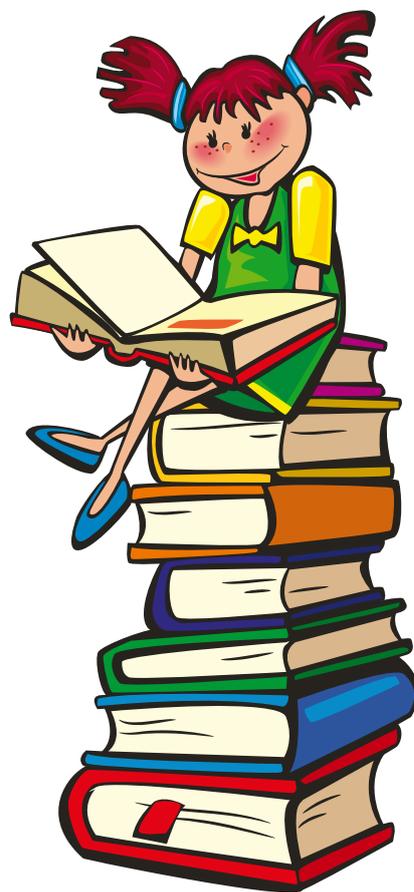
# FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

49

Título	<i>O gênero textual crônica em sala de aula do ensino fundamental</i>
Autora	<i>Prof<sup>fa</sup>. Mestranda Maristela Gomes Coelho Fonseca</i>
Orientação	<i>Prof<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho</i>
Curso	<i>Mestrado Profissional em Letras</i>
Instituição	<i>Universidade Estadual de Montes Claros – Minas Gerais</i>
Escola de implementação	<i>Escola Estadual Monsenhor Gustavo</i> <i>Endereço: Rua Monte Sinai, 595, Bairro Santo Inácio, Montes Claros</i> <b>Obs.:</b> Com possibilidade de implementação em outras escolas de educação básica.
Área	<i>Língua Portuguesa</i>
Área interdisciplinar	<i>Literatura: letramento literário</i>
Resumo	<i>Produção didático-pedagógica contendo 05 atividades no formato de planos de aula a serem desenvolvidos por professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental da Escola Estadual Monsenhor Gustavo e por professores desse nível de ensino de escolas brasileiras (públicas ou privadas). A produção contém atividades de leitura de crônicas dos autores brasileiros Moacyr Scliar, Rubem Braga, Martha Medeiros e Wanderlino Arruda, que abordam temas variados. O objetivo do material é apresentar contribuições teóricas relativas ao gênero crônica de forma a subsidiar os professores com relação às particularidades desse gênero, referentes ao histórico de surgimento, finalidades, objetivos, tipos, questões estruturais e de linguagem. As atividades são propostas de acordo com a teoria da Análise do Discurso, a qual aborda o trabalho com o texto de forma ampla, considerando a importância da interação autor-texto-leitor para que haja compreensão, e a metodologia baseada nas estratégias de leitura propostas por Solé (1998).</i>
Palavras chave	<i>Leitura. Crônica.</i>
Formato do material	<i>Caderno Didático-Pedagógico-Instrucional: leitura de crônicas no ensino fundamental II</i>
Público	<i>Professores da Educação Básica (Ensino Fundamental II)</i>
Divulgação	<i>Site.</i>

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	04
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	06
<b>PROPOSTA DE ATIVIDADE PARA ABORDAGEM DO GÊNERO CRÔNICA</b> .....	13
<b>PROPOSTA DE LEITURA PARA OS PROFESSORES</b> .....	14
Considerações gerais sobre o gênero crônica .....	14
A leitura na BNCC .....	29
<b>APRESENTAÇÃO DOS PLANOS</b> .....	33
Plano 1 - Leitura da crônica <i>Despedida</i> de Rubem Braga .....	33
Plano 2 - Leitura da crônica <i>Os adolescentes e a solidão</i> de Moacyr Scliar .....	40
Plano 3 - Leitura da crônica <i>Finitude</i> de Martha Medeiros .....	48
Plano 4 - Leitura da crônica <i>O outro</i> de Moacyr Scliar .....	56
Plano 5 - Leitura da crônica <i>Banho, mania de brasileiro</i> de Wanderlino Arruda .....	65
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	74



# APRESENTAÇÃO

Prezados colegas,  
Saudações Cordiais!

Apresentamos o Caderno Didático-Pedagógico-Instrucional intitulado *Leitura de Crônicas no Ensino Fundamental II*, contendo planos de aula elaborados com a finalidade de apresentar contribuições para nós professores de Língua Portuguesa, no qual abordamos a leitura de crônicas em salas de aula da educação básica: ensino fundamental II.

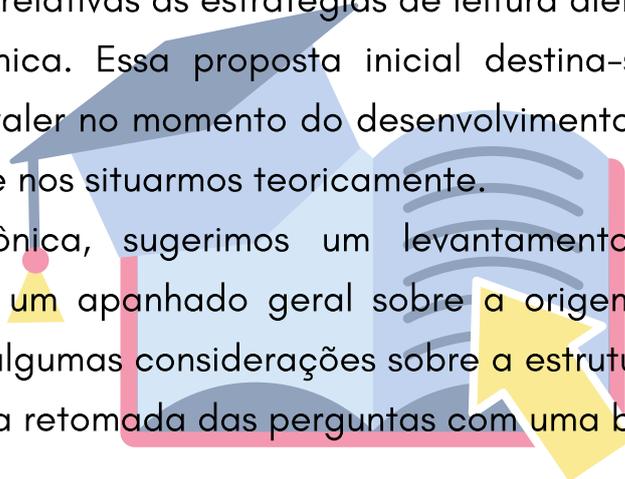
Salientamos que, com essa produção, o que se pretende não é oferecer modelo de ação, mas mostrar que docentes e discentes possuem saberes que precisam ser mobilizados nos momentos de estudo, saberes que precisam ser adquiridos em fontes disponíveis e saberes que devem ser produzidos. Assim, a escola é considerada um laboratório de mobilização, aquisição e produção de saberes. Professores e alunos são sujeitos/agentes que utilizam os saberes existentes mas transcendem essa utilização. No caso da leitura, é necessário transcender a dimensão linguística, a materialidade do texto e mesmo as ideias dos autores e instaurar um processo reflexivo.

O caderno tem como objetivo primordial, envolver os alunos na leitura de crônicas para que eles despertem e mantenham o interesse pela leitura desse gênero textual e se mostrem receptivos e participativos enquanto desenvolvem habilidades de interpretação e compreensão a partir da materialidade e da organização do gênero, partindo de seus conhecimentos prévios, do exame do texto para as possíveis leituras e olhares.

Constituído por 05 planos, totalizando um planejamento para 40 horas de atividades, essa produção explora apenas o gênero crônica.

Para isso, conta com um texto inicial de fundamentação teórica com a abordagem dos pressupostos da leitura discursiva, informações relativas às estratégias de leitura além de uma fundamentação relativa ao gênero crônica. Essa proposta inicial destina-se à fundamentação teórica da qual devemos nos valer no momento do desenvolvimento dos planos, em sala de aula. É, assim, uma forma de nos situarmos teoricamente.

Ao fazermos referência ao gênero crônica, sugerimos um levantamento de conhecimentos prévios seguido da leitura de um apanhado geral sobre a origem, as características, os principais tipos de crônica, algumas considerações sobre a estrutura e a linguagem desse gênero e, na sequência, uma retomada das perguntas com uma breve síntese escrita.



Na parte de sugestão de aplicação estão os planos, estruturados nos moldes das estratégias de leitura propostas por Solé (1998), portanto, trazem as atividades para os três momentos propostos pela autora: (i) antes da leitura; (ii) durante a leitura e, (iii) após a leitura. Importante salientar que os textos a serem explorados encontram-se no caderno de forma a facilitar o desenvolvimento das atividades. Contudo, alguns textos de enriquecimento teórico para os professores, ou de pesquisa para os alunos, estão sugeridos.

As crônicas escolhidas para compor este Caderno de Atividades tratam de temas variados, abordados por diferentes autores. O plano 1 traz a proposta de trabalho com a crônica “Despedida”, de Rubem Braga, cronista reconhecido por sua grande produção desse gênero. No plano 2 temos a crônica “Os adolescentes e a solidão”, de Moacyr Scliar que traz a reflexão sobre a solidão, situação comum nessa faixa etária. O plano 3 apresenta a crônica “Finitude”, de Martha Medeiros, que desperta a atenção do leitor para a valorização de coisas já presentes no seu dia a dia. O plano 4 traz mais um texto de Moacyr Scliar, “O outro”, crônica baseada numa notícia; grande parte das crônicas desse autor foram escritas tendo como inspiração notícias publicadas. O último plano, de número 5, apresenta proposta de trabalho com a crônica “Banho, mania de brasileiro”, de Wanderlino Arruda, cronista local, membro da Academia Montesclareense de Letras.

Professora Maristela Gomes Coelho Fonseca  
Escola Estadual Monsenhor Gustavo Montes Claros/MG  
Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade  
Estadual de Montes Claros



# INTRODUÇÃO

Compreendemos que o papel fundamental da escola deve ser proporcionar a cada um que nela ingressa, como sujeito aprendiz, a oportunidade de desenvolver-se não só intelectualmente, de forma a adquirir conhecimentos científicos, mas também social e culturalmente, experimentando a liberdade de pensamento crítico e criativo. Com essa compreensão, ao organizarmos este caderno de planos, partimos do princípio de que propor aulas de leitura do gênero crônica na perspectiva da Linguística Textual, de acordo com estratégias previamente definidas, é uma oportunidade não só para despertar o gosto pela leitura, mas também, para a abertura de possibilidades para novas interpretações e percepções de mundo, aquisição de conhecimentos socioculturais, e resignificação de conhecimentos já adquiridos, por parte de alunos da educação básica.

Afinal, trabalhar a noção de gêneros no quadro teórico da Análise do Discurso requer vínculos com os pressupostos mais amplos dessa teoria que pressupõe não só pensar a linguagem no campo das relações sociais, marcada ideologicamente, mas também, concebida como interação e sempre perpassada por relações dialógicas e interdiscursivas.

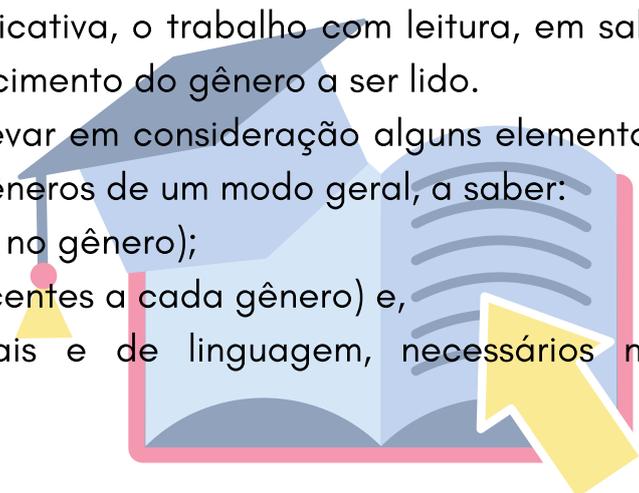
Nesse sentido, abordar textos na perspectiva do gênero textual, tal como propõe a AD, estimula a prática de leitura, uma vez que pressupõe:

- (i) a exploração dos conhecimentos prévios (linguísticos, textuais e de mundo), por meio de questionamentos e estabelecimento de inferências;
- (ii) o momento de fundamentação com a finalidade de proporcionar a aquisição de conhecimentos referentes ao contexto de produção, características do produtor, finalidades, configurações estruturais e de linguagem;
- (iii) uma metodologia interativa, dialógica - socializadora e socializante.

Ademais, sabendo-se que há uma diversidade de contextos de uso da linguagem e de gêneros, já que cada esfera de comunicação humana tem características próprias para se adequar a uma determinada situação comunicativa, o trabalho com leitura, em sala de aula, deve necessariamente envolver o conhecimento do gênero a ser lido.

Assim, para a leitura de crônicas, há que se levar em consideração alguns elementos básicos, propostos por Bakthin (2003), para os gêneros de um modo geral, a saber:

- (i) conteúdo temático (esfera de sentido referida no gênero);
- (ii) estilo (conjunto de marcas linguísticas pertencentes a cada gênero) e,
- (iii) forma composicional (elementos estruturais e de linguagem, necessários na constituição do gênero).



Além disso, há necessidade de conhecimentos relativos ao autor, ao contexto de produção e de características da interface do gênero crônica com a literatura.

Essa interface, vale salientar, prevê que a leitura é um convite à liberdade de expressão de ideias, de opiniões, de sentimentos e de emoções. Nesse sentido, as palavras e ideias, além de serem identificadas, compreendidas, interpretadas, devem revelar o que for mais interessante, e ajudar na compreensão do mundo e da realidade, desenvolvendo competência para construir sentido em relação à obra lida e ao universo de cultura no qual ela é gerada e circula.

A Linguística Textual parte do pressuposto que toda ação é acompanhada de processos cognitivos e, desse modo, o agente dispõe de modelos e tipos de operações mentais. Conforme Koch (2015, p.34), “o texto é originado por uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas”. Durante a produção do texto, o locutor deixa lacunas implícitas prevendo determinadas inferências que necessitam de um conhecimento enciclopédico o qual supõe que o leitor/ouvinte já possua. Sem acessá-lo, o objetivo traçado no ato da criação não será alcançado pelo leitor/ouvinte. Isso explica porque há diferentes compreensões de um mesmo texto. Assim, o intertexto já é um elemento previsto pelo locutor na comunicação.

De acordo com Koch (2015, p.143), “a intertextualidade *stricto sensu* ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores”. Pode estar explícita quando há menções diretas, citações, referências a outro texto, ou implícita quando não aparece de forma clara e exige do leitor/ouvinte maior atenção para reconhecê-la.

É importante considerar também nesse processo de desenvolvimento da leitura a interdiscursividade, que consiste em estabelecer conexões entre discursos e ideologias presentes na cultura que perpassam os textos orais e escritos. Desse modo, ao fazer menção a outras ideologias e discursos, o locutor utiliza interdiscursividade e prevê que seu leitor/ouvinte seja capaz de utilizar esse mesmo recurso para completar a compreensão da mensagem.

Essas são informações prévias que, necessariamente, ajudarão não só na compreensão do texto mas também na formação do senso crítico que deve ser inerente aos leitores de um modo geral e, aos de crônicas, de um modo particular.

É necessário salientar, também, que a leitura de crônicas está prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa, como texto narrativo que pode proporcionar ao ambiente escolar um espaço rico em reflexões críticas e analíticas, que possibilitam oportunidades de ouvir, falar, ler e escrever de forma compreensiva, autônoma, prazerosa e crítica.

Ao propor Língua Portuguesa para o ensino fundamental, a BNCC (2018) faz referência ao eixo Educação Literária, no qual deve predominar “[...] a formação para conhecer e apreciar textos literários orais e escritos, de autores de língua portuguesa e de traduções de autores de clássicos da literatura internacional.” (BRASIL, 2018, p. 64).

A intenção proposta pelo documento é, assim, “[...] promover o contato com a literatura para a formação do leitor literário, capaz de aprender e apreciar o que há de singular em um texto cuja intencionalidade não é imediatamente prática, mas artística.” (BRASIL, 2018, p. 64).

Nesse sentido, a finalidade da leitura literária, como a leitura de crônicas, por exemplo, é também proporcionar que os alunos descubram a literatura como possibilidade de fruição estética, ou seja, leitura prazerosa. O documento prevê, ainda, “[...] se a leitura literária possibilita a vivência de mundos ficcionais, possibilita também ampliação da visão de mundo, pela experiência vicária com outras épocas, outros espaços, outras culturas, outros modos de vida, outros seres humanos.” (BRASIL, 2018, p. 64).

Sendo assim, cabe ao professor, fundamentar-se teórica e metodologicamente, como forma de preparação para o trabalho com o gênero crônica, tanto no sentido discursivo quanto literário.

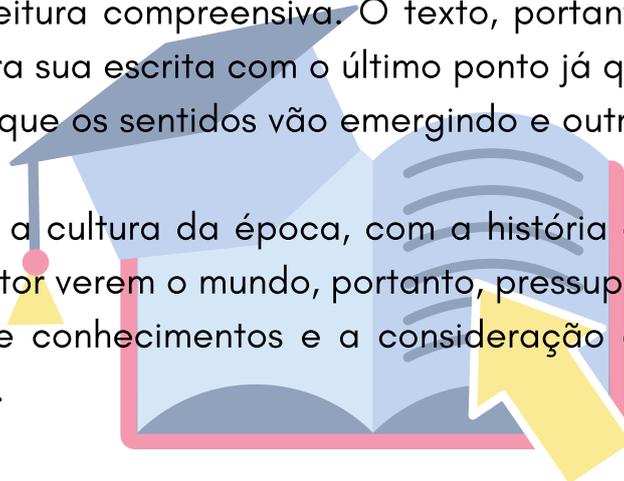
No concernente à metodologia de abordagem da leitura em sala de aula, é importante partir do princípio que o ato de ler não diz respeito apenas à apreensão da realidade por meio da linguagem verbal. Há que explorar a interpretação do pensamento expresso pela linguagem não verbal, por símbolos da escrita, de forma relacionada com as vivências, as experiências e a participação efetiva do sujeito leitor.

Para Solé (1998),

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias (SOLÉ, 1998, p.23).

Compreende-se que, sem a ação do leitor sobre o texto lido, sem um processo dialógico e inferencial, não há que se falar em leitura compreensiva. O texto, portanto, não está pronto e acabado quando o autor encerra sua escrita com o último ponto já que é no cruzamento de vozes do autor e dos leitores que os sentidos vão emergindo e outras leituras vão se constituindo.

A leitura é, assim, instauradora de diálogos com a cultura da época, com a história de escrita, com as diferentes formas do autor e do leitor verem o mundo, portanto, pressupõe ações sobre recursos expressivos, mobilização de conhecimentos e a consideração de que o texto é apenas potencialmente significativo.



A leitura é, assim, instauradora de diálogos com a cultura da época, com a história de escrita, com as diferentes formas do autor e do leitor verem o mundo, portanto, pressupõe ações sobre recursos expressivos, mobilização de conhecimentos e a consideração de que o texto é apenas potencialmente significativo.

Além disso, é necessário compreender que aprender a fazer uma leitura significativa não é uma atividade natural, para a qual o aluno se capacita sozinho. Entre livros e leitores há importantes mediadores e, o mais importante deles, sem dúvidas, é o professor. Além de ser presença fundamental na história de cada um dos alunos, deve dar seu testemunho de leitor, proporcionar reflexões sobre a importância de ler e adotar uma didática facilitadora, estimulante, reflexiva, diversificada, crítica. É seu papel ensinar os alunos a usarem a leitura para viverem melhor.

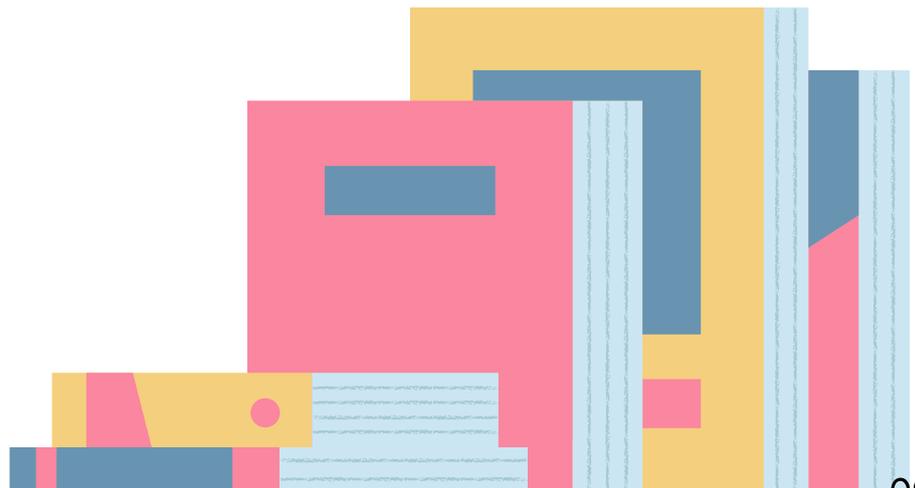
Neves (1998) quando faz referência ao professor que trabalha com a leitura, afirma que é aquele que

[...]apresenta o que será lido: o livro, o texto, a paisagem, a imagem, a partitura, o corpo em movimento, o mundo. É ele quem auxilia a interpretar e a estabelecer significados. Cabe a ele criar, promover experiências, situações novas e manipulações que conduzam à formação de uma geração de leitores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem e de reconhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos, disponíveis para a comunicação humana presentes no dia a dia (NEVES, 1998, p.14)

Evidentemente que isso só será possível se o professor articular diferentes formas de ler: ora a leitura silenciosa ora a oralizada, ora a individual ora a compartilhada, por exemplo, em rodas de leitura. Além disso, deve criar momentos de levantamento de conhecimentos prévios, momentos de fornecer conhecimentos e momentos de leitura propriamente dita. É nesse sentido que a sugestão é a abordagem de Solé (1998) que propõe o desenvolvimento de estratégias de ensino da atividade de ler. Para a autora, “[...] ensinar a formular e a responder perguntas sobre um texto é uma estratégia essencial para uma leitura ativa.” (SOLÉ, 1998, p. 155)...

Logo, a aplicação de estratégias em sala de aula implica a transformação do leitor passivo em leitor ativo, capaz de ler compreensivamente, por meio de organização do pensamento estratégico que, embora não funcione como “receita” para ordenar a ação, sem dúvida, oportuniza avançar seu curso em função de critérios de eficácia.

Segue um quadro com estratégias possíveis, propostas por Solé (1998).



OBJETIVOS	RECURSOS	ESTRATÉGIAS
Incentivar e desafiar os alunos.	Textos desconhecidos, mas com tema familiar.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prática de leitura fragmentada (cada um lê um parágrafo).</li> <li>• Leitura circular.</li> </ul>
Informar os propósitos da leitura de um determinado texto. Ensinar a estabelecer objetivos de leitura.	Proposição de objetivos de leitura	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Levantamento de objetivos gerais para a leitura: obter uma informação precisa, seguir instruções, obter uma informação de caráter geral, aprender, revisar um escrito próprio, obter prazer, comunicar um texto a um auditório, praticar a leitura em voz alta e verificar o que se compreendeu, etc.</li> </ul>
Ativar os conhecimentos prévios.	Perguntas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimulação dos alunos a falarem o que já sabem sobre o tema, explicando o que será lido e incentivando a observarem ilustrações, títulos, subtítulos e outros elementos do texto.</li> <li>• Apresentação de informações extratextuais que possam exercer influência sobre a leitura: dados biográficos do autor, época em que viveu, principais acontecimentos históricos da época, linguagem utilizada, outras obras.</li> </ul>
Estabelecer previsões sobre o que sucede no texto.	Leitura preditiva	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Levantamento de hipóteses e inferências que despertem a curiosidade do aluno para a leitura.</li> </ul>
Favorecer e melhorar o processamento da compreensão.	Questionamentos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de perguntas a respeito do texto durante toda a leitura.</li> </ul>
Mostrar aos alunos como se desenvolve o processo da leitura compreensiva.	Leitura compartilhada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Testagem de hipóteses durante o processo de leitura.</li> <li>• Formulação de perguntas sobre o que foi lido.</li> <li>• Esclarecimento de possíveis dúvidas sobre o texto.</li> <li>• Resumo das ideias.</li> </ul>
Trabalhar com tema e ideia principal do texto lido. Auxiliar na elaboração de resumo após leitura de texto. Formular e responder perguntas.	Atividade para realizar após a leitura. Leitura ativa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entendimento da diferença entre tema e ideia principal de um texto lido e identificação da ideia principal.</li> <li>• Escrita de resumo dos textos lidos e localização do tema (encontrando o tema de cada parágrafo, localizando e deixando de lado informações repetidas ou redundantes).</li> <li>• Formulação de perguntas pertinentes sobre o texto lido (literais, para pensar e buscar no texto e de elaboração pessoal que usam o texto como referencial, cujas respostas não podem ser deduzidas).</li> </ul>

Como é possível observar, são tantos objetivos e possibilidades que certamente não é possível prever todos para uma única leitura.

Também não adianta mandar ler. É necessário ensinar a ler. É essa a tarefa do professor que, para ser bem executada, requer saber sobre textos, sobre objetivos e estratégias de leitura e, progressivamente, ir agindo de modo a proporcionar avanços.

Solé (1998) sugere a criação de momentos específicos de abordagem da leitura em sala de aula, definindo ações para cada um deles. De acordo com ela, são ações que podem ser realizadas nos três momentos:

#### Quadro 2 - Antes da leitura

<b>MOMENTO</b>	<b>AÇÕES</b>
Antes da leitura	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Antecipação do tema ou ideia principal a partir de elementos paratextuais, como título, subtítulo, exame de imagens e de saliências gráficas.</li> <li>• Levantamento de conhecimentos prévios sobre o autor, o contexto de escrita, outras obras e sobre o assunto do texto específico.</li> <li>• Criação de expectativas em função do suporte e/ou da instituição responsável pela publicação.</li> <li>• Levantamento de expectativas em função da formatação estrutural do gênero.</li> <li>• Busca de informações sobre o tipo de crônica.</li> </ul>

Fonte: elaboração própria fundamentada em Solé (1998).

Para a leitura de crônicas, todas essas ações são necessárias. A expectativa é que os alunos se sintam motivados, curiosos e mantenham a atenção e o interesse pela leitura que se seguirá. A intenção é de que seja feita uma análise do título, elaboradas perguntas e realizadas inferências, bem como, estabelecidos objetivos.

#### Quadro 3 - Durante da leitura

<b>MOMENTO</b>	<b>AÇÕES</b>
Durante a leitura	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Confirmação, rejeição ou retificação das antecipações ou expectativas/inferências criadas antes da leitura.</li> <li>• Focalização ou construção do tema ou da ideia principal.</li> <li>• Esclarecimentos de palavras desconhecidas a partir da inferência ou consulta do dicionário.</li> <li>• Formulação de conclusões implícitas no texto, com base em outras leituras, experiências de vida, crenças, valores pessoais.</li> <li>• Formulação de hipóteses a respeito da sequência do enredo.</li> <li>• Identificação de palavras-chave.</li> <li>• Busca de informações complementares; construção do sentido global do texto.</li> <li>• Identificação das pistas que mostram a posição do autor.</li> <li>• Identificação de novas informações.</li> <li>• Identificação da presença de aspectos intertextuais.</li> </ul>

Fonte: elaboração própria fundamentada em Solé (1998).]]

Em se tratando do gênero crônica, é no momento da leitura que o professor sugere a identificação de aspectos relevantes para que os alunos identifiquem mais facilmente as informações essenciais e as de apoio. Cabe ao professor encorajar os alunos a estabelecer um diálogo com o texto, de forma a gerar questões que facilitem a identificação de ideias que melhor o representem.

Assim, os alunos geram questões referentes ao conteúdo e criam expectativas para respondê-las, estabelecendo um automonitoramento da compreensão do texto de forma compartilhada, já que pressupõe troca de ideias com toda a classe.

#### Quadro 4 - Depois da leitura

<b>MOMENTO</b>	<b>AÇÕES</b>
Depois da leitura	<ul style="list-style-type: none"><li>• Escrita de síntese oral da semântica do texto.</li><li>• Registro escrito para melhor compreensão.</li><li>• Socialização de ideias.</li><li>• Levantamento de informações para tirar conclusões.</li><li>• Avaliação das informações ou opiniões emitidas no texto.</li><li>• Avaliação crítica do texto.</li><li>• Emissão de pareceres pessoais a respeito dos fatos.</li><li>• Comparação da linguagem da notícia com a linguagem da crônica (se for o caso).</li><li>• Comparação dos fatos da notícia com os fatos da crônica.</li><li>• Identificação de pontos de vista do autor da crônica.</li><li>• Identificação de aspectos sociais e comparação com a atualidade.</li></ul>

Fonte: elaboração própria fundamentada em Solé (1998).

No caso da leitura de crônicas, todas as ações citadas, e outras mais, são possíveis. O ideal é que elas sejam diversificadas para não se tornarem ações tão previsíveis. Assim, sintetizar, fazer roteiros, quadros comparativos, representações gráficas ilustradas com exemplos e levantamento de possibilidades são atividades necessárias nesse momento.

É após a leitura que dialogicamente, com a participação efetiva do professor, os alunos organizam as informações presentes no texto, selecionam e sintetizam informações relevantes e recorrem a informações extratextuais, se necessário. É também o momento de avaliarem as informações, de levantarem outras inferências, de confirmarem ou não as anteriores e de avaliarem informações.

Em síntese, é necessário encontrar as ações mais adequadas para cada momento, e ter em consideração que elas dependem do que se pretende com a leitura. O fundamental é conseguir que a atividade de leitura seja significativa para os alunos e que corresponda a uma finalidade que eles possam compreender, participar e compartilhar.

Prof<sup>a</sup> Mestranda Maristela Gomes Coelho Fonseca - Unimontes/MG  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho - Unimontes/MG

# PROPOSTA DE ATIVIDADE PARA ABORDAGEM DO GÊNERO CRÔNICA

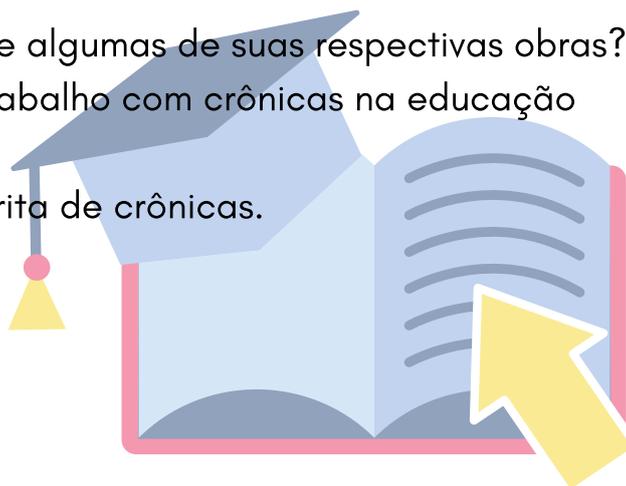
## OBJETIVO

Apresentar contribuições teóricas relativas ao gênero crônica de forma a subsidiar os professores com relação às particularidades desse gênero, não só referentes ao histórico de surgimento, finalidades, objetivos, tipos, mas também sobre as questões estruturais e de linguagem.

Para isso, seguem algumas questões de levantamento de conhecimentos prévios, uma leitura de fundamentação e uma síntese das características relativas ao gênero.

## Questões para levantamento de conhecimentos prévios

- 1- O que é uma crônica?
- 2- Como surgiu esse gênero?
- 3- Quais são os tipos mais comuns de crônica e suas finalidades?
- 4- Quais são as principais características do gênero?
- 5- Quais são seus principais portadores?
- 6- Você poderia citar alguns cronistas brasileiros e algumas de suas respectivas obras?
- 7- No seu entender, quais são as finalidades do trabalho com crônicas na educação básica?
- 8- Teça comentários a respeito dos estilos de escrita de crônicas.



# PROPOSTA DE LEITURA PARA OS PROFESSORES <sup>61</sup>

## 1.1 Considerações gerais sobre o gênero crônica

É possível afirmar que, desde sua origem, o gênero crônica teve como princípio básico o registro de ações circunstanciais ocorridas no cotidiano, narradas de forma passageira, em sequência cronológica. Do ponto de vista etimológico é explicada por Massaud Moisés (1988) como oriunda

do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo Latim *chronica(m)*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a História, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los.

Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfonso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da História, não sem ostentar acentuados traços de ficção literária. (MASSAUD MOISÉS, 1988, p. 245, grifos nossos).

Segundo estudiosos, aproximadamente entre meados do século XIV e o fim do século XVI, período renascentista, o termo passou a concorrer com o vocábulo história, contudo continuou sendo utilizado dado ao seu caráter de enumeração de eventos com rigidez e fidelidade à cronologia, como por exemplo para denominar peças de teatro relativas a assunto verídico, entre elas as de Shakespeare.

De acordo com Moisés (1988), a crônica só se desvinculou do caráter histórico com o desenvolvimento da imprensa a partir do século XIX, quando passou a ser concebida como gênero literário.

Sobre isso, no parecer de Coutinho (1986), a crônica passou a significar

[...] um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. “Crônicas” são pequenas produções em prosa, com essas características, aparecidas em jornais ou revistas. (COUTINHO, 1986, p. 121, grifos do autor).

Dadas essas características, progressivamente e com o passar do tempo, o termo deixou de ser utilizado como gênero literário e a palavra “crônica” firmou-se para designar os textos publicados em folhetins (espaço nos jornais em que se publicavam, além das crônicas, várias outras formas literárias, entre elas, por exemplo, o conto e o ensaio).

Ainda sobre a evolução histórica da crônica, e, fazendo referência ao seu espaço no jornalismo brasileiro, Melo (2003, p. 148) afirma: “No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países.”.

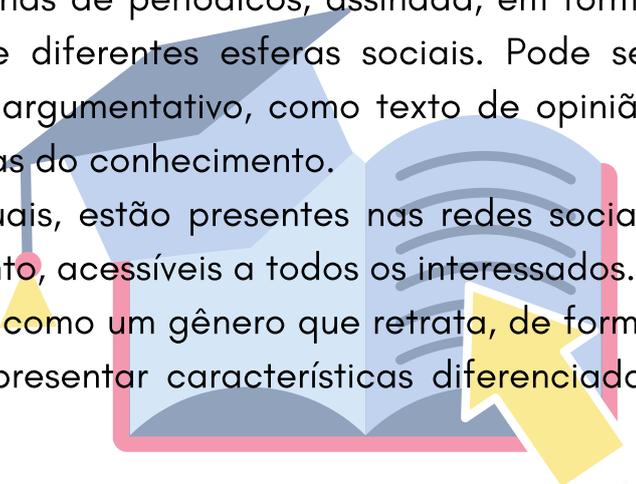
Sobre essa brasilidade, Massaud Moisés (1988, p. 246) afirma que “[...] a crônica, tal qual se desenvolveu entre nós, parece não ter similar noutras literaturas, salvo por influência de nossos escritores (como na Moderna Literatura Portuguesa)”. Essa afirmação deve-se ao fato de que em nosso país a crônica assumiu feição nitidamente literária, distanciando-se de outros modelos.

Para Sá (2005, p. 6), por exemplo, a crônica inicia-se com a circunstância do descobrimento e a escrita da Carta de Caminha e, com o passar do tempo e a abordagem de temas variados, passou a ser escrita por um narrador-repórter que relata um fato a um determinado público leitor de um jornal o que motivou uma nova estrutura e características. Tornou-se um texto curto, considerando o espaço restrito de seu portador.

Ainda no parecer de Sá (2005), a partir do momento em que o narrador-repórter passou a aproximar-se mais do local de ocorrência dos fatos, para dar mais veracidade ao seu texto, ocorreram mudanças não só na concepção de jornalismo da época mas também na linguagem e na estrutura folhetinesca, o que deu à crônica, um aspecto literário. O cronista passa a fazer uso de sua liberdade para explorar as possibilidades da língua, com vistas a mostrar aos leitores realidades possíveis.

Por ser veiculada no jornal, suporte com caráter de transitoriedade já que comumente apresenta os fatos do dia que se tornam obsoletos tão logo outros fatos surjam, também a crônica, no parecer de Sá (2005, p. 10): “[...] assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados, que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte ou no raro momento de trégua que a televisão lhes permite”. Com o passar do tempo, as crônicas começaram a ser selecionadas e organizadas em produções, coletâneas e publicadas em livros, deixando de ser lidas exclusivamente junto com as informações jornalísticas e ganhando um caráter duradouro e permanente de texto literário. Sobre a circulação, a crônica, no parecer de Costa (2009, p. 80) pode ser veiculada em diferentes portadores - jornais, colunas de periódicos, assinada, em forma de notícias, comentários e abordando temas de diferentes esferas sociais. Pode ser ainda, de caráter narrativo mas também do tipo argumentativo, como texto de opinião versando sobre temas diversos e de diferentes áreas de conhecimento.

Atualmente, tanto crônicas antigas quanto atuais, estão presentes nas redes sociais normalmente em sites de domínio público e, portanto, acessíveis a todos os interessados. De uma forma ampla, a crônica pode ser definida como um gênero que retrata, de forma verbal, acontecimentos do cotidiano podendo apresentar características diferenciadas (artísticas, humorísticas, críticas, etc.).



Pode-se afirmar que é um gênero de caráter narrativo mas também do tipo argumentativo, como texto de opinião. Trata de temas diversos de diferentes áreas do conhecimento e esferas sociais. Para Candido (1995, p. 5), “[...] a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. (...) pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.

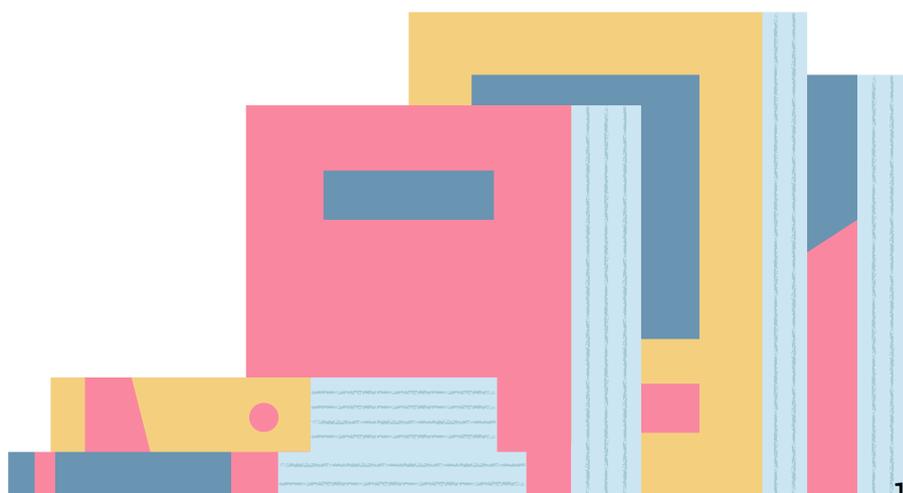
No que concerne à definição, à natureza, à diversidade e aos tipos de crônicas, os estudos evidenciam que há uma certa complexidade. Até mesmo no posicionamento dos próprios cronistas há diversidade e controvérsias. Sant’Anna (1995), por exemplo, em um tom irônico e humorístico, peculiar a alguns cronistas, apresenta posicionamentos sobre o que é ser cronista:

O que é um cronista? Luís Fernando Veríssimo diz que o cronista é como uma galinha, bota seu ovo regularmente. Carlos Eduardo Novaes diz que crônicas são como laranjas, podem ser doces ou azedas e ser consumidas em gomos ou pedaços, na poltrona de casa ou espremidas nas salas de aula. (SANT’ANNA, 1995, p. 3).

O autor faz uma comparação do cronista com o estilista, referindo-se ao santo que ficava anos e anos em cima de uma coluna, no deserto, meditando e pregando. “[...] O cronista é isso: fica pregando lá de cima de sua coluna no jornal.” E ao se indagar sobre o tipo de crônicas que escreve, responde que é de vários tipos, afirmando: “Conto casos, faço descrições, anoto momentos líricos, faço críticas sociais. Uma das funções da crônica é interferir no cotidiano.” (SANT’ANNA, 1995, p. 4).

Entende-se com isso que o gênero crônica apresenta temáticas e estruturas variadas e, nesse sentido, seu estudo e ensino não devem ser abordados de uma forma conceitual e metodicamente explicado.

Nesse sentido, Candido (1992), estudioso do gênero crônica, privilegiando a configuração referente ao modo de exposição e ao objetivo, propõe a seguinte divisão, seguida de características e de autores representativos:



TIPOS	CARACTERÍSTICAS	CRONISTAS
Crônica-diálogo	Quando há um revezamento e troca de pontos de vista e informações entre o cronista e seu interlocutor imaginário.	Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino
Crônica narrativa	Quando apresenta uma estrutura de ficção, semelhante ao conto: histórias com unidades de ação, tempo, espaço, personagens. Normalmente são narrativas curtas, dialogadas, de final imprevisto e surpreendente.	Rubem Braga
Crônica de exposição Poética	Quando faz divagações sobre um acontecimento ou personalidade, tecendo uma série de associações.	Paulo Mendes Campos
Crônica biográfica lírica	Quando narra, poeticamente, a vida de alguém, prestando reverência.	Affonso Romano Sant'Anna

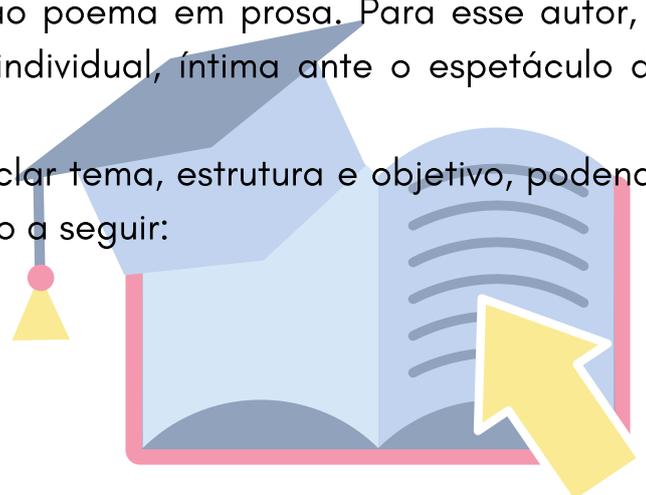
Fonte: Elaboração própria fundamentada em Candido (1992).

Ainda no parecer desse autor,

Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. 'Graças a Deus', - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (CANDIDO, 1985, p. 5, grifos do autor)

Dessa forma, o autor ressalta uma das características inerentes à crônica: a de abordar temas do cotidiano de forma próxima do leitor e, conseqüentemente, relativas ao seu mundo. Coutinho (2003) fala de algumas dificuldades em conceituar a crônica, dada a sua natureza ambígua e o seu caráter de transcendência e circunstancialidade, que muitas vezes a conduz ao conto, ao ensaio ou ao poema em prosa. Para esse autor, a crônica é “[...] altamente pessoal, uma reação individual, íntima ante o espetáculo da vida, coisas, seres.” (COUTINHO (2003, p. 136).

Concernente à classificação, ele opta por mesclar tema, estrutura e objetivo, podendo ser dividida em cinco subgêneros conforme quadro a seguir:



**TIPOS**

**CARACTERÍSTICAS**

**CRONISTAS**

Crônica narrativa	Desenvolvida em torno de uma estória ou de um episódio, o que a aproxima do conto, principalmente em sua concepção moderna, quando perdeu as características tradicionais de começo, meio e fim. Envolve ações, personagens, tempo, espaço. Fatos ficcionais. É a forma como o cronista vê e relata, de forma singular, o mundo, aos leitores.	Fernando Sabino
Crônica metafísica ou filosófica	Diferente do conto não pressupõe um conflito. A temática surge da percepção dos fatos do cotidiano e é apresentada na forma de relato de uma possibilidade de acontecimento. Quando o autor tece reflexões filosóficas ou de meditação sobre acontecimentos ou homens.	Clarice Lispector Luiz Fernando Veríssimo Rubem Braga
Crônica poema-em-prosa	Apresenta conteúdo lírico correspondente ao suposto extravasamento da alma do artista, ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado.	Carlos Drummond de Andrade Machado de Assis
Crônica-comentário	Apresenta uma mistura de vários assuntos diferentes ou díspares.	Rubem Braga Manuel Bandeira Raquel de Queiroz Álvaro Moreira Ledo Ivo
Crônica-informação	Caracteriza-se por divulgar os fatos com breves comentários. Aproxima-se do sentido etimológico.	José de Alencar Machado de Assis José de Alencar

Fonte: Elaboração própria fundamentada em Coutinho (2003)

Ainda sobre a classificação, Massaud Moisés (1988) privilegiando a ambiguidade do gênero literário, propõe dois tipos de crônica:



TIPOS	CARACTERÍSTICAS	CRONISTAS
Crônica-poema	Caracterizada por prosa emotiva chegando a assemelhar-se ao verso. “Enquanto poesia, a crônica explora a temática do ‘eu’, resulta de o ‘eu’ ser o assunto e o narrador a um só tempo, precisamente como todo ato poético” (MOISÉS, 1967, p. 251, grifos do autor). O cronista ressalta o contemplativo e concentra-se nem suas emoções.	Carlos Drummond de Andrade
Crônica-conto	Narrativa de um acontecimento que tenha despertado a atenção do cronista. É como se fosse um conto. “[...] prima pela ênfase no ‘não-eu’, no acontecimento que provocou a atenção do escritor” (MOISÉS, 1967, p. 251).	Carlos Drummond de Andrade

Fonte: Elaboração própria fundamentada em Massaud Moisés (1988)

Já Beltrão (1980), considerando duas variáveis eminentemente jornalísticas, aponta:

Quadro 08 – Tipos de crônica para Beltrão (1980)

CATEGORIA	TIPOS	CRONISTAS
Quanto à natureza	Geral	Aborda vários assuntos
	Local	Aborda o cotidiano da cidade
	Especializada	Os assuntos são abordados por especialistas.
Quanto ao tratamento do tema	Analítica	Mais racional e dialética: exposição breve e análise objetiva dos fatos. “Linguagem sóbria, elegante, enérgica, embora não lhe devam faltar capricho e graça.” (p. 68).
	Crônica sentimental	Sem profundidade dialética. Escrita com linguagem alegre, com mais qualitativos e gerúndios, tem ritmo ágil e discurso muitas vezes poético. Apelo à sensibilidade de seu leitor, explorando aspectos “pitorescos, líricos, épicos, capazes de comover e influenciar para a ação num impulso quase inconsciente”.
	Crônica satírico-humorística	Objetiva criticar, “ridicularizando ou ironizando fatos, ações, personagens ou pronunciamentos comenta-dos, com finalidade de advertir ou entreter o leitor”. Sua abordagem é superficial e sua linguagem é repleta de nuances, verbos no futuro do pretérito e duplo sentido (com uso de aspas).

Fonte: Elaboração própria fundamentada em Beltrão (1980)

Em Melo (2003, p.159), há uma classificação proporcionada pelo cronista <sup>67</sup> Luis Fernando Veríssimo, que baseia-se na qualidade textual afirmando que:

- (i) crônica é qualquer uma (qualquer crônica);
- (ii) crôiqueta é a crônica curta;
- (iii) cronicão é a crônica grande, substancial, com parágrafos gordos;
- (iv) crônica grande crônica capaz de verdadeiramente consagrar seu autor.

Sabe-se que normalmente os cronistas não seguem um estilo único: ora escrevem um tipo, ora outro. O que favorece a identificação de autoria é normalmente o estilo de linguagem.

Sobre isso, Coutinho (1986) argumenta:

[...] há mesmo, entre os cronistas, os ecléticos, que se deliciam a borboletear em torno de diversos assuntos ou temas ou motivos, não se deixando jamais prender a nenhum deles permanentemente. É mesmo da a própria natureza da crônica a flexibilidade, a mobilidade, a irregularidade. (COUTINHO, 1986, P. 133)

Também são questões de linguagem que diferem o gênero crônica do gênero notícia, que, tal como a crônica, é escrita a partir de acontecimentos diários: enquanto a notícia é escrita de forma a assegurar a exatidão das informações analítica e objetivamente, a escrita da crônica comporta fatores emocionais, irônicos, sarcásticos, ficcionais, fantasiosos, dentre outros, de forma subjetiva, emotiva e criativa.

Sobre isso, Massaud Moisés (1988) afirma que a crônica

Difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano o seu húmus permanente, não visa à mera informação: o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia a dia pela universalização de suas virtualidades latentes, objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício. (MASSAUD MOISÉS, 1988, p. 247).

Certo é que, o que é comum entre os cronistas é o fato de versarem sobre assuntos do cotidiano já que normalmente buscam inspirações nos acontecimentos factuais do dia a dia. Embora haja lugar para assuntos diversificados, descrições detalhadas e longas, discussões sobre pontos de vista, são nitidamente evitadas.

Sobre a abordagem temática, Menezes (2002) afirma que a crônica vai além da apropriação do cotidiano já que o olhar do cronista é revestido de estranhamento dos fatos e ele enxerga brechas no real, principalmente aquelas invisíveis para a maioria das pessoas. No parecer desse autor, o leitor da crônica é o um interlocutor com o qual o cronista deve

[...] dividir tudo (ou quase tudo): questões pessoais que o afligem, viagens ou não-viagens que fez, lembranças alegres e tristes, crises de inspiração que eventualmente enfrenta. Enfim, há que seduzir o leitor, aproximar-se dele, tornar-se íntimo dele, transformar-se naquele cara que é procurado quando a pessoa enfrenta momentos difíceis. Em certos momentos, principalmente neste mundo de solitários em que vivemos, o cronista periga de se tornar alguém da família. Ou, se bobear, um amante. (MENEZES, 2002, p. 168).

Essa citação leva a entender que, por abordar temas corriqueiros, do dia a dia, o cronista está sempre próximo à realidade do leitor e, portanto, fazendo referência a aspectos da vida que são comuns aos dois.

Ao fazer referência ao estilo, o autor é de parecer que a crônica deve tender para as formas simples e para o tom comunicativo, de conversa, de bate-papo. E, quanto à linguagem, deve privilegiar, preferencialmente, idiomatismos, gírias, epítetos circunstanciais e jogos de palavras que identificam o momento e a temporalidade da escrita. Mesmo que tendam a desaparecer, dado ao caráter de efemeridade da língua – que é viva e, portanto, varia – essas características da linguagem asseguram o espírito da época e revelam características sociais importantes.

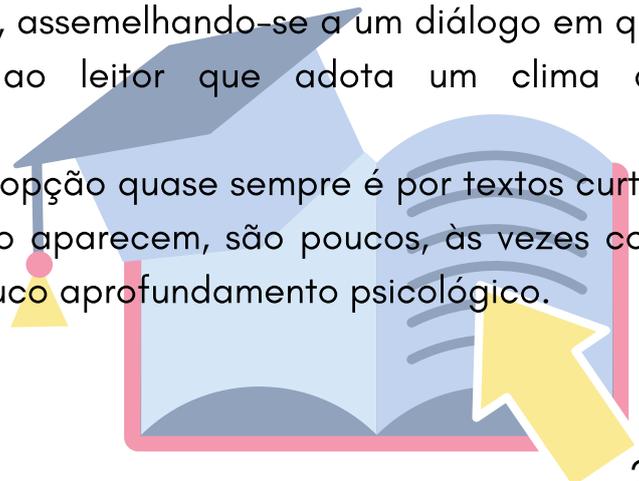
O que é comum verificar é que os autores geralmente privilegiam uma linguagem despojada, simples e espontânea, às vezes situada entre a linguagem oral e a escrita com tom crítico, irônico e sarcástico. Para Coutinho (1986),

a crônica deve empregar de preferência a linguagem da atualidade, não evitando de maneira sistemática os idiomatismos, epítetos circunstanciais e certos jogos de palavras que se formam eventualmente para desaparecer algum tempo depois. Sem essa prática, a crônica deixaria de refletir o espírito da época, uma vez que a língua corrente constitui a mais viva expressão da sociedade humana, no tempo. A linguagem e, mais expressivamente, a gíria social, é um tempero importantíssimo na confecção de uma crônica. (COUTINHO, 1986, p. 134).

Sobre o estilo da crônica, o autor é de parecer que ela deve ter de formas simples e ser desenvolvida em tom comunicativo (de conversa e bate-papo), semelhante a coisas sem importância, entrando a fundo no significado dos atos e sentimentos humanos.

Há predomínio da narrativa em primeira pessoa, assemelhando-se a um diálogo em que o cronista transmite sua visão de mundo ao leitor que adota um clima de cumplicidade/aceitação prazerosa.

O tempo é cronológico e quanto à extensão, a opção quase sempre é por textos curtos e de fácil compreensão. Já personagens, quando aparecem, são poucos, às vezes com nome, mas podem aparecer sem. Privilegia-se pouco aprofundamento psicológico.



Segundo Beltrão (1980, p. 71), “Às vezes, é fato, a gente escreve para algum amigo, a crônica é uma espécie de prolongamento de uma conversa: ou é um recado disfarçado, alguma coisa que a gente gostaria de dizer, mas prefere não dizer diretamente.”

Segue-se um quadro apresentando, cronologicamente, alguns dos principais cronistas brasileiros, com as principais características/temáticas e amostras de suas obras.

Quadro 09- Exemplos de principais cronistas brasileiros, algumas de suas características e obras.

<b>CRONISTAS</b>	<b>CARACTERÍSTICAS/ TEMÁTICAS/ ESTILOS</b>	<b>EXEMPLOS OBRAS E CRÔNICAS</b>
Martins Pena (1815-1848)	Comédia de costumes Drama Sátira	Os três médicos (1844) Um sertanejo na corte (1836) Os ciúmes de um pedestre ou o terrível capitão do mato (1845)
Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882)	Discurso realista e coloquial	O Forasteiro (1855) A carteira de meu tio (1855) Memórias do sobrinho do meu tio (2 vols, 1867-1868) Memórias da Rua do Ouvidor (2005)
Gonçalves Dias (1823-1864)	Tom clássico e romântico Escrita equilibrada e rígida	Crônicas reunidas (2013), Beatriz Cenci (1843) Canção do exílio (1843), Meditação (1845) O canto do Piaga (1846), Primeiros cantos (1847) Leonor de Mendonça (1847), Segundos cantos (1848) Sextilhas do Frei Antão (1848), Últimos cantos (1851) I - Juca Pirama (1851)
Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1826-1889)	Deu início à crônica brasileira (1852)	A Semana (1852) Inteligência do Ato Adicional (1857) As assembleias provinciais (1869) O Tratado da Tríplice Aliança (1870) Cantos de Selma (1872) Traduções e poesias (1881)
José de Alencar (1829-1877)	Intelectualismo Temas policiais Guerra do Golfo	Ao correr da pena (1854-1855) Cinco minutos (1856), A Viuvinha (1860) Cartas sobre a Confederação dos Tamoios (1856) O Guarani (1857), Verso e Reverso (1857)

CRONISTAS	CARACTERÍSTICAS/ TEMÁTICAS/ ESTILOS	EXEMPLOS OBRAS E CRÔNICAS
Manuel Antônio de Almeida (1830-1861)	Linguagem e temas realistas	Obra dispersa – Manuel Antonio de Almeida (1991)
Quintino Bocaiúva (1836-1912)	Polêmico Discurso agressivo e lógico	As constituições e os povos do Rio da Prata (1870)
França Júnior (1838-1890)	Linguagem leve Ironia	Ecos fluminenses (1886) Política e costumes (1957)
Machado de Assis (1839-1908)	Política Escravidão Diferenças sociais do século XIX Caráter de Perfeição intelectual	Aquarelas (1849) Bons dias (1888) Balas de estalo (1883) O velho senado (1898)
José do Patrocínio (1853-1905)	Ativismo antiescravidão Abolicionismo	Cidade do Rio (1889)
Artur Azevedo (1855-1908)	Crítica social e reforma urbana	Coleção Melhores Crônicas (2014)
Aluísio Azevedo (1857-1913)	Linguagem simples predominantemente descritiva Crítica social Pessimismo	Os doidos (1879) O Mulato (1881) Memórias de um condenado (1882) Mistérios da Tijuca (1882) O touro negro (1910)
Raul Pompéia (1863-1895)	Vocabulário rico Linguagem objetiva e impessoal	Raul Pompeia: Obras (1984) (Afrânio Coutinho)
Coelho Neto (1864-1934)	Opinão sobre turbulências Problemas sociais Política	Bilhetes postais (1894), Lanterna mágica (1898) Por montes e vales (1899), O meio (1899) Versas (1918), A política (1919), Atlética (1920) Frutos do tempo (1920), O meu dia (1922)

CRONISTAS	CARACTERÍSTICAS/ TEMÁTICAS/ ESTILOS	EXEMPLOS OBRAS E CRÔNICAS
Olavo Bilac (1865-1918)	Linguagem leve Humor Ironia	A Bruxa – Theatro (1896) A Bruxa – Chronica (1896) A Bruxa – Política (1896) A Bruxa – O Carrilhão da Bruxa (1896) Kósmos – Chronica (1904)
Lima Barreto (1881-1922)	Temáticas sociais e nacionalistas Linguagem coloquial e fluida	A mulher brasileira (1911) As enchentes (1915) O morcego (1915) 15 de novembro (1915)
João do Rio (João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto) (1881-1921)	Observações refinadas Lirismo requintado	As religiões no Rio (1904) A alma encantadora das ruas (1908) As ventoinhas (1931) Tragédias cariocas para rir (1996)
Lima Barreto (1881-1922)	Estilo direto e coloquial Crítica às desigualdades sociais do século XIX	Bagatelas (1956) Marginália (1956) Vida Urbana (1956)
Manuel Bandeira (1886-1968)	Estilo lírico e melancólico	Crônicas da Província do Brasil (1937) Noções de História das Literaturas (1940) Lira dos Cinquenta Anos (1940) Belo, Belo (1948) Mafuá do Malungo (1948) Literatura Hispano-Americana (1949)
Humberto de Campos (1886-1934)	Comparações e reflexões a partir de narrativas conhecidas	Memórias (1933)
Manuel Bandeira (1886-1968)	Lirismo poético Linguagem coloquial Irreverência	Crônicas da Província do Brasil (1937)

CRONISTAS	CARACTERÍSTICAS/ TEMÁTICAS/ ESTILOS	EXEMPLOS OBRAS E CRÔNICAS
Oswald de Andrade (1890-1954)	Linguagem mais livre semelhante à linguagem coloquial	Telefonemas, crônicas, (1944 - 1954)
Graciliano Ramos (1892-1953)	Visão crítica das relações humanas	Linhas tortas (1981)
Mário de Andrade (1893-1945)	Linguagem coloquial, cultura nacional.	Os filhos da Candinha (1943)
Gustavo Corção (1896-1978)	Polêmico Cristianismo	A descoberta do outro (1944)
Cecília Meireles (1901-1964)	Ritmo Musicalidade e lirismo	Crônicas de viagem: (Evocação lírica de Lisboa. Madrugada no ar. Luz da Holanda. Índia Florida.) (1919)
José Lins do Rego (1901-1957)	Sensibilidade	Diários associados (1935) O Globo (1935)
Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)	Estilo poético Traços de ironia, pessimismo e humor sobre fatos observados no cotidiano.	Ciao (1984) Boca de Luar (1984) Furto de flor (1985) Horóscopo (1978) O pintinho (2012)  O escritor diante do espelho (2012)
Érico Veríssimo (1905-1975)	Linguagem tradicional e olhar crítico	Manuel (1966)
Rachel de Queiroz (1910-2003)	Estilo vigoroso e enxuto Temas sociais	Um alpendre, uma rede, um açude (1994)
Nelson Rodrigues (1912-1980)	Costumes Cultura Futebol	Memórias de Néelson Rodrigues (1967) O óbvio ululante: primeiras confissões (1968) A cabra vadia (1970) O reacionário: memórias e confissões (1977) À sombra das chuteiras imortais Crônicas de Futebol (1992)

Vinícius de Moraes (1913-1980)	Leveza Senso de humor Lirismo	Sentido da primavera (1944) Para uma menina com uma flor (1966)
Rubem Braga (1913-1990)	Lirismo Humor Ironia	O Morro do Isolamento (1944) Um pé de milho (1948) O homem rouco (1949) A borboleta amarela (1956) A traição das elegantes (1957) Ai de ti Copacabana (1960) Recado de Primavera (1984) Crônicas do Espírito Santo (1984) O Verão e as Mulheres (1986) As boas coisas da vida (1988)
Antonio Olinto (1919-2009)	Valorização da cultura nacional	A casa da água (1983) Trono de vidro (1987)
Clarice Lispector (1920-1977)	Estilo intimista. Narrativas psicológicas	A legião estrangeira (1964) Para não esquecer (1978) A descoberta do mundo (1984)
Paulo Mendes Campos (1922-1991)	Reflexões bem-humoradas Perplexidade perante o mundo Textos fluídos e líricos sobre o mar, a vida carioca, conversas de bar, etc.	O cego de Ipanema (1960) Homenzinho na ventania (1962) Os bons ladrões (1961) Foram proibidas as baianas (1964) A verdadeira história de Pio (1966) O anjo bêbado (1969) Os bares morrem numa quarta-feira (1981) Coração materno (1987) Diário da Tarde (1996) Ser brotinho (2000)
Otto Lara Resende (1922-1992)	Ironia, política	Bom dia para nascer (1993)

CRONISTAS	CARACTERÍSTICAS/ TEMÁTICAS/ ESTILOS	EXEMPLOS OBRAS E CRÔNICAS
Fernando Sabino (1923–2004)	Humor	Acidade vazia (1950), A mulher do vizinho (1962) A companheira de viagem (1965) A inglesa deslumbrada (1967) Homem olhando o mar (1967) Deixa o Alfredo falar (1976) O encontro das águas (1977) Crônica irreverente de uma cidade tropical (1977) Dona Custódia (1984), Macacos me mordam (1984) A condessa descalça (1984) O corpo da guarda (1984) No fim dá certo (1998), A chave do enigma (1999) O galo músico (1999), Cara ou coroa? (2000)
Millôr Fernandes (1923–2012)	Humor Ironia	Primeiro plano (1954) Esta é a verdadeira história do paraíso (1972) O mundo visto daqui (2010)
Stanislaw Ponte Preta (1923–1968)	Humor amargo, comicidade.	Febeapá- Festival de Besteiras que Assola o País (1966) Tia Zulmira e eu (1961)
Sérgio Porto (1923–1968)	Uso de gírias e neologismos. Ironia . Sátira. Humor ácido.	O homem ao lado (1958) Rosamundo e os outros (1963)
Carlos Heitor Cony (1926–2018)	Ironia Objetividade	Da arte de falar mal (1963) Ato e o fato (1964) Posto Seis (1965) O suor e a lágrima (2002) O tudo ou o nada (2004) Para ler na escola (2009)
Zuenir Ventura (1931)	Humor Assuntos polêmicos	Crônicas de um fim de século (2003) 70/80 Cultura em trânsito - da repressão à abertura (2003) Crônicas para ler na escola (2012)

CRONISTAS	CARACTERÍSTICAS/ TEMÁTICAS/ ESTILOS	EXEMPLOS OBRAS E CRÔNICAS
Lourenço Diaféria (1933–2008)	Humor Otimismo	Recado urgente (1964) Herói. Morto. Nós (1977)
Rubem Alves (1933–2014)	Lirismo	A volta do exílio (1979) O parentesco entre bichos e homens (1982) Em nome do avô, do neto e da brincadeira (1998) A complicada arte de ver (2004)
Ignácio de Loyola (1936)	Cultura. Ironia Olhar incisivo Viés experimental	A rua de nomes no ar (1988) O mel de ocara (2013)
Luis Fernando Veríssimo (1936)	Linguagem leve Humor	O popular (1973) . A grande mulher nua (1975) Amor brasileiro (1977). O rei do rock (1978) Ed Mort e Outras Histórias (1979)
Moacyr Scliar (1937–2011)	Realidade social da classe média urbana do Brasil Medicina Judaísmo Escreveu para o público infanto-juvenil	A massagista japonesa (1984) Um país chamado infância (1989) Dicionário do viajante insólito (1995) Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar (1996) A língua de três pontas: crônicas e citações sobre a arte de falar mal (2001) O imaginário cotidiano (2001) As melhores crônicas de Moacyr Scliar (2004) Do jeito que a gente vive (2007) Histórias que os jornais não contam (2009)
Arnaldo Jabor (1940)	Humor Ironia Reflexões sobre o cotidiano Política	Os canibais estão na sala de jantar (1993) Brasil na cabeça (1995) Sanduíches de realidade (2004) Amor é prosa, sexo é poesia (2004) Pornopolítica: paixões e taras na vida brasileira (2006)
Mário Prata (1946)	Linguagem coloquial, clareza e leveza.	100 Crônicas (1997), Espirrando a crônica (1998) Minhas vidas passadas a limpo (1998) Cem melhores crônicas que, na verdade, são 129 (2008)

Martha Medeiros (1961)	Temática social: Comportamento, atitudes. Política, religião, economia, co- municação, tecnolo- gias, mídia, saúde, empresariado, etc.	Geração bivolt (1995) Santiago do Chile - Crônicas e dicas de viagem (1996) Topless (1997) Trem-bala (1999) Montanha-russa (2003)
Wanderlino Arruda (1934)	Biografias Costumes Tradições históricas. Cotidiano.	Jornal de domingo (1982) O dia em que Chiquinho sumiu (1987) Short stories (2005) Construtores de Montes Claros (2011) Poemas e Crônicas (2016)

Fonte: elaboração própria

Dadas essas considerações teóricas, vale salientar que uma proposta de leitura do gênero crônica não deve restringir-se ao pragmatismo, ou seja, servir apenas como pretexto para o ensino de conteúdos gramaticais e de produção textual. Deve chegar por meio de metodologias de ensino que proporcionem o letramento literário. Sendo assim, deve visar o desenvolvimento da habilidade de entender a literatura como aquela que fala de dúvidas, sonhos, medos, fantasias, e não como uma disciplina que se destina apenas ao estudo das características de estrutura textual e linguística ou da história dos movimentos literários.

Finalmente, há que se considerar que a literatura figura na (BNCC), como uma prática de linguagem relacionada à interação e à autoria (individual ou coletiva) via narrativa de fatos cotidianos da comunidade, de forma crítica, lírica ou bem-humorada.

## 1.2 A leitura na BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) cita habilidades relacionadas à leitura de vários gêneros textuais, cujo desenvolvimento é de responsabilidade da escola, já que é quem sistematiza esse conhecimento. São habilidades básicas para se construir no ensino fundamental.

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. (BRASIL, 2018, p. 88)

As habilidades previstas nesse documento que é o mais recente norteador do ensino no país, são transformadoras e necessárias ao desenvolvimento do leitor crítico e autônomo.<sup>77</sup> Sabe-se que a leitura e a compreensão influenciam o desempenho do indivíduo em todo o seu processo de formação escolar. Por isso, o desenvolvimento da leitura é um processo constante, tanto no que diz respeito a textos literários quanto à infinitude de textos que circulam diariamente em nossa sociedade:

Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica, por meio [...] do desenvolvimento de habilidades que garantam a compreensão, a apreciação, a produção e o compartilhamento de textos dos diversos gêneros, em diferentes mídias, que circulam nas esferas literária e artística. (BRASIL, 2018, p. 158).

Assim, a leitura parte da escola, mas se estende por toda a vida do cidadão, que precisa se tornar apto a desenvolver suas próprias leituras e usar as habilidades adquiridas durante a vida escolar.

Na BNCC a Literatura está proposta no Eixo Educação Literária que tem estreita relação com o eixo Leitura, diferenciando-se deste pelas particularidades de seus objetivos:

[...] se, no eixo Leitura, predominam o desenvolvimento e a aprendizagem de habilidades de compreensão e interpretação de textos, no eixo Educação literária predomina a formação para conhecer e apreciar textos literários orais e escritos, de autores de língua portuguesa e de traduções de autores de clássicos da literatura internacional. (BRASIL, 2018, p. 65).

A BNCC cuida ainda de estabelecer competências específicas de Língua Portuguesa para o ensino fundamental e propõe:

1. Reconhecer a língua como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.
3. Demonstrar atitude respeitosa diante de variedades linguísticas, rejeitando preconceitos linguísticos.
4. Valorizar a escrita como bem cultural da humanidade.
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequado à situação comunicativa, ao interlocutor e ao gênero textual.
6. Analisar argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação de valores e ideologias.
8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos e interesses pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
9. Ler textos que circulam no contexto escolar e no meio social com compreensão, autonomia, fluência e criticidade.
10. Valorizar a literatura e outras manifestações culturais como formas de compreensão do mundo e de si mesmo. (BRASIL, 2018, p. 66)

Práticas de compreensão e interpretação de textos verbais, verbo-visuais e multimodais. Textos da atualidade, com assunto e tema apropriados à faixa etária dos alunos e nível de textualidade adequado: vocabulário com possibilidades de enriquecimento do léxico do aluno e recursos expressivos denotativos e conotativos. (BRASIL, 2018, p. 136).

Algumas finalidades/estratégias devem ser priorizadas.

- Localização de informações em textos.
- Seleção de informações.
- Deduções e inferências de informações.
- Reconstrução das condições de produção e recepção de textos,.
- Reflexão sobre o conteúdo temático do texto; Reflexão sobre o léxico do texto.
- Reflexão sobre a forma, a estrutura e a organização do texto.
- Reflexão sobre os procedimentos estilístico-enunciativos do texto.
- Avaliação dos efeitos de sentido produzidos em textos.
- Recuperação da intertextualidade e estabelecimento de relações entre textos. (BRASIL, 2018, p. 140).

Algumas habilidades previstas para serem desenvolvidas no 8º ano, possíveis de serem propostas com a leitura de crônicas:

**(EF08LP32)** Analisar, em texto narrativo ficcional, o foco narrativo, os espaços físico e psicológico, os tempos cronológico e psicológico, as diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), o uso de recursos linguístico-gramaticais (vozes do verbo, adjuntos adnominais e adverbiais etc.).

**(EF08LP36)** Adaptar contos ou crônicas para encenação teatral, empregando, com adequação, rubricas de narração e variedades linguísticas nas falas de personagens (dialetos, regionalismos, gírias, registro formal/informal). (BRASIL, 2018, p. 141).

Para o 9º ano, em Língua Portuguesa no eixo oralidade estão previstas “Práticas de compreensão e produção de textos orais em diferentes contextos discursivos.” (BRASIL, 2018, p. 142). No eixo leitura,

Práticas de compreensão e interpretação de textos verbais, verbo-visuais e multimodais. Textos da atualidade, com assunto e tema apropriados à faixa etária dos alunos e nível de textualidade adequado: vocabulário com possibilidades de enriquecimento do léxico do aluno e recursos expressivos denotativos e conotativos. (BRASIL, 2018, p. 144).

Quanto às habilidades, entre outras podem ser relacionadas à leitura de crônicas as que se seguem:

**(EF09LP08)** Localizar e integrar várias informações explícitas distribuídas ao longo do texto, sintetizando-as em uma ideia geral, categoria<sup>9</sup> ou conceito.

**(EF09LP09)** Pesquisar informações, de forma crítica e esclarecida, nos meios de comunicação e informação, novos ou tradicionais, sem exceder a quantidade de informações disponíveis, para resolver problemas.

**(EF09LP10)** Inferir informação pressuposta ou subentendida, com base na compreensão do texto.

**(EF09LP11)** Justificar tópicos discursivos, valores e sentidos veiculados por texto, relacionando ao seu contexto de produção, circulação e recepção (objetivo, interação textual, suportes de circulação, lugar social do produtor, contexto histórico destinatário previsto etc.).

**(EF09LP12)** Sintetizar texto lido, representando-o em tópicos e subtópicos, mapas conceituais, esquemas, resumos etc.

**(EF09LP13)** Justificar, pelo contexto semântico e linguístico, o significado de palavras e expressões desconhecidas. (BRASIL, 2018, p. 147).

Especificamente no eixo educação literária, para o 9º ano, “Práticas de leitura e reflexão para apreciar textos literários orais e escritos.” (BRASIL, 2018, p. 148).

Elementos constitutivos do discurso narrativo ficcional em prosa e versos: estrutura da narrativa e recursos expressivos.

Elementos constitutivos do discurso poético em versos: estratos fônico, semântico e gráficos.

Elementos constitutivos do discurso dramático em prosa e versos.

Recursos de criação de efeitos de sentido.

Intertextualidade.

Processos de criação. (BRASIL, 2018, p. 148)

Habilidades possíveis de serem alcançadas com o gênero crônica.

**(EF09LP36)** Avaliar a verossimilhança em textos ficcionais, considerando os acontecimentos narrados e o ponto de vista com base no qual são narrados.

**(EF09LP39)** Analisar, em texto literário, recursos expressivos que provocam efeitos de humor, ironia ou paradoxo.

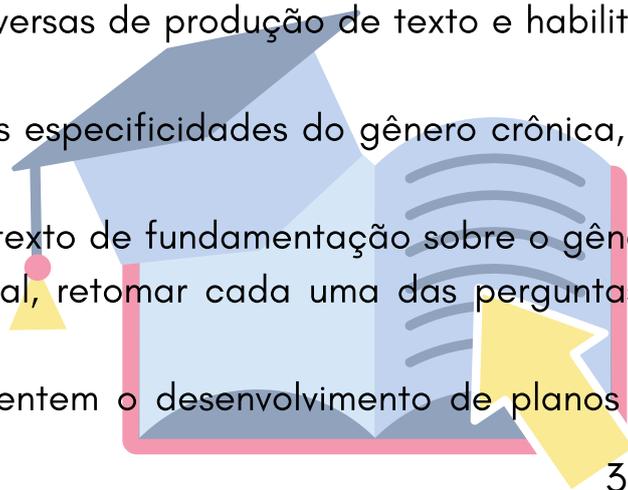
**(EF09LP42)** Criar contos ou crônicas, com temáticas diversas, aplicando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos do texto narrativo de ficção. (BRASIL, 2018, p. 149).

Compreende-se que a abordagem da literatura na BNCC tem por base a compreensão das diversas formas de uso da linguagem, sobretudo, em sua produção efetiva, para que essa prática reflita na interação com as formas diversas de produção de texto e habilitem o aluno para as várias finalidades comunicativas.

Para obtenção de maiores informações sobre as especificidades do gênero crônica, há recomendações de leitura nas referências.

Finalmente, como ação depois da leitura desse texto de fundamentação sobre o gênero crônica, sugerimos voltar ao questionamento inicial, retomar cada uma das perguntas e respondê-las com fundamentos teóricos.

Esperamos que os subsídios adquiridos fundamentem o desenvolvimento de planos de leitura de crônicas em sala de aula.



# APRESENTAÇÃO DOS PLANOS<sup>80</sup>

## PLANO 1 – LEITURA DA CRÔNICA “DESPEDIDA” DE RUBEM BRAGA

**Horas aula:** 8

**Atividade motivadora**

**Objetivo:** Sentir-se motivado, interessado e ativo para a leitura de crônicas

### **Atividades**

- Apresentação da proposta de leitura de crônicas e sugestão de pesquisa sobre a vida e a obra de Rubem Braga.
- Criação de um momento para socialização da pesquisa.

*Informações biográficas podem ser obtidas na internet.*

Veja seguir:

### **Biografia de Rubem Braga** – Por Diva Frazão

Rubem Braga, (1913–1990) foi um escritor e jornalista brasileiro. Tornou-se famoso como cronista de jornais e revistas de grande circulação no país. Foi correspondente de guerra na Itália e Embaixador do Brasil em Marrocos.

Rubem Braga nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, no dia 12 de janeiro de 1913. Seu pai, Francisco Carvalho Braga, era proprietário do jornal Correio do Sul. Iniciou seus estudos em sua cidade natal. Mudou-se para Niterói, Rio de Janeiro, onde concluiu o ginásio no Colégio Salesiano.

### **Carreira literária**

Em 1929, Rubem Braga escreveu suas primeiras crônicas para o jornal Correio do Sul. Ingressou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em seguida transferiu-se para Belo Horizonte, onde concluiu o curso, em 1932.

Nesse mesmo ano, iniciou uma longa carreira de jornalista, que começou com a cobertura da Revolução Constitucionalista de 32 para os Diários Associados.

A seguir, foi repórter do Diário de São Paulo. Fundou a Folha do Povo, o semanário Comício e, trabalhou no Diretrizes, semanário de esquerda dirigido por Samuel Wainer. Em 1936, Rubem Braga lançou seu primeiro livro de crônicas, O Conde e o Passarinho.

Com 26 anos, já era casado com a militante comunista Zora Seljjan. Não era filiado ao partido, mas militava ativamente na Aliança Nacional Libertadora. Depois de envolver-se em um caso amoroso impossível, decide mudar de cidade e de emprego.

Quando o cronista mudou-se para Porto Alegre, o Brasil vivia a ditadura Vargas e o mundo preparava-se para entrar em guerra. Ao por os pés em Porto Alegre, foi preso, por suas crônicas sobre o regime. Graças à pronta intervenção de Breno Caldas, dono do Correio do Povo e da Folha da Tarde, logo foi solto.

Durante os quatro meses em que ficou em Porto Alegre, Rubem Braga publicou 91 crônicas na Folha da Tarde, que foram publicadas postumamente em "Uma Fada no Front" (1994). Os escritos mostram um cronista engajado contra a ditadura Vargas e o nazismo.

À época, a luta política foi a nota dominante das crônicas da Folha, por isso, Braga teve que voltar ao Rio por causa das muitas pressões da polícia e dos círculos palacianos do Estado.

Em 1944, Rubem Braga foi para a Itália, durante a II Guerra Mundial, quando cobriu como jornalista as atividades da Força Expedicionária Brasileira. No início dos anos 50 se separou de Zora, que lhe deu um único filho Roberto Braga.

Rubem Braga foi sócio da "Editora Sabiá", e exerceu cargos de chefia do escritório comercial do Brasil no Chile, em 1955, e de embaixador no Marrocos, entre 1961 e 1963.

### **Características**

Rubem Braga dedicou-se exclusivamente à crônica, que o tornou popular. Como cronista mostrava seu estilo irônico, lírico e extremamente bem-humorado. Sabia também ser ácido e escrevia textos duros defendendo os seus pontos de vista. Fazia crítica social, denunciava injustiças, a falta de liberdade da imprensa e combatia governos autoritários.

### **Últimos anos**

Rubem Braga adorava a vida ao ar livre, morava em um apartamento de cobertura, em Ipanema, onde mantinha um jardim completo, com pitangueiras, passarinhos e tanques de peixes.

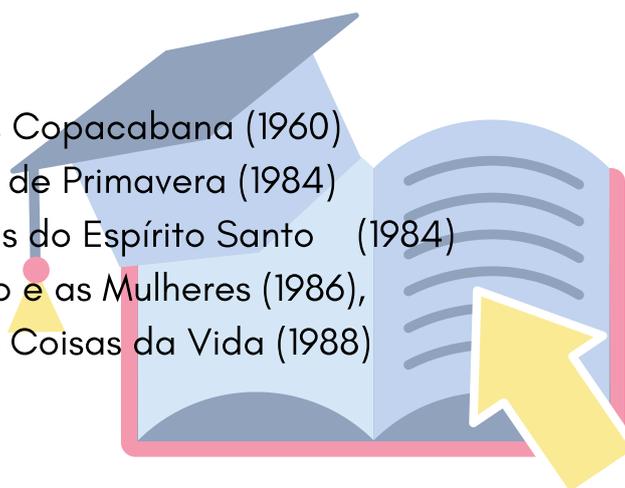
Nos últimos tempos, publicava suas crônicas aos sábados no jornal O Estado de São Paulo. Foram 62 anos de jornalismo e mais de 15 mil crônicas escritas, que reuniu em seus livros.

Rubem Braga faleceu, no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 1990.

### **Obras de Rubem Braga**

O Morro do Isolamento (1944)  
Um Pé de Milho (1948),  
O Homem Rouco (1949)  
A Borboleta Amarela (1956),  
A Traição das Elegantes (1957)

Ai de Ti, Copacabana (1960)  
Recado de Primavera (1984)  
Crônicas do Espírito Santo (1984)  
O Verão e as Mulheres (1986),  
As Boas Coisas da Vida (1988)



Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão.

Sou um homem quieto, o que eu gosto é ficar num banco sentado, entre moitas, calado, anoitecendo devagar, meio triste, lembrando umas coisas, umas coisas que nem valem a pena lembrar.

Desejo a todos, no Ano Novo, muitas virtudes e boas ações e alguns pecados agradáveis, excitantes, discretos e principalmente, bem-sucedidos.

Acordo cedo e vejo o mar se espreguiçando; o sol acabou de nascer. Vou para a praia; é bom chegar a esta hora em que a areia que o mar lavou ainda está limpinha, sem marca de nenhum pé. A manhã está nítida no ar leve; dou um mergulho e essa água salgada me faz bem, limpa de todas as coisas da noite.

Disponível em:

<[https://www.ebiografia.com/rubem\\_braga/](https://www.ebiografia.com/rubem_braga/)> Acesso em: 03, dez. 2020.

A leitura dessa biografia, pelo professor, ou a pesquisa sobre a vida e a obra de Rubem Braga, feita pelos alunos, oferece subsídios para a contextualização (social e política) do autor, aquisição de conhecimentos sobre suas obras e relativos à sua característica de escrita, informações necessárias para uma leitura produtiva de suas crônicas.

Sobre Rubem Braga, é significativo saber que ele é considerado um cronista por excelência, um ícone do gênero não só pela exclusividade de escrita e pela robustez e grandiosidade de sua obra, já que escreveu cerca de cerca de 15 mil crônicas, mas também por ter conseguido dar ao gênero crônica o sentido de permanência.

No momento de socialização dos conhecimentos referentes à vida e à obra do cronista é importante que cada um se manifeste.

Antes da leitura, ouvir com os alunos a música “Despedida”, de Roberto Carlos e conversar com eles sobre os sentimentos envolvidos na situação expressa na letra da música.

<https://youtu.be/X8GaaLEODXE>

### **Questões para levantamento de conhecimentos prévios e inferências:**

- 1- Você sabe o que é uma crônica?
- 2- No seu entender, como se caracteriza uma crônica narrativa?
- 3- Você já ouviu falar no cronista Rubem Braga?
- 4- A palavra despedida pode fazer referência a que fatos da vida cotidiana?
- 5- No seu entender, em quais circunstâncias pode ocorrer uma despedida?
6. Em se tratando de um texto ficcional, sem compromisso com algo real, o que é possível esperar de uma crônica que tem como título a palavra “Despedida”?
- 7- Rubem Braga escreveu a crônica Despedida na década de 60. Você sabe que momento social e político o Brasil vivenciava nessa época?

Feito esse levantamento inicial, propor na forma de exposição dialogada, informações importantes para a leitura.

### **Informações importantes para nortear a leitura da crônica *Despedida*.**

- Informações/saberes que o professor oferece aos alunos.
- Retomar as características relativas à estrutura e às características de uma narração.
- Apresentar o conceito e conhecimentos relativos ao gênero crônica (suas características, questões de linguagem, tipos de crônica e, necessariamente, a apresentação do cronista, situando-o no tempo, no espaço, comentando sobre seu estilo de escrita. Isso pode ser feito pela oferta da biografia dele ou por uma sugestão de pesquisa.

### **Leitura da crônica “Despedida”**

- Disponibilizar a crônica de forma impressa, propor a organização da sala de aula em círculo, proporcionar a leitura circular (cada um lê um parágrafo até completar a leitura de todo o texto).

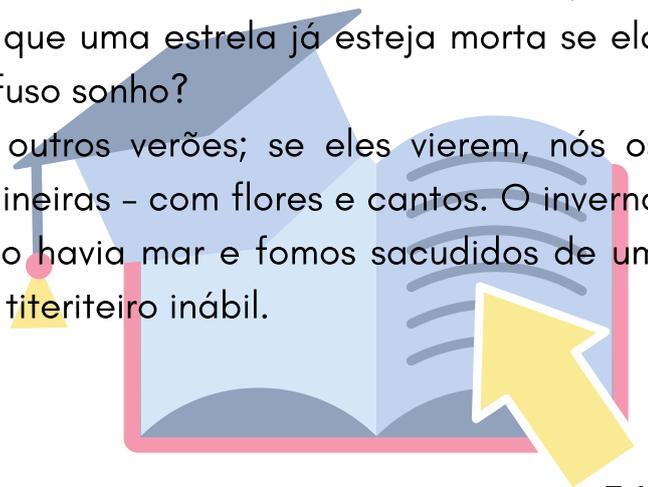
### **Despedida**

E no meio dessa confusão alguém partiu sem se despedir; foi triste. Se houvesse uma despedida talvez fosse mais triste, talvez tenha sido melhor assim, uma separação como às vezes acontece em um baile de carnaval – uma pessoa se perde da outra, procura-a por um instante e depois adere a qualquer cordão. É melhor para os amantes pensar que a última vez que se encontraram se amaram muito – depois apenas aconteceu que não se encontraram mais. Eles não se despediram, a vida é que os despediu, cada um para seu lado – sem glória nem humilhação.

Creio que será permitido guardar uma leve tristeza, e também uma lembrança boa; que não será proibido confessar que às vezes se tem saudades; nem será odioso dizer que a separação ao mesmo tempo nos traz um inexplicável sentimento de alívio, e de sossego; e um indefinível remorso; e um recôndito despeito.

E que houve outros momentos perfeitos que passaram, mas não se perderam, porque ficaram em nossa vida; que a lembrança deles nos faz sentir maior a nossa solidão; mas que essa solidão ficou menos infeliz: que importa que uma estrela já esteja morta se ela ainda brilha no fundo de nossa noite de nosso confuso sonho?

Talvez não mereçamos imaginar que haverá outros verões; se eles vierem, nós os receberemos obedientes como as cigarras e as paineiras – com flores e cantos. O inverno – te lembras – nos maltratou; não havia flores, não havia mar e fomos sacudidos de um lado para outro como dois bonecos na mão de um titeriteiro inábil.



Ah, talvez valesse a pena dizer que houve um telefonema que não pode haver;<sup>84</sup> entretanto, é possível que não adiantasse nada. Para que explicações? Esqueçamos as pequenas coisas mortificantes; o silêncio torna tudo menos penoso; lembremos apenas as coisas douradas e digamos apenas a pequena palavra: adeus.

A pequena palavra que se alonga como um canto de cigarra perdido numa tarde de domingo.

Rubem Braga. A traição das elegantes. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1967.\*

Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NjUwOTA/>>. Acesso em: 01 dez.2020.

\* Livro que reúne 60 crônicas que em sua maioria foram escritas na década de 1960 para jornais e revistas como Diário de Notícias, O Globo, Correio da Manhã, Jornal do Brasil, Manchete, O mundo Ilustrado e Cláudia.

## Depois da leitura

Feita a leitura, seguem-se comentários gerais sobre a estrutura do texto, identificação de personagens, de palavras desconhecidas, e o professor sugere que os alunos chequem suas inferências e seus conhecimentos prévios. Para isso, possibilitar o retorno às perguntas iniciais com comentários sobre as respostas dadas antes da leitura e possíveis respostas depois da leitura.

Na sequência, proporcionar uma aula comentada sobre o que é possível entender da crônica lida.

- Chamar a atenção para a simplicidade e o coloquialismo da linguagem. Sua proximidade com a oralidade (forma dialogada como se Rubem Braga estivesse conversando, falando de perto com seu leitor).
- Destacar a trivialidade do assunto, mostrando a sensibilidade do autor para abordar um tema que faz parte da condição humana, aparentemente simples e sem importância: o sumiço de alguém, sem que houvesse despedida, e os consequentes sentimentos de tristeza e de melancolia que o fato trouxe: “E no meio dessa confusão alguém partiu sem se despedir; foi triste.”
- Salientar a fugacidade da plenitude (não se é feliz sempre) sentimento que embora desejado, torna-se impossível com as tristezas e angústias e chega-se ao conformismo. Retomar partes como:

[...] talvez tenha sido melhor assim, uma separação como às vezes acontece em um baile de carnaval — uma pessoa se perde da outra, procura-a por um instante e depois adere a qualquer cordão.

[...] não se despediram, a vida é que os despediu, cada um para seu lado — sem glória nem humilhação.

Pode ser tão dilacerante a ponto de levar-nos a pensar que melhor seria nunca ter acontecido. Mas perdoemos os magoados, porque eles não sabem o que dizem. Melhor seria, isso sim, nunca ter que dizer adeus. Porém, a eternidade não existe (e caso existisse seria uma chatice). Há que, sem tragar demasiado rancor, acostumar-se com a ideia de o que foi já não será.

- Apesar de tudo, transcende a análise do acontecimento – a despedida ou a falta dela – por meio de reflexões:

Se houvesse uma despedida talvez fosse mais triste, talvez tenha sido melhor assim, uma separação como às vezes acontece em um baile de carnaval – uma pessoa se perde da outra, procura-a por um instante e depois adere a qualquer cordão. É melhor para os amantes pensar que a última vez que se encontraram se amaram muito – depois apenas aconteceu que não se encontraram mais. Eles não se despediram, a vida é que os despediu, cada um para seu lado – sem glória nem humilhação.

- Chamar a atenção para o fato de serem reflexões profundas, porém sem peso.
- Identificar a opinião do autor: “Esqueçamos as pequenas coisas mortificantes; o silêncio torna tudo menos penoso; lembremos apenas as coisas douradas e digamos apenas a pequena palavra: adeus.”
- Identificar o lirismo reflexivo que transcende a mera informação e aproxima a crônica da literatura (poema em prosa) linguagem melodiosa e direta. Ver por exemplo a cadência do parágrafo:

E que houve outros momentos perfeitos que passaram, mas não se perderam, porque ficaram em nossa vida; que a lembrança deles nos faz sentir maior a nossa solidão; mas que essa solidão ficou menos infeliz: que importa que uma estrela já esteja morta se ela ainda brilha no fundo de nossa noite de nosso confuso sonho?

- Explorar o caráter narrativo que lembra a tradição oral do contador de histórias: primeira pessoa, espaço, ações, personagens (alguém), tempo.
- Identificar divagações pessoais características da crônica.
- Chamar a atenção para a presença da antítese: verão e inverno que faz alusão às alegrias de um novo amor e às tristezas de um amor desfeito.
- Chamar a atenção para o convite do autor para sentimentos:

**(i) lembrança:** “[...] houve momentos perfeitos que passaram, mas não se perderam, porque ficaram em nossa vida [...]; “lembremos apenas as coisas douradas e digamos apenas a pequena palavra: adeus.”

**(ii) esperança:** “Talvez não mereçamos imaginar que haverá outros verões; se eles vierem, nós os receberemos obedientes como as cigarras e as paineiras – com flores e cantos.”

**(iii) tristeza e saudade:** “Creio que será permitido guardar uma leve tristeza, e também uma lembrança boa; que não será proibido confessar que às vezes se tem saudades.”

- Explicar que a confusão “E no meio dessa confusão...” não encontra imediato referente no texto. Ele deveria ser resgatado exoforicamente: (uma provável confusão/tumulto, acontecimentos devido ao momento político).
- Proporcionar reflexões tais como:

(i) Sabendo-se que a crônica é um texto que retrata ações cotidianas;

(ii) Sabendo-se que na época em que Rubem Braga escreveu “Despedida” o Brasil vivenciava o período da revolução.

(iii) Sabendo-se que a história mostra que nesse período pessoas eram exiladas ou mortas na calada da noite e que o autor era um militante de esquerda, proponha as questões e atividades que se seguem:

- Que conclusões podem ser tiradas sobre o sumiço de pessoas sem despedida?
- Estaria o autor fazendo uma denúncia ou alusão ao sumiço de pessoas em decorrência de questões políticas?

O que você sabe sobre o movimento político ocorrido na década de 60? Que tal pesquisar de forma intertextual com a disciplina História?

Criar um momento para socialização das informações obtidas.

O autor faz alusão intertextual às cigarras e às paineiras. O que você sabe sobre elas quando chega o verão? Que tal fazer uma pesquisa sobre o comportamento das cigarras e das paineiras – de forma intertextual com Ciências? Isso pode ocorrer consultando-se a internet.

Veja por exemplo informações disponibilizadas no site: <https://animais.culturamix.com/informacoes/insetos-e-aranhas/tudo-sobre-as-cigarras> (sobre cigarras) e <http://www.plantasonya.com.br/arvores-e-palmeiras/caracteristicas-da-paineira-ceiba-speciosa.html> (sobre paineiras).

Fazer a culminância da pesquisa apresentando os resultados em murais na escola.



# PLANO 2 – LEITURA DA CRÔNICA “OS ADOLESCENTES E A SOLIDÃO”<sup>87</sup> DE MOACYR SCLIAR

**Total de aulas:** 8

**Objetivo:** empreender leitura crítica e reflexiva sobre problemas contemporâneos.

## Antes da leitura

### CONHECIMENTOS PRÉVIOS E INFERÊNCIAS

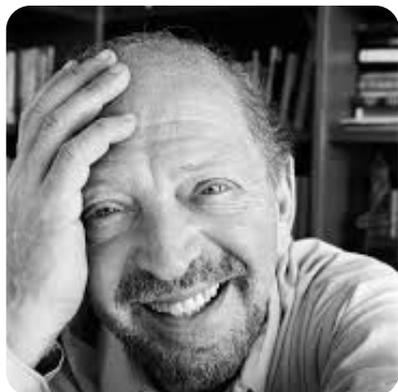
- Você já leu algum texto de Moacyr Scliar?
- Conhece algum aspecto da vida desse brasileiro?
- O título da crônica “Os adolescentes e a solidão”, chama sua atenção? Por quê?
- O que ele sugere?
- Que conhecimentos serão evidenciados pelos alunos?
- O que é solidão para você?
- Como você lida com sua solidão?
- Qual o sentido dicionarizado para o verbete solidão?

## Sugestão

Promover uma busca com os alunos. Possivelmente serão encontrados sentidos tais como: substantivo feminino que tem como entrada “1- estado de quem se acha ou se sente desacompanhado ou só; isolamento; 2- caráter dos locais ermos, solitários.” Vai encontrar, também, a explicação de que não é preciso estar só para sentir solidão já que até mesmo quando estamos rodeados de pessoas podemos nos sentir solitários.

## Conhecendo o autor

- Para levantamento de conhecimentos sobre o autor e sua obra, propor uma pesquisa na internet: leitura de blogs e sites que fazem alusão ao autor.
- Proporcionar a leitura comentada da biografia.



### Moacyr Scliar

Sétimo ocupante da Cadeira nº 31, da Academia Brasileira de Letras, eleito em 31 de julho de 2003, na sucessão de Geraldo França de Lima e recebido em 22 de outubro de 2003 pelo Acadêmico Carlos Nejar. Faleceu em 27 de fevereiro de 2011, em Porto Alegre, aos 73 anos.

Moacyr Jaime Scliar nasceu em 23 de março de 1937, no hospital da Beneficência Portuguesa, em Porto Alegre (RS).

Seus pais, José e Sara Scliar, oriundos da Bessarábia (Rússia), chegaram ao Brasil em 1904. Filho mais velho do casal, que teve ainda Wremyr e Marili, desde pequeno demonstrou inclinações literárias. O próprio nome Moacyr já é resultado dessa afinidade.

Foi escolhido por sua mãe Sara após a leitura de Iracema, de José de Alencar, significando “filho da dor”. Ele próprio dizia: “os nomes são recados dos pais para os filhos e são como ordens a serem cumpridas para o resto da vida”.

Em 1943, começou os estudos na Escola de Educação e Cultura, também conhecida como Colégio Lídice, onde sua mãe chegou a lecionar. Em 1948, transferiu-se para o Colégio Rosário, um ginásio católico.

Em 1955, foi aprovado no vestibular de Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde se formou em 1962. Especialista em Saúde Pública e Doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública, exerceu a profissão junto ao Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (SAMDU).

Casou-se, em 1965, com Judith Vivien Olivien, com quem tem um filho, Roberto.

Foi professor visitante na Brown University (Department of Portuguese and Brazilian Studies) e na Universidade do Texas (Austin), nos Estados Unidos. Frequentemente convidado para conferências e encontros de literatura no país e no exterior.

Seu primeiro livro, publicado em 1962, foi Histórias de Médico em Formação, contos baseados em sua experiência como estudante. Em 1968 publica O Carnaval dos Animais, contos, que Scliar considera de fato sua primeira obra.

Autor de 74 livros em vários gêneros: romance, conto, ensaio, crônica, ficção infanto-juvenil, escreveu, também, para a imprensa. Obras suas foram publicadas em muitos países: Estados Unidos, França, Alemanha, Espanha, Portugal, Inglaterra, Itália, Rússia, Tchecoslováquia, Suécia, Noruega, Polônia, Bulgária, Japão, Argentina, Colômbia, Venezuela, Uruguai, Canadá e outros países, com grande repercussão crítica.

Teve textos adaptados para o cinema, teatro, televisão e rádio, inclusive no exterior. Foi, durante 15 anos, colunista do jornal Zero Hora, onde discorria sobre medicina, literatura e fatos do cotidiano. Foi colaborador da Folha de S. Paulo desde a década de 70 e assinou uma coluna no caderno Cotidiano.

Duas influências são importantes na obra de Scliar. Uma é a sua condição de filho de imigrantes, que aparece em obras como A Guerra no Bom Fim, O Exército de um Homem Só, O Centauro no Jardim, A Estranha Nação de Rafael Mendes, A Majestade do Xingu. A outra influência é a sua formação de médico de saúde pública, que lhe oportunizou uma vivência com a doença, o sofrimento e a morte, bem como um conhecimento da realidade brasileira. O que é perceptível em obras ficcionais, como A Majestade do Xingu e não-ficcionais, como A Paixão Transformada: História da Medicina na Literatura.

“Cada leitor da obra do Scliar tem seu gênero preferido. Mas todos reconhecem nele, acima de tudo, seja na ficção, no ensaio ou na crônica, um estilo altamente humanista, que o torna dono de valores universais”, segundo o escritor gaúcho Luiz Antônio Assis Brasil, para quem a ABL, ao aceitá-lo como imortal, fez justiça não só ao Rio Grande do Sul, mas também ao grande escritor que ele foi, capaz de introduzir na literatura brasileira a contribuição que outros escritores de origem judaica deram à literatura mundial. Sua ficção insere a temática do imigrante judeu e urbano no imaginário da literatura sul-rio-grandense.

Moacyr Scliar é considerado um dos escritores mais representativos da literatura brasileira contemporânea. Os temas dominantes de sua obra são a realidade social da classe média<sup>89</sup> urbana no Brasil, a medicina e o judaísmo. Suas descrições da classe média eram, frequentemente, inventadas a partir de um ângulo supra-real.

Fonte: <https://www.academia.org.br/academicos/moacyr-scliar/biografia>. Acesso em: 01 dez. 2020.

Tecer comentários tais como:

- Scliar foi um autor de temática (social, juvenil, infantil, religiosa) e gêneros (romances, novelas, ensaios, crônicas) variados. Tendo vivido 73 anos, publicou o correspondente a um livro por ano, 74 no total.
- Ganhou diversos prêmios, entre eles (por 4 vezes), o famoso Jabuti, mais tradicional prêmio literário do Brasil (título, estatueta e valor monetário) concedido pela Câmara Brasileira do Livro a um autor que mais se destaca a cada ano.
- Não se furtou a abordar problemas sociais (decadência da classe média, subversão de valores estéticos, desigualdade social, desrespeito a direitos como saúde, escola, alimentação e moradia). Transita, com facilidade, dos conflitos interpessoais às conjunturas políticas, sociais e econômicas.
- Escrevia suas crônicas parodiando notícias de jornais e de revistas de forma a ir do fato ao texto literário, ficcional.
- Teve sua obra traduzida para diversos idiomas, entre eles o hebraico.
- Escreveu crônicas para a Folha de São Paulo e o para o jornal Zero Hora.
- Dedicou-se ao público infanto-juvenil fazendo referência a assuntos polêmicos do mundo contemporâneo.
- Deixa transparecer aspectos humorísticos que levam a um riso contido, com nuances de comicidade e, ao mesmo tempo, de amargura. Tudo indica que o humor em Scliar é para humanizar o sofrimento e os sentimentos.

Leitura da Crônica Os adolescentes e a solidão de Moacyr Scliar

- Organizar a sala de aula com as carteiras em círculo para o momento da leitura.

### **Os adolescentes e a solidão**

Há coisa pior que a solidão na adolescência? Parece que não, a julgar por uma pesquisa feita pela professora Oraides Regina Alves (Porto Alegre). A professora Oraides, como outros professores e professoras deste Estado, desenvolve, em condições nem sempre fáceis, um trabalho criativo e ao mesmo tempo revelador. Baseando-se numa reportagem da revista Nova Escola, ela perguntou aos alunos o que era, para eles, solidão.

As respostas são interessantes porque falam muito sobre os jovens contemporâneos do Mamonas Assassinas. "Solidão é vir à aula na sexta-feira", diz Rodrigo, para quem, parece, todos os fins de semana são prolongados. "Sentir-se sozinho num túnel sem aquela luzinha no final", diz Giovani, a melhor descrição de estado depressivo que já vi. 42

Vitor Hugo dá à sua resposta uma dimensão social: para ele, solidão “é ver que a fome e a miséria estão tomando conta do nosso país”. Celiana, para quem solidão é “escrever poemas de amor e não ter a quem dar”, vinga-se de destino: depois de brigar com o namorado, a melhor coisa é “caminhar de salto alto para incomodar os vizinhos do andar de baixo”. Eu não gostaria de morar nesse edifício.

O futebol também entra. Para Vitor Hugo, solidão é ser colorado, enquanto o Ederson, que, evidentemente, torce para o mesmo time, diz que se sente solitário quando tem de assistir a uma decisão do Grêmio sozinho. Ainda dentro do item jogos e esportes, o Roger diz que solidão é estar com o videogame queimado (e pelo tempo que funcionam, os videogames devem queimar muito). A propósito, o Everton tem uma velada queixa contra a Companhia de Energia Elétrica: ele sente solitário quando “está sozinho e falta luz”.

Há depoimentos comoventes. Solidão, diz a Tatiane, é “deitar na cama e beijar o travesseiro”, ou, no plano familiar, “sentar à mesa e ver um único prato”. Solidão, diz a Patrícia, é “saber que mais dia, menos dia, meus pais vão se separar”. Solidão, diz Ederson, é “estar doente e ninguém vir lhe visitar”; “ter um pai que não liga a mínima para você”, diz Mariana. “Acordar e não ter a quem dizer bom-dia”, acrescenta Odete. Solidão é triste em qualquer idade. Mas na adolescência parece ser pior. O mundo será melhor quando os adolescentes não mais se sentirem sós.

SCLIAR, Moacyr. Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas. Porto Alegre: L & PM, 2002.

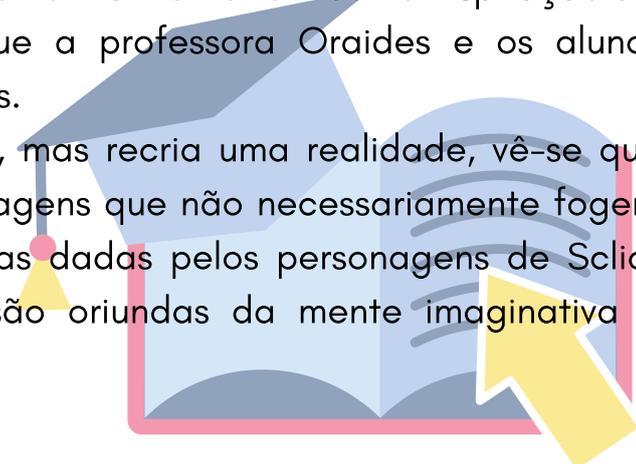
Disponível em: <http://folhetimavulso.blogspot.com/2013/06/moacyr-scliar-escreveu.html>. Acesso em: 01 dez. 2020.

## Após a leitura

Hora de retomar e checar as inferências confirmando ou não as considerações antes da leitura.

Promover comentários relativos aos seguintes aspectos:

- Sabendo-se que uma das características da crônica é ser um gênero fictício, portanto, sem compromisso com a verdade, que normalmente tem como inspiração um fato ou notícia da vida real, acredita-se que a professora Oraides e os alunos nominados na crônica são personagens fictícios.
- Sabendo-se que a ficção não espelha o real, mas recria uma realidade, vê-se que Scliar parte de uma realidade e recria personagens que não necessariamente fogem dela mas se aderem a ela. Todas as respostas dadas pelos personagens de Scliar fazem alusão à temática mas certamente são oriundas da mente imaginativa e criativa do escritor.



- Logo no início, com seu estilo leve e sutil, Scliar apresenta uma crítica social denunciando as condições nem sempre fáceis do trabalho dos professores. Ao afirmar: “A professora Oraides, como outros professores e professoras deste Estado, desenvolve, em condições nem sempre fáceis, um trabalho criativo e revelador”. Com essa afirmação ele dá relevância social ao fato – à primeira vista apenas pedagogicamente significativo – pesquisa sobre a solidão na adolescência realizada pela professora Oraides com seus alunos, com base em uma reportagem da revista Nova Escola.
- Há presença de intertextualidade processada pela referência à banda musical Mamonas Assassinas. Significa que há necessidade de explorar, com os alunos, leitores da crônica, as características dessa banda para só assim entender porque as respostas dadas pelos alunos pesquisados, no parecer do cronista, revelam semelhança com atitudes da banda. Tal como as músicas da banda, o estilo de respostas dadas pelos alunos é irreverente e bem humorado o que revela uma feliz comparação do cronista. Seria importante proporcionar uma pesquisa sobre a banda já que ela durou de (1995 a 1996), estando, portanto, fora da vivência dos alunos.
- Com essa intertextualidade o autor revela questões culturais que ajudam a instaurar a ironia, característica peculiar ao gênero.
- Fica evidente que para proporcionar o entendimento da intertextualidade e do teor crítico e cultural contido nas entrelinhas da crônica, o professor precisa, necessariamente, inserir os alunos nos contextos (temporal, situacional, cultural, social) de escrita, além de explorar características do gênero crônica e do estilo do cronista.
- Paralelo às respostas dos alunos o cronista sempre dá seu ponto de vista opinativo. Quando faz isso, além do parecer sobre solidão, certamente denuncia questões de mazelas sociais tão peculiares em sua escrita. Sendo assim, propor que os alunos façam um quadro comparativo entre as vozes dos alunos, a voz do cronista e as possíveis questões sociais e existenciais (reais) que podem emergir. Veja por exemplo:



**ALUNOS OPINIÃO DOS ALUNOS OPINIÃO DO CRONISTA****PROBLEMA SOCIAL**<sup>92</sup>

Rodrigo	“Solidão é vir à aula na sexta-feira.”	Parece que, para Rodrigo, todos os fins de semana são prolongados.	Às sextas os alunos, em sua maioria, não frequentam as aulas, gerando finais de semana prolongados. Esse fato gera sérias questões sociais: (i) não se sabe o que os alunos fazem quando não estão na sala de aula; (ii) se os pais sabem que eles não estão na escola e, (iii) há prejuízos para a aprendizagem.
Giovani	“Sentir-se sozinho num túnel sem aquela luzinha no final”	A melhor descrição de estado depressivo que já vi.	Encontrar-se em situação difícil sem ajuda, sem esperança, próprio de jovens oriundos de lares desajustados ou lares em que, por motivos alheios à sua vontade, os pais estão ausentes.
Vitor Hugo	“é ver que a fome e a miséria estão tomando conta do nosso país.”	Dá à sua resposta uma dimensão social.	Fome e miséria graçando em nosso em país de profundas desigualdades sociais. Pesquisas mostram que há famílias vivendo abaixo da linha de pobreza.
Celiana	“escrever poemas de amor,inga-se do destino: depois e não ter a quem dar”. “caminhar de salto alto para incomodar os vizinhos do andar de baixo”.	de brigar com o namorado. Eu não gostaria de morar nesse edifício.	Paixão: problema existencial de jovens. Denuncia construção precária, sem isolamento acústico.
Vitor Hugo	-----	solidão é ser colorado	Sufrimento quando o time perde.
Ederson	“quando tem de assistir a uma decisão do Grêmio sozinho.”	Evidentemente, torce para o mesmo time.	Realidade do jovem sozinho em casa.

Ederson	“quando tem de assistir a uma decisão do Grêmio sozinho.”	Evidentemente, torce para o mesmo time.	Realidade do jovem sozinho em casa.
Roger	“é estar com o videogame queimado.”	Pelo tempo que funcionam, os videogames devem queimar muito.	Denuncia o uso excessivo de videogame.
Everton	“está sozinho e falta luz.”	Velada queixa contra a Companhia de Energia Elétrica.	Problemas recorrentes de falta de energia.
Tatiane	“deitar na cama e beijar o travesseiro.” “sentar à mesa e ver um único prato.”	Depoimentos comoventes.	Sofrimento por amor/ paixão: problema existencial de jovens. Falta de companhia até no momento das refeições.
Patrícia	“saber que mais dia, menos dia, meus pais vão se separar.”	No plano familiar.	Divórcios que desencadeiam fragmentação familiar e sofrimento para os jovens.
Ederson	“estar doente e ninguém vir lhe visitar.”	No plano familiar.	Falta de amparo decorrente da ausência dos pais.
Mariana	“ter um pai que não liga a mínima para você.”	No plano familiar.	Abandono afetivo pelo pai por falta de alternativa (trabalho fora de casa) ou de preparo para a paternidade.
Odete	“acordar e não ter a quem dizer bom-dia.”	No plano familiar.	Falta de companhia. Nem sempre os pais ou familiares estão por perto por causa do trabalho e/ou de outros fatores.

- Ainda na opinião do autor, “Solidão é triste em qualquer idade. Mas na <sup>94</sup> adolescência parece ser pior. O mundo será melhor quando os adolescentes não mais se sentirem sós.”. Discutir a afirmação de forma a ouvir a opinião dos alunos que podem também dar exemplos.
- Chamar a atenção para a atemporalidade da crônica propondo que os alunos relacionem a segunda coluna com a última. Mostrar que é possível identificar os pontos de contato entre o que o autor evidencia, ficcionalmente, com as questões sócio-afetivas reais vivenciadas pelos leitores, cotidianamente. Assim, por mais que o tempo/espço de escrita da crônica tenha se distanciado do tempo/espço de sua leitura e, por mais evidente que seja a fantasia, ocorre a comunicação com o leitor porque fala de seu mundo, de suas dificuldades e apresenta possíveis soluções. Na crônica de Scliar essa fronteira entre ficção e realidade é pouco evidente.

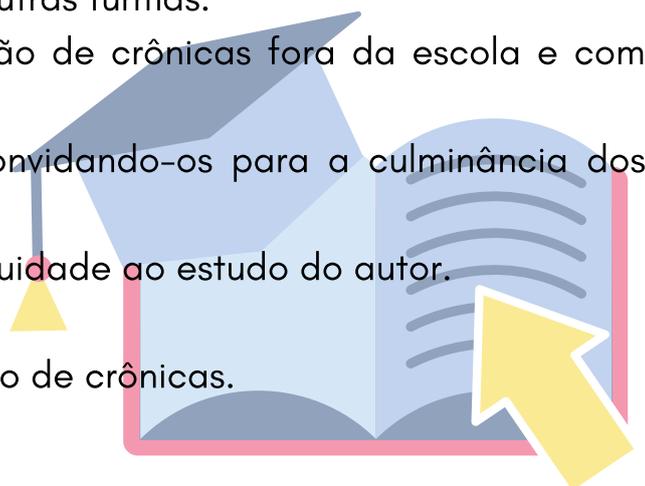
A linguagem coloquial, a abordagem de temas do cotidiano (da realidade dos alunos) e cenas de humor, provavelmente são aspectos que chamam atenção, despertam o interesse e concorrem para a aproximação dos jovens com a leitura.

Estratégias que proporcionam a dialogicidade, a realização de inferências, a busca de conhecimentos e a colocação de pontos de vista e de posicionamentos também são adequadas e eficientes na formação leitora dos nossos alunos.

Possibilitar que os jovens leitores analisem a ficção, comparem com a realidade e encontrem soluções para as questões apresentadas pelos autores, é proporcionar um processo de catarse necessário para a tomada de consciência de seu mundo e de sua própria realidade para a superação da impotência já que cria e recria expectativas.

Finalizar as discussões propondo um levantamento de outras crônicas de Moacyr Scliar e as seguintes atividades:

- Criação da hora da crônica (reservar quinze minutos das aulas de um dia da semana para a leitura de uma crônica).
- Organização de um evento para apresentar as características da crônica, do autor Moacyr Scliar e de crônicas de sua autoria).
- Promoção de momentos de leitura oral para outras turmas.
- Formação de grupos de leitura e de discussão de crônicas fora da escola e com envolvimento dos pais e familiares.
- Envolver os pais nas atividades escolares convidando-os para a culminância dos estudos.
- Solicitar sugestões dos alunos para dar continuidade ao estudo do autor.
- Propor a escrita de crônicas.
- Propor a criação de um blog para a divulgação de crônicas.



**Total de aulas:** 8

**Objetivo:** empreender leitura crítica e reflexiva sobre inter-relações afetivas e familiares.

### **Considerações iniciais**

Considerando que a leitura proporciona aquisição de atitudes, conhecimentos e informações indispensáveis à sobrevivência humana, vemos nas crônicas de Martha Medeiros, uma oportunidade para trabalhar sentimentos, emoções e, ao mesmo tempo, reflexões importantes para a vida cotidiana de alunos do ensino fundamental.

São textos que reúnem possibilidade de, numa perspectiva cognitivo-psicossociológica, abordar aspectos emocionais importantes para aquisição da maturidade emocional, afetiva e psicológica e, trabalhados numa perspectiva interacional como processo de compreensão, numa prática que envolve estratégias de seleção de informações, predições e inferências, concorrerão para a formação de valores e atitudes. Para isso, há que se permitir a imersão no texto na busca de pontos de vista mas, sobretudo, possibilitando que haja articulações com o real e com pontos de vista pessoais constitutivos da vida de cada um. Dessa forma, o professor cria um diálogo dos alunos com textos opinativos e com os aspectos linguístico-semióticos deles, exercita a prática da argumentação abordando temáticas cotidianas.

### **Antes da leitura**

#### **Conhecimentos prévios e inferências**

- Você já leu algum texto de Martha Medeiros?
- Conhece algo a respeito da vida dessa escritora brasileira?
- O título “Finitude” te leva a pensar em quê?
- Que assunto será abordado numa crônica com esse título?
- Para você, que coisas são finitas?
- Qual o sentido dicionarizado da palavra finitude?

Propor a exploração do significado dicionarizado da palavra “finitude”

“Qualidade do que é finito.

Finito (latim finitus, -a, -um, particípio passado de finio, -ire, limitar, delimitar, determinar, fixar, acabar, terminar). Que tem fim. Determinado, limitado. Cujo valor ou quantidade se pode bem determinar. Aquilo que tem fim.”

(Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008 - 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/finito>. Acessado em: 9 jan. 2021. consultado em 09-01-2021].

Propor uma pesquisa na internet sobre a vida e a obra de Martha Medeiros: leitura de blogs e sites com publicações a respeito da autora.

Promover momento de socialização da pesquisa.



### **Martha Medeiros**

Escritora, jornalista e cronista brasileira. Filha de Isabel Mattos de Medeiros e de José Bernardo Barreto de Medeiros, nasceu no dia 20 de agosto de 1961 em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Estudou no colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, um dos mais tradicionais da cidade.

Desde pequena, Martha gostava de ler. Seus pais gostavam de Música Popular Brasileira, fazendo com que ela ouvisse cantores do estilo desde cedo.

Ela começou a cursar Comunicação Social em 1982 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (PUCRS).

Formada em Comunicação Social, Martha já escreveu diversos livros e crônicas, dos quais, vários já foram adaptados para o cinema, para a televisão e para o teatro. Um dos grandes destaques foi o livro *Divã*, que foi adaptado para o teatro, em seguida para os cinemas, com dois filmes, e mais tarde, sendo exibida em formato de minissérie. Após formada, Martha Medeiros trabalhou na área de Publicidade e Propaganda como redatora e criadora de conteúdo durante 14 anos. Ainda nessa profissão, ela começou a escrever poesias.

Em 1982, foi lançada a coleção *Cantadas Literárias* pela Editora Brasiliense, levando Martha a se apaixonar mais pela poesia. Ela resolveu, então, enviar para a editora algumas de suas poesias, recebendo como resposta uma carta de Caio Graco Prado, então dono e diretor da editora.

Trabalhou como publicitária em várias agências. Nesse período, ela publicou seu primeiro livro de poesia, intitulado *“Strip Tease”*. Morou no Chile, onde se dedicou à vida de escritora. Martha ainda escreve crônicas para o segundo caderno do jornal *Zero Hora* e colabora com a revista *Época*. Por suas publicações, a escritora já recebeu diversos prêmios.

Lançou seu segundo livro, *“Meia noite e um quarto”*, no ano de 1987. A apresentação do livro foi escrita por Caio Fernando de Abreu. A editora L&PM passaria a ser a responsável por várias das publicações dos livros de Martha Medeiros.

Em 1991 a editora enviou o novo manuscrito de Martha para Millôr Fernandes, famoso jornalista e desenhista da época, com a intenção de que ele escrevesse a apresentação do novo livro da autora. Millôr adorou o livro.

*“Persona Non Grata”*, seu terceiro livro de poesias, foi publicado com a apresentação do jornalista que, além disso, ilustrou um dos poemas na sua coluna do *Jornal do Brasil*.

Em 1993, o marido da escritora, com quem ela teve duas filhas, Laura e Julia, recebeu uma proposta de trabalho no Chile. Martha acompanhou-o, deixando a carreira na área de publicidade e se dedicando somente à escrita. Mais tarde, ainda no país, a escritora recebeu a visita do amigo Fernando Eichenberg.

Ela resolveu mostrar seus novos trabalhos, os quais ele considerou como crônicas,<sup>97</sup> convencendo-a a publicá-las no Jornal Zero Hora, onde ele mesmo trabalhava. Ao retornar ao Brasil, em 1994, ela passou a publicar suas crônicas no jornal.

No ano seguinte, lança dois novos livros. De “Cara Lavada”, seu quarto livro de poesias, que teve a apresentação escrita por Caio Fernando de Abreu, e Geração Bivolt, uma coletânea de suas crônicas.

Em 1997, lança o livro Santiago do Chile - Crônicas e Dicas de Viagem, com dicas sobre a cidade. No ano seguinte, lança sua segunda coleção de crônicas, chamada de “Topless”. O livro recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura.

Em 1998 e lançado “Poesia Reunida”, uma edição especial com poemas dos livros de poesia de Martha. Mais tarde, novas coletâneas de crônicas são publicadas, sendo elas “Trem-Bala” e “Non-Stop”.

Em 2001, Martha Medeiros lança seu, até então, último livro de poesias: “Cartas Extraviadas e Outros Poemas”. No ano seguinte, lança seu primeiro romance: Divã, um dos maiores sucessos da escritora até hoje.

No ano de 2003, lança uma nova coleção de crônicas, recebendo novamente o Prêmio Açorianos de Literatura. Com esse mesmo livro, é indicada e fica em segundo lugar no Prêmio Jabuti. No ano seguinte, lança o primeiro livro infantil: Esquisita como eu.

Ainda em 2004, a escritora passa a assinar uma coluna no O Globo. Ela continua publicando livros, dentre os quais estão Coisas da Vida, Selma e Sinatra, Tudo Que Eu Queria Te Dizer, Doidas e Santas e Fora de Mim.

Outras publicações da autora: Feliz Por Nada (Coletânea de crônicas), Noite em Claro (Novela), Um Lugar na Janela - Relatos de Viagem (Crônica de viagem), A Graça da Coisa (Contos), Felicidade Crônica (Crônicas), Liberdade Crônica (Crônicas), Paixão Crônica (Crônicas), Simples Assim (Crônicas), Um Lugar na Janela 2 - Relatos de Viagens (Crônica de viagem), Quem Diria Que Viver la Dar Nisso (Crônicas).

Muitas obras de Martha Medeiros já foram adaptadas para a televisão, para o cinema e para o teatro. A primeira delas foi Trem-Bala, adaptado por Irene Brietzke para o teatro em 2000.

Em 2005 o livro Divã de Martha Medeiros foi adaptado para o teatro por Ernesto Piccolo. No papel principal, interpretando Mercedes, a atriz Lília Cabral. Mais tarde, em 2009, o livro foi adaptado para o cinema, sendo exibido na Rede Globo em formato de uma minissérie de oito capítulos. Em 2015 o filme ganhou uma continuação no cinema.

Em 2008 foi a vez da peça “De Mim Que Tanto Falam” estreiar, baseada em “crônicas de Martha Medeiros”. Em 2010, Tudo Que Eu Queria Te Dizer foi para adaptado por Victor Garcia Peralta e Ana Beatriz Nogueira para o teatro.

Em 2013 foram adaptados para o teatro os livros “Fora de Mim”, por Francisco Ramalho Jr., e “Doidas e Santas”, por Cissa Guimarães. O livro “Feliz Por Nada”, também foi para o teatro, sob adaptação de Regiana Antonini.

## Tecer comentários como

- Martha Medeiros escreve crônicas para o Jornal Zero Hora, o maior Jornal de Porto Alegre. Critica em suas crônicas os temas mais variados, como comportamentos, atitudes, política, economia, entre outros temas contemporâneos. Utiliza linguagem simples e de fácil compreensão. Já publicou livros de poesia, de romances e de crônicas.
- Como cronista, escreve sobre sua percepção a respeito de temas do cotidiano, levando seus leitores a refletirem.
- Possui uma carreira literária de sucesso, com obras que foram adaptadas para o teatro e para o cinema.

## Leitura da crônica

Organizar a sala de aula com as carteiras em círculo para o momento da leitura.  
Propor leitura circular.

### Finitude (Martha Medeiros)

O finito se expressa quando dou conta da existência de milhões de pessoas que jamais irei conhecer.

Para muitos, a finitude humana pode ser percebida pelas rugas que se multiplicam a cada ano no espelho, pelo vocabulário que soa inadequado ou pelo simples tique-taque do relógio pendurado na parede da cozinha. A finitude humana pode, ainda, ser detectada pelos filhos que crescem e pelos netos que nascem. A mim, a finitude se apresenta todo santo dia numa parada de ônibus, numa ciclovía, no balcão de um posto de informações. Meu carro passa veloz por uma rua e vejo um homem esperando o transporte que o levará de volta para casa. Um homem qualquer, que eu olho uma única vez e nunca mais tornarei a enxergar. Nunca mais rever é uma pequena morte.

Uma garota passa por mim de bicicleta. Mal tenho tempo de reparar se é morena ou ruiva, se sua mochila é grande ou pequena. Mas foi uma garota percebida por minha retina, que cruzou minha vista e minha vida por breves segundos, e para nunca mais. Assim como o homem que me atende atrás de um balcão, que fala comigo – fala comigo! –, me sorri e tira minha dúvida, e num instante lhe agradeço e viro as costas, e jamais saberei se ele é um profundo conhecedor da obra de Nietzsche ou um rapaz perturbado pela falta da mãe ou ainda um boçal que nas horas vagas depreda orelhões. Ele existe ou não existe para mim? Não existe.

Finitude eu sinto quando me dou conta da existência de milhões de pessoas que eu jamais irei conhecer, com as quais jamais irei conversar e interagir. De todas as que poderiam me ensinar a ser mais tolerante, de todas as que poderiam me fazer rir, de todas as que eu poderia amar ou desprezar, sofrer por elas, esforçar-me por elas, crescer através delas. Finitude eu sinto quando cruzo um olhar que não me ficará nem na memória, pois não há tempo para lembranças efêmeras.

Uma vez ensinei uma menina, na beira da praia, a reconhecer as letras do próprio nome, e 51

já não lembro que nome era esse e que menina era aquela. Nem ela de mim sabe nada. Uma cena começa e termina sem continuidade: finitude. Neste instante enxergo um senhor<sup>99</sup> debruçado sobre uma varanda, olhando o movimento. Ele espia a vida dos outros, que nunca mais reverá. Eu olho para esse singelo voyeur, que daqui a instantes também desaparecerá para sempre de minha atenção.

No entanto, um ser humano é o que há de mais rico. Uma vida é o que há de mais original. Surgem e nos atropelam tantas vidas, tantas pessoas para sempre inacessíveis, desperdiçadas em seu talento, em seu potencial transformador, em sua capacidade de nos emocionar. A esmagadora maioria delas passa e não fica, são flashes do olhar. Agarremo-nos, pois, às que ficam, permanecem, são reconhecíveis pelo nome e pelo trajeto percorrido em nós. Aproveitemos o material humano de que dispomos: família e amigos e amores. Escassos, raros e profundamente necessários.

(Disponível em: <http://paulalaneller.blogspot.com/2010/09/finitude-martha-medeiros.html>.

Acesso em 05/01/2021, às 11:00.)

Após a leitura, retomar e checar as inferências confirmando ou não as considerações feitas antes da leitura.

### **Promover comentários relativos aos seguintes aspectos:**

- Sabendo-se que a crônica promove uma reflexão usando linguagem simples e leve, podemos observar esses aspectos na crônica lida. A autora chama a atenção para questões simples, rotineiras, sobre as quais não paramos para refletir.
- A crônica Finitude contém aspectos chamativos, emocionais e, ao mesmo tempo racionais de forma a esclarecer os leitores sobre o tema.
- A autora apresenta sua percepção em relação ao tema, fazendo um paralelo com a percepção comum de muitas pessoas, propondo uma reflexão e uma mudança de comportamento, ao sugerir que “aproveitemos o material humano de que dispomos”.
- Há intertextualidade ao citar alguém que pode ter lido ou não a obra de Nietzsche. Seria importante propor aos alunos a busca de conhecimentos biográficos sobre esse autor e filósofo alemão, que nasceu em 1844 e morreu em 1900 e deixou uma obra relevante para a filosofia. Pode-se propor uma pesquisa e uma roda de conversa para socialização dos conhecimentos obtidos e, se possível, convidar um professor de Filosofia da escola para participar, trazendo alguns pontos importantes do pensamento do autor.
- A autora mostra a percepção de muitas pessoas a respeito da finitude relacionada com a velocidade com que vivemos o nosso cotidiano e a maneira como muitos percebem a finitude.
- Percebemos que a vida passa: ao envelhecermos, contemplando no espelho as rugas que surgem no rosto; descobrindo que uma geração mais nova utiliza um vocabulário que nos é estranho; pelos filhos que nascem; pelos netos que chegam. Por mais que isso pareça distante dos adolescentes, eles também podem olhar para o seu passado

e perceber o quanto já mudaram física, psicológica e emocionalmente com o passar o tempo. Podem ver isso também nos familiares com quem convivem. 100

- Essa percepção que as pessoas têm da finitude diz respeito à passagem da vida.
- A autora apresenta sua percepção de finitude com relação à correria do dia a dia, em situações em que não se cria laços com outras pessoas.
- Sabendo-se que os elementos simples do cotidiano são motivadores da criação de muitas crônicas, a crônica selecionada leva o leitor a selecionar imagens do seu dia a dia enquanto lê e reflete sobre o tema: parada de ônibus, ciclovia, balcão de um posto de informações. Percebe-se através desses elementos que a crônica não está vinculada a um tempo e um espaço específico, embora seja sempre motivada por um acontecimento real em determinado tempo e lugar.
- A finitude está refletida na impossibilidade de se criar laços, de se conhecer as pessoas, do nunca mais voltar a ver. Rotineiramente, não temos tempo para reparar nos detalhes.
- A autora vê como finitude a incapacidade de conhecer e se relacionar com os milhares de pessoas que existem no mundo.
- Para melhor compreensão da crônica é importante conduzir os alunos a refletirem sobre seus pontos de vista, acrescentando, concordando ou discordando da cronista.
- Tecer comentários a respeito da afirmação da autora “Aproveitemos o material humano de que dispomos: família e amigos e amores. Escassos, raros e profundamente necessários.
- A partir o significado dicionarizado de ‘finito’ e ‘finitude’, propor o preenchimento de um quadro com os conceitos que vão aparecendo no texto de Marta Medeiros e os possíveis sentidos.

### EMPREGO NA CRÔNICA

“Finitude eu sinto quando me dou conta da existência de milhões de pessoas que eu jamais irei conhecer, com as quais jamais irei conversar e interagir. De todas as que poderiam me ensinar a ser mais tolerante, de todas as que poderiam me fazer rir, de todas as que eu poderia amar ou desprezar, sofrer por elas, esforçar-me por elas, crescer através delas.”

“[...] a finitude humana pode ser percebida pelas rugas que se multiplicam a cada ano no espelho, pelo vocabulário que soa inadequado ou pelo simples tique-taque do relógio pendurado na parede da cozinha.

A finitude humana pode, ainda, ser detectada pelos filhos que crescem e pelos netos que nascem.

### SENTIDOS POSSÍVEIS

A autora cita a importância dos relacionamentos para o crescimento pessoal.

Ressalta que a finitude é perceptível ao observar-se o envelhecimento.

Pela desatualização vocabular e pelo passar do tempo representado pelo barulho do relógio.

A finitude se aproxima quando nascem os filhos e os netos. 53

“Uma cena começa e termina sem continuidade: finitude.”

Define finitude como não continuidade das coisas.

101

“Neste instante enxergo um senhor debruçado sobre uma varanda, olhando o movimento. Ele espia a vida dos outros, que nunca mais reverá. Eu olho para esse singelo voyeur, que daqui a instantes também desaparecerá para sempre de minha atenção.”

Lembranças efêmeras, esquecimento.

Durante todo o trabalho, o professor deve desenvolver atividades que contemplem os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), os quais tratam da explicitação da ligação entre os componentes curriculares. Seu maior objetivo é preparar o cidadão para vivenciar situações sociais tanto como indivíduo quanto como profissional. Nesse sentido, o objetivo “é que o estudante conclua a sua educação formal reconhecendo e aprendendo sobre os temas que são relevantes para sua atuação na sociedade.” (BRASIL, 2018, p. 4).

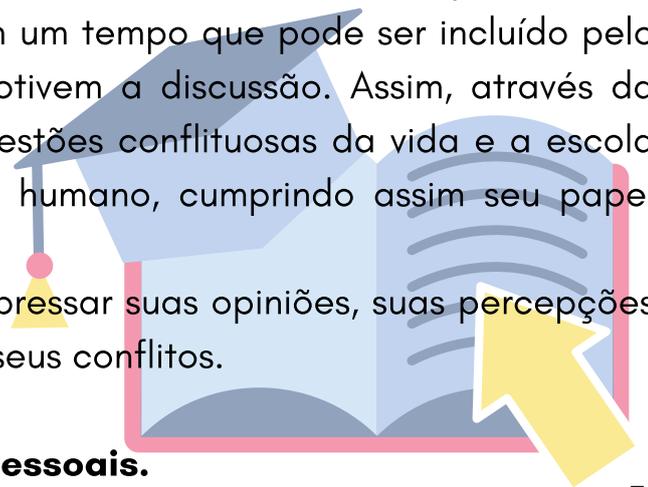
Essa conexão deve ser feita não apenas entre as disciplinas curriculares, mas também entre os conteúdos e as “situações vivenciadas pelos estudantes em suas realidades, contribuindo para trazer contexto e contemporaneidade aos objetos do conhecimento descritos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).” (BRASIL, 2018), considerando os contextos social e escolar, a diversidade e o diálogo. (BRASIL, 2018, p.6)

É esperado que o trabalho com os TCTs contribua para que o estudante se torne um cidadão consciente e capaz de exercer suas habilidades para tarefas

“tais como cuidar do planeta, a partir do território em que vive; administrar o seu dinheiro; cuidar de sua saúde; usar as novas tecnologias digitais; entender e respeitar aqueles que são diferentes e quais são seus direitos e deveres como cidadão, contribuindo para a formação integral do estudante como ser humano, sendo essa uma das funções sociais da escola.” (BRASIL, 2011, p.4)

As crônicas, por serem textos leves, cuja temática aborda questões do cotidiano e chamam a atenção para as minúcias do dia a dia, oferecem grandes oportunidades para discutir vários desses temas, levando os estudantes a refletir e dando-lhes a oportunidade de expressarem sua opinião e seus sentimentos em um tempo que pode ser incluído pelo professor no planejamento, com questões que motivem a discussão. Assim, através da reflexão, vão se preparando para lidar com as questões conflituosas da vida e a escola contribui para uma formação mais ampla do ser humano, cumprindo assim seu papel social.

Os estudantes devem ter a oportunidade de expressar suas opiniões, suas percepções sobre os temas abordados assim como falar sobre seus conflitos.



**Seguem sugestão de questões para reflexões pessoais.**

- O que é um amigo verdadeiro?
- O que é um amigo virtual?
- Quantos amigos verdadeiros você tem?
- O que significa para você ter muitos amigos nas redes sociais?
- Para você há diferença entre amigo e seguidor nas redes sociais?
- Quem são os amigos com os quais você conta ou sabe que pode contar no dia a dia?

Proporcionar as seguintes reflexões e questões

- A autora contrapõe a finitude à riqueza que é cada ser humano e o desperdício de não conhecer cada um que passa por nossa vida. No seu entender seria possível conhecer todas as pessoas que passam por nossa vida?
- Como deve ser o tratamento dispensado às pessoas que passam por nossa vida (vendedores, porteiros, serviçais, colegas, vizinhos, professores, etc.)?
- À medida que provoca reflexão, a cronista expõe seu ponto de vista opinativo, e aponta uma solução possível para a questão da finitude. Ela mostra que sempre há um grupo menor, mas constante em nossa vida, com o qual nos relacionamos e onde a finitude, no aspecto apresentado, não precisa estar. No nosso grupo, há pessoas das quais vamos sempre nos lembrar do nome, das características.

- (i) Que pessoas são essas?
- (ii) Como devemos tratá-las?
- (iii) Como elas deveriam nos tratar?

- No parecer da cronista, “A esmagadora maioria delas passa e não fica, são flashes do olhar. Agarremo-nos, pois, às que ficam, permanecem, são reconhecíveis pelo nome e pelo trajeto percorrido em nós. Aproveitemos o material humano de que dispomos: família e amigos e amores. Escassos, raros e profundamente necessários.”. Você concorda que essas pessoas são raras, escassas e profundamente necessárias?
- Propor a escrita de uma crônica sobre o tema “O que não quero que seja finito” ou “Quem eu quero que seja infinito”.
- Selecionar crônicas para serem divulgadas no blog da turma.
- Finalizar as discussões propondo um levantamento de outras crônicas da autora.
- Reservar uma aula para a leitura das crônicas reunidas.

**Horas aula:** 8

**Atividade motivadora**

**Objetivo** - Sentir-se motivado, interessado e ativo para a leitura de crônicas.

**Atividades**

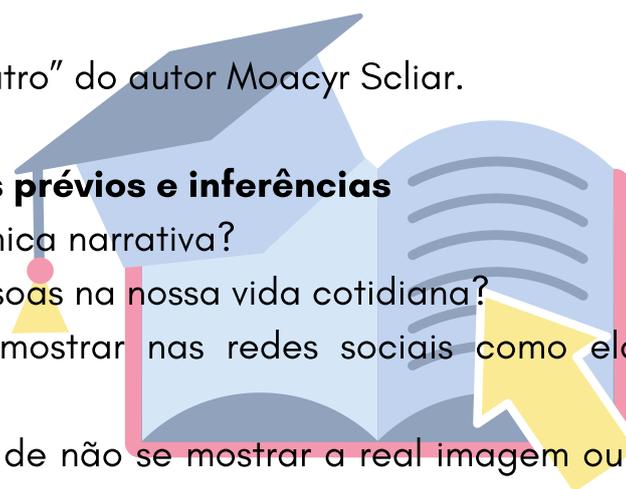
- Apresentação da proposta de leitura de crônicas e comentários sobre a biografia do autor (Plano 2).
- Criação de um momento para conversar sobre o autor. Verificar o que os alunos lembram e relembrar alguns aspectos da biografia de Moacyr Scliar.
- Scliar foi um autor de temática (social, juvenil, infantil, religiosa) e gêneros variados (romances, novelas, ensaios, crônicas). Tendo vivido 73 anos, publicou o correspondente a um livro por ano, 74 no total.
- Ganhou diversos prêmios, entre eles (por 4 vezes), o famoso Jabuti, mais tradicional prêmio literário do Brasil (título, estatueta e valor monetário) concedido pela Câmara Brasileira do Livro a um autor que mais se destaca a cada ano.
- Não se furtou a abordar problemas sociais (decadência da classe média, subversão de valores estéticos, desigualdade social, desrespeito a direitos como saúde, escola, alimentação, moradia.). Em seus textos, transita, com facilidade, dos conflitos interpessoais às conjunturas políticas, sociais e econômicas.
- Escrevia suas crônicas parodiando notícias de jornais e de revistas de forma a ir do fato ao texto literário, ficcional.
- Teve sua obra traduzida para diversos idiomas, entre eles o hebraico.
- Escreveu crônicas para a Folha de São Paulo e o para o Jornal Zero Hora.
- Dedicou-se ao público infanto-juvenil fazendo referência a assuntos polêmicos do mundo contemporâneo.
- Deixa transparecer aspectos humorísticos que levam a um riso contido, com nuances de comicidade e, ao mesmo tempo, de amargura. Tudo indica que o humor em Scliar é para humanizar o sofrimento e os sentimentos.

**Antes da leitura**

Explicar que o texto a ser lido será a crônica "O Outro" do autor Moacyr Scliar.

**Questões para levantamento de conhecimentos prévios e inferências**

1. No seu entender, como se caracteriza uma crônica narrativa?
2. A expressão "o outro" faz referência a que pessoas na nossa vida cotidiana?
3. No seu entender, as pessoas costumam se mostrar nas redes sociais como elas realmente são? Cite alguns exemplos.
4. Que tipo de consequências pode gerar o fato de não se mostrar a real imagem ou o ponto de vista real em um perfil na internet.



5. Em se tratando de um texto ficcional, porém inspirado em uma notícia, o que se pode esperar de um texto com o título “O outro”?

104

6. Moacyr Scliar escreveu essa crônica no ano 2000, após a publicação de uma notícia sobre o assunto. Você sabe que tipo de eleição aconteceu nesse ano?

7. Tecer comentários sobre o título da crônica.

8. Comentar a epígrafe: “Atentos ao visual, candidatos usam roupas para disfarçar características durante programa eleitoral, como altura, peso e calvície”.

9. Levantar hipóteses e inferências sobre o título e sobre a epígrafe.

Feito esse levantamento inicial, propor na forma de exposição dialogada, informações importantes para nortear a leitura da crônica “O Outro”:

- Oferecer, de forma expositiva dialogada, as seguintes informações/saberes:-
- Características relativas à estrutura e às características de uma narração.
- Características da crônica baseada em notícia.
- Apresentar o conceito e os conhecimentos relativos ao gênero crônica (suas características, questões de linguagem, tipos de crônica e, necessariamente, a apresentação do cronista, situando-o no tempo, no espaço, comentando sobre seu estilo de escrita. Isso pode ser feito pela oferta da biografia dele ou por uma pesquisa anteriormente proposta.

### **Leitura da crônica “O Outro”**

- Disponibilizar a crônica de forma impressa, propor a organização da sala de aula em círculo, proporcionar a leitura circular (cada um lê um parágrafo até completar a leitura de todo o texto).

#### **O Outro**

Moacyr Scliar

*“Atentos ao visual, candidatos usam roupas para disfarçar características durante programa eleitoral, como altura, peso e calvície” Eleições, 21 ago. 2000*

Ele queria muito ser eleito. Não: ele precisava muito ser eleito. Estava atrás de um emprego que lhe desse um bom salário, mordomias e verbas para gastar na contratação de assessores – além, claro, das múltiplas oportunidades que, como vereador, teria.

O problema era arrumar votos. Não tinha amigos, não era conhecido, nem sequer recebera um apelido pitoresco que pudesse usar na propaganda. Mas o pior não era isso. O pior que combinava um visual péssimo – baixinho, gordinho, careca – com uma congênita inabilidade para falar em público. Em desespero, resolveu procurar um marqueteiro. Estava disposto a gastar uma boa grana nisso, desde que pudesse adquirir uma nova imagem,

uma imagem capaz de garantir a eleição.

O marqueteiro, famoso, exigiu honorários salgados, mas garantiu resultados. Que,<sup>105</sup> de fato, não se fizeram esperar. Em poucas semanas o candidato era outro. Mais magro, mais alto (saltos especiais) com uma bela peruca, parecia agora um galã de novela. Além disso, transformara-se num fantástico orador, um orador capaz de galvanizar o público com uma única frase.

Se foi eleito? Foi eleito com uma avalanche de votos. O que representou um duplo alívio: de um lado, conquistava o cargo tão sonhado. De outro, podia deixar de lado a peruca, os sapatos com saltos especiais e a dieta. E também podia falar normalmente, no tom meio fanhoso que o caracterizava.

E aí começaram as surpresas desagradáveis. Quando foi tomar posse, ninguém o reconheceu. Mas como? Então era aquele tipo charmoso, magnético, da tevê e dos cartazes? Era ele sim, como o comprovou, mostrando a identidade.

Não foi a única contrariedade. Logo descobriu que como vereador, era péssimo: não sabia falar, não convencia ninguém, sequer era procurado por lobistas. Bom mesmo, concluiu com amargura, era o Outro, aquele que o marqueteiro tinha inventado. Aquele sim, podia fazer uma grande carreira, chegando quem sabe à Presidência.

Mas onde estava o Outro? Só uma pessoa poderia ajudá-lo nessa busca, o marqueteiro. Só que o marqueteiro tinha sumido. Com o dinheiro ganho nas eleições resolvera passar dois anos em alguma praia do Caribe.

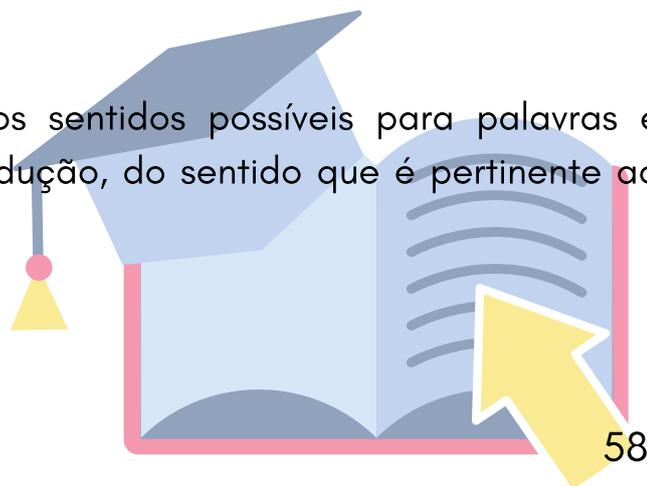
Todas as noites o vereador sonha com o Outro. Vê-o na Câmara, discursando, empolgando multidões. Mas não sabe o que fazer para encontrá-lo. Sabe, sim, o que dirá se isso um dia acontecer. E o que dirá, numa voz fanhosa e emocionada, será: o senhor pode contar com meu voto – para sempre.

Moacyr Scliar. O imaginário cotidiano. São Paulo, Gaia, 2006

Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2253-6.pdf> . Acessado em: 03 jan. 2021

### Após a leitura

- Propor uma atividade de estabelecimento dos sentidos possíveis para palavras e expressões e, posteriormente, a inferência por dedução, do sentido que é pertinente ao contexto da crônica de Scliar. Ex.



**Marqueteiro** “1. indivíduo que trabalha em marketing.” Sendo que marketing é “estratégia empresarial de otimização de lucros por meio da adequação da produção e oferta de mercadorias ou serviços às necessidades e preferências dos consumidores, recorrendo a pesquisas de mercado, design, campanhas publicitárias, atendimentos pós-venda etc. Dicionário on-line. <https://www.google.com.br>.”

Significa alguém que pudesse reinventar ficando sua imagem de forma a garantir que ele tivesse êxito na campanha para vereador.

**Marqueteiro político:** é considerado um profissional de comunicação e marketing que é responsável pela coordenação da campanha, do mandato e a gestão de um determinado político. Para isso, domina áreas como (pesquisa, produção de áudio, de vídeo e de material impresso).

**Galvanizar**

Verbo transitivo.

“1. Ação de entregar à ação roveca-da por corrente elétrica concebida através de pilha galvânica ou voltaica; 2. Usar a galvanostegia para zincar, dourar, entre outros; 3. Cobrir ferro com uma camada feita de zinco; 4. Atribuir atividade a (músculos); 5. (Figurado) Ação de revivificar ou reanimar; 6. (Figurado) Produzir interesse ou animação com.”  
<https://www.lexico.pt/galvanizar/>

“[...] um orador capaz de galvanizar o público com uma única frase”.

Galvanizar no sentido figurado (produzir interesse) no público votante.

**Magnético**

Adjetivo. 1. “1. relativo a magneto ou a magnetismo. 2. capaz de atrair o ferro.”

“Magnetismo é a força que exerce poder de atração ou repulsão entre determinados objetos, como ímãs e materiais ferromagnéticos. A propriedade de atração e repulsão é denominada “dipolo magnético”. Nela os polos opostos se atraem e os iguais se repelem.”

<https://beduka.com/blog/materias/fisica/o-que-e-magnetismo/>

Em sentido figurado: Que tem poderosa influência, agradável, aliciador, aliciante, atiçador, atraente, atrativo.

“Então era aquele tipo charmoso, magnético, da tevê e dos cartazes?”.

Tipo que atrai, que alicia as pessoas.

Lobistas	<p>Quem faz lobby, exercendo controle ou influência sobre outras pessoas, especialmente em votação Parlamentar, sem expressar esse controle formalmente ou sem pedir a interferência do governo. Que faz referência a lobby: campanha lobista. <a href="https://www.dicio.com.br/lobistas/">https://www.dicio.com.br/lobistas/</a></p> <p>Campanha realizada por quem busca exercer influência ou controle sobre algo ou alguém, mas sem se expressar formalmente.</p>	<p>"[...] sequer era procurado por lobistas"</p> <p>Pessoas que fazem negociações informais para conseguir votos a favor de determinado projeto.</p>
----------	--	--

Espera-se que essas explorações gerem reflexões sobre a ambiguidade ou polissemia das palavras e expressões da língua e de como esse entendimento de que elas podem ser utilizadas em sentido conotativo, denotativo, figurado e pejorativo tem a ver com a compreensão do texto. Chamar a atenção para o fato de que em crônicas a linguagem quase sempre é figurada.

Feita a leitura e essa exploração vocabular, seguir com comentários gerais sobre a estrutura do texto, e checagem das inferências levantadas previamente. Para isso, possibilitar o retorno às perguntas iniciais, com comentários sobre as respostas dadas antes da leitura e possíveis respostas depois da leitura.

Na sequência, proporcionar uma aula comentada sobre o que é possível entender da crônica lida.

- Chamar a atenção para as características da crônica narrativa: o autor, ao mesmo tempo conta uma história, propõe sua crítica e sua reflexão. Chamar a atenção também para o humor, sutil, mas presente no texto.
- Destacar que a crítica a candidatos políticos já é feita frequentemente na nossa sociedade e se intensifica em época de eleições, se tornando inclusive tema de programas humorísticos.
- Conversar sobre o porquê do desejo do personagem de se tornar um político. Qual deve ser a motivação para alguém querer assumir tal cargo público?
- Comentar sobre características pessoais do candidato. Ele considerava que não tinha perfil para ser candidato por causa das suas habilidades ou por causa da aparência?
- No seu entender, quais seriam as características ideais para um candidato a um cargo político?
- O que mais chama sua atenção quando ouve ou observa um candidato?
- Quais são seus critérios para avaliar um candidato e verificar se ele merece ou não sua credibilidade e seu voto?
- Comente o recurso utilizado pelo candidato para ser eleito e as consequências dessa escolha para ele após as eleições.
- Propor que procurem no dicionário palavras cujo significado seja desconhecido (pitoresco, galvanizar, lobistas e outras se houver).

Segue o texto:

São Paulo, segunda-feira, 21 de agosto de 2000 – FOLHA DE S. PAULO – Brasil

## **Atentos ao visual, candidatos usam roupas para disfarçar características durante programa eleitoral, como altura, peso e calvície Figurino é arma contra "defeitos" na TV**

### DA REPORTAGEM LOCAL

Uma imagem agradável, sabem os políticos, é sempre mais bem aceita pelos eleitores. É por isso que eles não só preparam o que vão falar no programa eleitoral gratuito, mas também o que vão vestir na frente das câmeras.

O modelito, ninguém esconde, tem uma missão: disfarçar características que fogem ao tradicional padrão de beleza. Em São Paulo, quilinhos a mais, pouca altura e calvície são as bolas da vez.

Na campanha de Luiza Erundina, candidata do PSB à Prefeitura de São Paulo, a ordem é manter a discrição dos trajes e chamar a atenção para o seu rosto – que há dois meses recebeu óculos novos, com armação mais leve, a exemplo do que fez há alguns anos o ex-prefeito Paulo Maluf (PPB).

A estratégia tem três objetivos: impedir que o visual chame mais atenção do que a fala da candidata, manter um estilo que lhe deixe à vontade na TV e não valorizar seu peso e sua pouca estatura.

A missão foi entregue à Christiana Francini, 31, figurinista acostumada a vestir personalidades para a televisão – como as apresentadoras Silvia Poppovic e Astrid Fontenelle. “Chamamos a atenção com um decote bonito, uma blusa de seda, uma echarpe, um belo brinco. Isso faz com que você atraia para o rosto, para cima. Você nunca vai vê-la em uma calça estampada”, diz a figurinista. Os acessórios têm duas origens: os guardados de Erundina e uma loja que está cedendo as peças.

A outra mulher na disputa, a petista Marta Suplicy, não tem figurinista, mas tem um atento conselheiro de plantão: o marido, o senador Eduardo Suplicy (PT), que já enfrentou várias campanhas.

Também com bastante experiência com câmeras – ela apresentou um quadro sobre sexo no extinto programa da Rede Globo “TV Mulher” – Marta prefere roupas que possam disfarçar os três quilos que, diz ela, já ganhou no corpo-a-corpo deste ano. Nas ruas, o vermelho, cor do partido, é a favorita. Nos programas, ela opta por tons mais leves.

A preocupação com a imagem é tanta que Marta costuma pedir a sua equipe que cheque a cor do cenário de programas aos quais vai, para que sua roupa combine e contraste com o fundo.

No bloco masculino da disputa, aparece o tucano Geraldo Alckmin. Calvo, um de seus principais dilemas é o que fazer com os poucos cabelos que lhe restam. “A única dificuldade é o cabelo que não para no lugar”, afirma o candidato, referindo-se foto aos fios que teimam em ficar revoltos.

A calvície, aliás, também foi disfarçada nos outdoors do candidato, onde ele aparece encostada na altura da testa.

109

Adequar a roupa ao momento também é uma preocupação do tucano. No programa da tarde, ele aparece vestido de modo mais informal. Terno, nem pensar.

No programa da noite, o candidato tucano muda o estilo e aparece sempre de gravata.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2108200012.htm>. Acessado em: 09 jan. 2021.

Apresente aos alunos as fotos dos candidatos.



Luiza Erundina



Geraldo Alckmin



Marta Suplicy

A crônica de Moacyr Scliar é um texto ficcional. Foi publicada no dia 28 de agosto de 2000, inspirada na reportagem publicada no dia 21 de agosto do mesmo ano. Esse gênero textual não tem compromisso com a verdade, mas provoca reflexões. Na crônica "O Outro", Moacyr Scliar aborda o tema político, criando personagem fictício que agrupa as características de diversos candidatos mencionados na reportagem: "O pior que combinava um visual péssimo - baixinho, gordinho, careca - com uma congênita inabilidade para falar em público." Como cronista, tem liberdade para expor sua opinião num tom humorístico. Utiliza linguagem conotativa e denotativa.

A notícia é um gênero jornalístico comprometido com a verdade. Diferente da notícia que é informativa, a reportagem mescla informação e opinião, extrapolando os limites da notícia, pois noticiar não é sua finalidade única. Utiliza recursos polifônicos, discurso direto e indireto, mesclando a voz do repórter, de especialistas e/ou testemunhas.

Uma das vozes que aparecem nessa notícia é de Christiana Francini, figurinista acostumada a vestir personalidades para a televisão. A sua fala é marcada pelas aspas, recurso comumente utilizado para inserir o discurso direto nos textos jornalísticos: "Chamamos a atenção com um decote bonito, uma blusa de seda, uma echarpe, um belo brinco. Isso faz com que você atraia para o rosto, para cima. Você nunca vai vê-la em uma calça estampada", diz a figurinista. E o repórter complementa com sua voz "Os acessórios têm duas origens: os guardados de Erundina e uma loja que está cedendo as peças.". O uso do discurso direto na reportagem confere ao texto maior credibilidade e amplia seu poder de persuasão.

Além da fala da especialista, o repórter menciona também a insatisfação do candidato Geraldo Alckmin com seus poucos fios de cabelo, através do discurso direto: "A única dificuldade é o cabelo que não para no lugar". Assim, ele apresenta dois lados diferentes da questão que apresenta na reportagem: a voz de quem tem um problema e a voz de quem pode solucionar esse problema.

Esse gênero é construído a partir de um ângulo pessoal com contornos narrativos bem marcados. A linguagem também é mais formal, expressando seriedade e compromisso com a verdade.

A crônica tem como objetivo entreter, mas também levar o leitor a refletir sobre uma situação do cotidiano; ela critica, produz humor e prende seu leitor com simplicidade e leveza, utilizando, geralmente uma linguagem coloquial e recursos como a ironia. Já a reportagem tem como objetivo noticiar a partir de um ângulo pessoal, parcial, utilizando recursos como a polifonia para convencer o leitor do ponto de vista exposto junto com o que se é noticiado.

### **Questões para discutir com os alunos sobre a reportagem:**

- Quem foram os candidatos à prefeitura de São Paulo no ano 2000?
- Quais são os “problemas” de cada candidato?
- Que recursos foram usados por cada um para resolver seu problema?
- Como a figurinista Christiana Francini transforma a aparência de Luiza Erundina?
- Qual o seu objetivo?
- As estratégias usadas pelos candidatos causam mudanças reais em sua aparência?

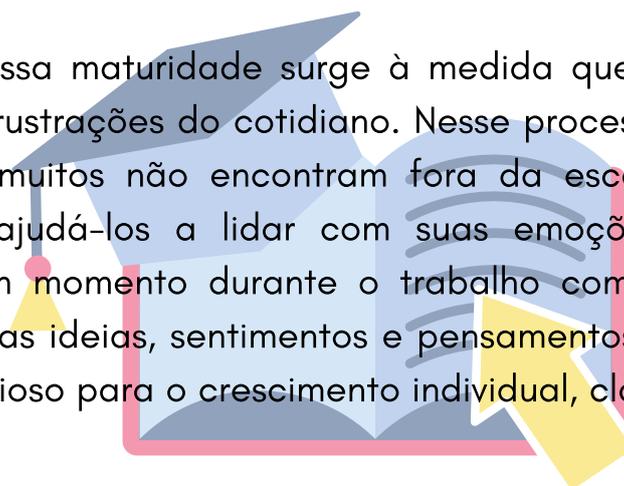
### **Questões para ampliação dos conhecimentos:**

- Propor uma pesquisa sobre as funções de um vereador e fazer um quadro com essas funções.
- Fazer comparações entre as funções previstas e as executadas por vereadores de seu município.
- Convidar um vereador para uma palestra na escola.
- Na época das eleições, observar, nos candidatos, as características ressaltadas na crônica: modo de vestir, de falar, promessas, como são os discursos, etc.

### **Questões para reflexões pessoais**

Explorar os Temas Contemporâneos Transversais é um recurso para que a escola cumpra seu papel social e isso deve acontecer durante todo o processo da educação formal do indivíduo. Assim, promover momentos para conversar e para ouvir o que o aluno tem a dizer

contribuirá para que desenvolvam maturidade. Essa maturidade surge à medida que o indivíduo aprende a lidar com as angústias e as frustrações do cotidiano. Nesse processo contínuo de mudanças que é a adolescência, muitos não encontram fora da escola alguém que lhes possa escutar e, com isso, ajudá-los a lidar com suas emoções, desenvolver suas próprias reflexões. Reservar um momento durante o trabalho com a crônica para conversar e ouvir os alunos sobre suas ideias, sentimentos e pensamentos a respeito de cada assunto abordado será muito valioso para o crescimento individual, claro que com respeito à individualidade de cada um.



De acordo com a psicoterapeuta JACOB (2017), a melhor maneira de ajudar o seu <sup>111</sup> “aluno principalmente na adolescência, é sempre estarem disponíveis e principalmente escutar”.

Muitas vezes o adolescente não encontra essa oportunidade em outros ambientes de sua vivência. Então, planejar um momento para reflexões pessoais, para conversas direcionadas de acordo com o tema proposto e, nesse caso, apoiado no trabalho desenvolvido com cada crônica, poderá proporcionar esse momento de crescimento pessoal e desenvolver habilidades para lidar com questões conflituosas da vida.

A BNCC prevê o trabalho com questões polêmicas através da oralidade, orientando quanto ao desenvolvimento de habilidades:

**(EF69LP13)** Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

**(EF69LP14)** Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

**(EF69LP15)** Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos. (BRASIL, 2011, p. 145)

Como o gênero crônica traz as mais variadas temáticas, é um gênero que oferece a oportunidade de abordar questões polêmicas nas mais variadas áreas da vida e o trabalho na sala de aula pode proporcionar desenvolvimento da análise crítica, do respeito à opinião do outro, da reflexão, do compartilhamento das ideias, entre outras habilidades.

Assim, propomos a seguir algumas questões para reflexões pessoais.

- Quem eu penso que sou?
- Como quero/gosto de ser visto? Por quê?
- Redes sociais - o que devemos e o que não devemos expor nelas? Por quê?
- Até que ponto os influenciadores digitais influenciam a vida das pessoas hoje em dia?
- Por que tanta gente acredita que a vida do outro, exposta através das redes sociais é perfeita enquanto a sua é um caos?
- Quanto tempo você gasta por dia nas redes sociais?
- Na sua opinião, as redes sociais contribuem para seu crescimento e desenvolvimento emocional e social? Como isso acontece?

**Autor:** Wanderlino Arruda

**Total de aulas:** 8

**Objetivo:** empreender leitura crítica e reflexiva sobre diferenças culturais.

### **Antes da leitura**

#### **Conhecimentos prévios e inferências**

- Você já ouviu falar sobre Wanderlino Arruda?
- Você já leu algum texto de Wanderlino Arruda?
- Conhece algum aspecto da vida desse mineiro?
- O título da crônica "Banho, mania de brasileiro", chama sua atenção? Por quê?
- O que ele sugere?
- Que conhecimentos serão evidenciados nessa temática?
- Qual a importância do banho para você?
- O que significa a palavra "mania"?
- Em que contexto frasal você normalmente emprega a palavra "mania"?
- Você acha que tem alguma mania?

#### **Conhecendo o autor**

- Para levantamento de conhecimentos sobre o autor e sua obra, propor uma pesquisa na internet: leitura de blogs e sites que fazem alusão ao autor.
- Proporcionar a leitura comentada da biografia.

Wanderlino Arruda: uma vida inteira dedicada às letras e às histórias.

Galeria / 10/06/2017 - 09h03

Wanderlino Arruda é mineiro de São João do Paraíso, nascido em 3 de setembro de 1934, formou-se em Contabilidade, Letras e Direito, com pós-graduação em Linguística, Semântica e Literatura Brasileira, e especialização em Comunicação Social e Metodologia de Ensino Superior. É casado com a artista plástica Olímpia Rego Arruda e é pai de sete filhos e doze netos e reside em Montes Claros.

Membro da Academia Montesclarensense de Letras desde 1976, foi duas vezes presidente da entidade. Agora, é presidente de honra e secretário. Fundador e primeiro presidente da Academia Maçônica de Letras do Norte de Minas. Fundador e primeiro presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros. Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

Desde 1954, trabalha como jornalista. Atuou no Jornal de Montes Claros e em diversos jornais da cidade, também com publicações em revistas. Ao todo, tem quatorze livros 65

publicados: dois em inglês, um em espanhol e onze em português. No Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros, atuou diretamente na publicação de dezoito livros, com cerca de 3.000 páginas de história de Montes Claros e da região norte-mineira. (...) Wanderlino foi professor durante 23 anos na Faculdade de Filosofia (Unimontes) nas áreas de Língua Portuguesa e Linguística. Atuou também na Faculdade de Direito, no ensino de oratória. Nessas atividades, muitas foram as orientações de trabalhos acadêmicos. (Texto adaptado)

Disponível em: <<https://onorte.net/opini%C3%A3o/galeria-1.535788/wanderlino-arruda-uma-vida-inteira-dedicada-%C3%A0s-letras-e-%C3%A0s-hist%C3%B3rias-1.535789>>. Acesso em 05 jan. 2021.

## **Leitura da crônica “Banho, mania de brasileiro”**

Disponibilizar, de forma impressa, a crônica, propor a organização da sala de aula em círculo, proporcionar a leitura circular (cada um lê um parágrafo até completar a leitura de todo o texto).

### **Banho, mania de brasileiro**

Wanderlino Arruda

O Padre Aderbal Murta conta que o reitor da Universidade de Louvain, na Bélgica, não ficou nada satisfeito quando os seminaristas brasileiros, que iam chegando por lá, começaram a pedir um banheiro, um pequeno cômodo no grande conjunto de edifícios, algo que eles consideravam necessário e muito importante. Isso mesmo, um banheiro, um local onde se lavar de pé a cabeça, receber água vindo de cima, passar sabonete, enxaguar o corpo, enxugar, depois, com toalha felpuda. Não o banho de bacia, de sopapo, como diria o meu amigo Nô Barrão. Banho mesmo, de chuveiro, com água morna, não pelando, nem fria, que ninguém é de ferro. Essa exigência, disseram os administradores, era coisa de estudante subdesenvolvido, tinha que vir de brasileiros, sujeitinhos metidos a besta! Banho na Bélgica, até então, era banho de luva, de esponja, apenas esfregando, sem correr água, sem molhar o chão.

Pois bem! Agora, leio na revista BRASIL ROTARIO interessante comentário de Derli Antônio Bernardi, de Maringá, dizendo de quando tomar banho era pecado e dava até cadeia.

Quanta curiosidade! Tinham perdido a sabedoria árabe, segundo a qual “a água é o mais eficiente de todos os remédios e o melhor de todos os cosméticos”.

Tinham perdido a experiência egípcia de quando se tomava banho em tinas de ouro, e, da Grécia, quando o palácio do Rei Minos possuía a mais espetacular banheira da antiguidade, decorada com mármore e pedras preciosas. Tinham se esquecido da tradição banhista de Roma, quando os banheiros eram tão grã-finos que havia vinte e cinco qualidades diferentes de banhos — com óleos, vapores, ervas, essências, etc. — e havia ao lado deles galerias de arte, teatros e templos dedicados aos deuses.

Os bárbaros, quando invadiram a Europa, pobres coitados, culpavam os banhos coletivos pela decadência romana. Aproveitaram a guerra e destruíram todos os banheiros públicos e particulares, varrendo, por quase mil anos, o higiênico e gostoso costume, fazendo praticamente desaparecer a palavra banho. O tempo corre, não para, e, na Idade Média, os livros de etiqueta recomendam apenas lavar as mãos antes das refeições, o que não é de se admirar, porque naquele tempo ainda não havia talheres, era tudo na base do capitão.

Coisa estranha, a Rainha Isabel de Castela não fazia segredo de quantos banhos havia tomado durante toda a sua vida: apenas dois, um ao nascer e outro ao se casar, para ficar cheirosa para o real consorte, no primeiro dia de lua-de-mel. Por mais incrível que pareça, também a religião contribuiu grandemente para o declínio da popularidade do hábito de banhar. São Gregório proibiu os banhos aos sábados “principalmente se a finalidade fosse higiênica”. Houve até uma lei permitindo o banho apenas às terças-feiras. Banhar-se era pecado, luxúria, um gosto muito mundano, um zelo excessivo com o corpo, ora pois!

Foi em torno do ano de 1800 que, na Inglaterra, apareceu uma casa de banho à moda turca, com frequência permitida apenas para homens e cortesãs, hermeticamente fechada às mulheres de família, porque indigna da gente seria do belo sexo. Na França, ao tempo de Napoleão, houve maior liberalidade e até apareceu uma nova profissão, a dos banhadores, que saíam, de casa em casa, carregando tinas para lavar a suja nobreza. Na América colonial, os puritanos consideravam banhos e sabonetes coisas impuras, chegando ao ponto de, na Filadélfia, quem tomasse mais de um banho por mês, tinha de ser condenado à cadeia por desrespeito aos bons costumes. A primeira casa de banhos pública de Nova York veio aparecer em 1852, mas só regulamentada por comissão especial em 1913.

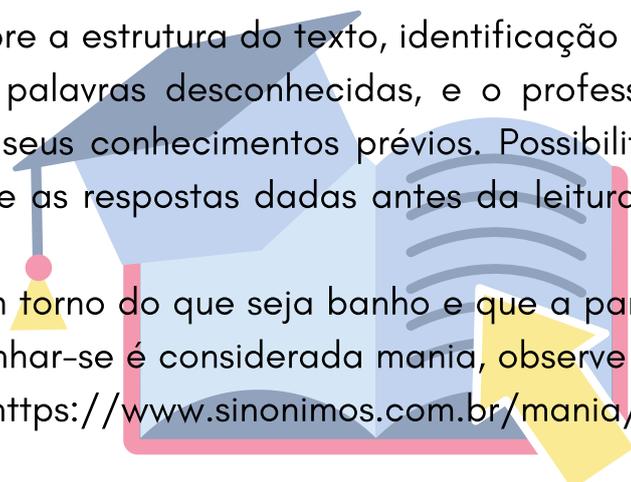
Banho farto, diário, de mais de uma vez por dia é mesmo coisa de brasileiro. E não é devidamente por dois terços da nossa raça, a africana e a portuguesa, que também não era lá de muita água. Devemos a tradição aos ancestrais do sangue tupi e guarani, nossos índios que apreciavam e muito as brincadeiras e os mergulhos nos rios e nas praias, principalmente nos dias de maior calor, pois divertimento maior não poderia haver! Como disse: banho, mania de brasileiro.

Disponível em: <https://www.wanderlino.com.br/cronicas/cronicas/02.html>. Acesso em: 11 jan. 2021.

## Depois da leitura

Feita a leitura, seguem-se comentários gerais sobre a estrutura do texto, identificação de personagens citados, de momentos históricos, de palavras desconhecidas, e o professor sugere que os alunos chequem suas inferências e seus conhecimentos prévios. Possibilitar retorno às perguntas iniciais com comentários sobre as respostas dadas antes da leitura e possíveis respostas depois da leitura.

Considerando que a temática da crônica gira em torno do que seja banho e que a partir do título “Banho, mania de brasileiro” a ação de banhar-se é considerada mania, observe os sinônimos de “mania” encontrados no site <<https://www.sinonimos.com.br/mania/>>: Acessado em: 08 jan. 2021.



- 1- Mau hábito: cacoete, hábito, falha, balda, costume, jeitão, veza, vício.
- 2- Costume peculiar: bizzarria, bizarrice, esquisitice, estapafurdismo, extravagância, fantasia, originalidade, ratada, ratice, singularidade, veleidade, veneta.
- 3- Ideia fixa: doença, obsessão, fixação, capricho, cisma, maluqueira, maluquice, moda, monomania, obcecação, obstinação, obumbrção, teima, telha.
- 4- Desejo excessivo: adoração, cachaça, desejo, fanatismo, febre, fraco, loucura, paixão, preferência, vesânia, vontade.

**Importante:** Observar que todos os sentidos e seus significados remetem a algo negativo ou, no mínimo, estranho, fora do normal.

Já para "banho", foram encontrados sete sentidos:

1- lavatório. 2- imersão. 3- mergulho. 4- exposição. 5- surra. 6- balneário. 7- proclamas, ablução, lavadura, lavagem.

Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/mania/>>: Acessado em: 08 jan. 2021.

Uma definição de banho pode ser encontrada no Minidicionário Luft (2000). "O banho é a imersão total ou parcial de um corpo num líquido, usualmente água ou uma solução aquosa. É geralmente praticado para higiene pessoal, mas através dos tempos serviu também como ritual de purificação religiosa, tratamento de saúde, convívio social ou celebração."

- Discutir as possibilidades polissêmicas das palavras.
- Voltar à crônica e fazer uma lista dos conceitos/considerações de banho e banheiro citados pelo autor, conforme as culturas. Ficará evidente que Wanderlino Arruda demonstra um vasto conhecimento ao citar diversos personagens e momentos históricos e suas relações com o banho.

## CULTURA

## CONCEITOS/CONSIDERAÇÕES

Seminaristas brasileiros estudando na Bélgica	"[...] um pequeno cômodo no grande conjunto de edifícios [...]" "[...] um local onde se lavar de pé a cabeça, receber água vindo de cima, passar sabonete, enxaguar o corpo, enxugar, depois, com toalha felpuda." "Banho mesmo, de chuveiro, com água morna, não pelando, nem fria, que ninguém é de ferro."
Bélgica	"[...] banho de luva, de esponja, apenas esfregando, sem correr água, sem molhar o chão."
Sabedoria árabe	"a água é o mais eficiente de todos os remédios e o melhor de todos os cosméticos".
Experiência egípcia	"[...] banho em tinas de ouro,"

Grécia	“[...] o palácio do Rei Minos possuía a mais espetacular banheira <sup>116</sup> da antiguidade, decorada com mármore e pedras preciosas.”
Roma	“[...] os banheiros eram tão grã-finos que havia vinte e cinco qualidades diferentes de banhos – com óleos, vapores, ervas, essências, etc. – e havia ao lado deles galerias de arte, teatros e templos dedicados aos deuses.”
Povos Bárbaros	“[...] culpavam os banhos coletivos pela decadência romana.”
Rainha Isabel de Castella	“[...] não fazia segredo de quantos banhos havia tomado durante toda a sua vida: apenas dois, um ao nascer e outro ao se casar, para ficar cheirosa para o real consorte, no primeiro dia de lua-de-mel.”
São Gregório	“[...] proibiu os banhos aos sábados "principalmente se a finalidade fosse higiênica". Houve até uma lei permitindo o banho apenas às terças-feiras. Banhar-se era pecado, luxúria, um gosto muito mundano, um zelo excessivo com o corpo”.
Inglaterra - 1800	“[...] uma casa de banho à moda turca, com frequência permitida apenas para homens e cortesãs, hermeticamente fechada às mulheres de família, porque indigna da gente seria do belo sexo.”
França - tempo de Napoleão	“[...] maior liberalidade e até apareceu uma nova profissão, a dos banhadores, que saíam, de casa em casa, carregando tinas para lavar a suja nobreza.”
América colonial	“[...] os puritanos consideravam banhos e sabonetes coisas impuras.”
Filadelfia	“[...] quem tomasse mais de um banho por mês, tinha de ser condenado à cadeia por desrespeito aos bons costumes.”
Nova York	Primeira casa de banhos fundada em 1852, regulamentada por comissão especial em 1913.
Brasileiros	“Banho farto, diário, de mais de uma vez por dia”
Ancestrais índios Tupi e Guarani	“[...] apreciavam e muito as brincadeiras e os mergulhos nos rios e nas praias, principalmente nos dias de maior calor, pois divertimento maior não poderia haver!”

- Voltar aos sentidos dicionarizados e promover uma discussão em torno das relações entre eles e os sentidos atribuídos pelas diferentes culturas.
- Levantar sentidos pessoais e da cultura atual.

Na sequência, proporcionar uma aula comentada sobre o que é possível entender da crônica lida.

- O cronista cita também a sabedoria Árabe, Grécia, Roma, os bárbaros, a Idade Média, a Rainha Isabel de Castella, São Gregório, Napoleão e, por fim, os índios tupi-guarani. E como saber que se os índios realmente tomavam tantos banhos?

O primeiro texto escrito oficialmente no Brasil é considerado o primeiro documento histórico e literário: A Carta de Pero Vaz de Caminha a El Rei Dom Manuel. Nessa carta, Pero Vaz de Caminha chegou a escrever que os nativos da terra eram tão limpos e tão formosos, que deixavam qualquer europeu admirado. O costume dos nativos tomarem vários banhos por dia, nos rios, era admirável, pois era muito diferente dos hábitos de higiene dos europeus.

- Essa crônica apresenta aspectos históricos, reúne de forma simples e objetiva diversas informações que contribuem para confirmar a opinião do cronista, emitida no título. No último parágrafo, ele reafirma o que disse no título: “banho: mania de brasileiro”.
- Outra característica do gênero crônica é o tom de conversa com o qual o cronista se dirige ao leitor, que torna o texto atrativo e acessível.
- Tecer comentários sobre o conteúdo do texto, baseando-se nas seguintes questões:

1. O autor apresenta diferentes definições de banho. Comente-as.
2. O que dizia a sabedoria árabe sobre a água?
3. A qual experiência egípcia o autor se refere no texto?
4. O que havia de especial no palácio do Rei Minos na Grécia?
5. Como era a tradição banhista de Roma?
6. Na sua opinião, por que o cronista cita a tradição banhista nessas civilizações?
7. Quem acabou com a tradição do banho na Europa?
8. Qual recomendação de higiene na Idade Média o cronista cita no texto?
9. Como a religião colaborou para extinção do hábito de tomar banho?
10. Qual nova profissão surgiu na França no tempo de Napoleão?
11. Quem são os responsáveis pela nossa tradição de banhos fartos?
12. E você, o que pensa sobre a tradição europeia a respeito do banho?

- Promover atividade intertextual com História e pesquisar: Você sabe quem foi a Rainha Isabel de Castela?

Isabel I de Castela, também conhecida como Isabel, a Católica, nasceu em 22 de novembro de 1451, em Madrigal de Altas Torres e faleceu em 26 de novembro de 1504,<sup>118</sup> em Medina del Campo.

Não estava destinada a herdar a coroa de Castela, pois era a terceira na linha de sucessão.

No entanto, as intrigas com os nobres, as alianças matrimoniais e a rejeição da nobreza castelhana ao seu meio-irmão Henrique IV, a elevaram como rainha de Castela. Isabel era filha de Juan II de Castela (1405-1454) e Isabel de Portugal (1428-1496).

É preciso ter em mente que a Península Ibérica, nesta época, estava dividida em reinos e senhorios que buscavam se aliar entre si, e também fazer a guerra quando preciso. Havia quatro reinos cristãos - Portugal, Castela, Aragão, Navarra - e o reino muçulmano de Granada.

Para governar estas regiões era preciso um delicado equilíbrio entre a nobreza e o rei. Assim, era comum os casamentos entre os príncipes cristãos desses territórios.

Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/isabel-de-castela/>>.

Acessado em: 09 jan. 2021.

- Despertar a curiosidade dos alunos e promover pesquisa sobre quem foi São Gregório. Informações como as que se seguem podem ser obtidas através de pesquisas em sites na internet.

Nascido em 540, na família Anícia, de tradição na Corte romana, muito rica, influente e poderosa, Gregório registrou de maneira indelével sua passagem na história da Igreja, deixando importantíssimas realizações, como, por exemplo, a instituição da observância do celibato, a introdução do pai-nosso na missa e o famoso "canto gregoriano". Foi muito amado pelo povo simples, por causa de sua extrema humildade, caridade e piedade.

Sua vocação surgiu na tenra infância, sendo educado num ambiente muito religioso - sua mãe, Sílvia, e duas de suas tias paternas, Tarsila e Emiliana, tornaram-se santas. As três mulheres foram as responsáveis, também, por sua formação cultural.

Quando seu pai, Jordão, morreu, Gregório era muito jovem, mas já havia ingressado na vida pública, sendo o prefeito de Roma. (...)

Como sua sabedoria não poderia ficar restrita apenas a um convento, o papa Pelágio nomeou-o para uma importante missão em Constantinopla. Nesse período, Gregório escreveu grande parte de sua obra literária. Chamado de volta a Roma, foi eleito abade do Convento de Santo André e, nessa função, ganhou fama por sua caridade e dedicação ao próximo.

Assim, após a morte do papa Pelágio, Gregório foi eleito seu sucessor. Porém, de constituição física pequena e já que desde o nascimento nunca teve boa saúde, relutou em aceitar o cargo. Chegou a escrever uma carta ao imperador, pedindo que o liberasse da função. Só que a carta nunca foi remetida pelos seus confrades e ele acabou tendo de assumir, um ano depois, sendo consagrado em 3 de setembro de 590.

Os quatorze anos de seu pontificado passaram para a história da Igreja como um período singular. Papa Gregório levou uma vida de monge, dispensou todos os leigos<sup>119</sup> que serviam no palácio, exercendo um apostolado de muito trabalho, disciplina, moralidade e respeito às tradições da doutrina cristã. No comando da Igreja, orientou a conversão dos ingleses, protegeu os judeus da Itália contra a perseguição dos hereges e tomou todas as atitudes necessárias para que o cristianismo fosse respeitado por sua piedade, prudência e magnanimidade.

Morreu em 604, sendo sepultado na basílica de São Pedro. Os registros mostram que, durante o seu funeral, o povo já aclamava santo o papa Gregório Magno, honrado com o título de doutor da Igreja. Sua festa ocorre no dia em que foi consagrado papa.

Disponível em: <http://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/sao-gregorio-magno> Acessado em: 10 jan. 2021.

- Quem foi o Padre Murta, citado como amigo do cronista no início da crônica?

Padre Murta era um dos intelectuais mais festejados e admirados do Norte de Minas. Muito brincalhão, ele exercia com maestria os papéis de sábio e padre, embora, antes de mais nada, fosse um premonstratense apaixonado. Tanto que cumpriu bem a missão que lhe fora passada, de sintetizar a história dos seguidores de São Norberto na Igreja Particular de Montes Claros, por ocasião do centenário da chegada dos primeiros padres de batina branca, antes mesmo da criação da Diocese, que só ocorreria sete anos mais tarde.

O Cônego Adherbal Murta de Almeida morreu na Santa Casa de Misericórdia, vítima de um câncer no intestino. Iria completar 85 anos no 8 de maio de 2008, ano em que morreu. (Adaptação).

Disponível em: <https://montesclaros.com/mural/imprimir.asp?codigo=32963>. Acessado em: 11 jan. 2021.

- Levantar conhecimentos sobre Rotary - o que é?

Promover leituras e escrita de sínteses para entender que associação é essa da qual Wanderlino Arruda faz parte. Veja quantas informações poderão ser obtidas:

Criado na cidade de Chicago, nos EUA, no ano de 1905, o Rotary é a mais antiga organização internacional de clubes de serviço. Os associados a esses clubes são chamados de rotarianos. Eles são homens e mulheres que prestam serviços voluntários às comunidades onde atuam profissionalmente, ajudando a promover a ética nos negócios e desenvolvendo projetos em diversas áreas, como saúde e educação, cujo grande objetivo é estimular a boa vontade e a paz mundiais.

Atualmente, o Rotary está presente em 217 países e regiões geográficas, atuando por meio de mais de 35 mil Rotary Clubs, que reúnem mais de 1,2 milhão de voluntários. Cada clube escolhe seus próprios dirigentes e tem uma considerável autonomia, respeitando os estatutos e o regimento interno estabelecidos pelo Rotary International. Regionalmente, estes clubes estão agrupados em distritos.

Tradicionalmente um dos países onde o Rotary é mais forte, o Brasil conta com 2.328 Rotary Clubs e 53.869 rotarianos (estes dados são de maio de 2018). Três brasileiros já presidiram o Rotary International, cuja sede está em Evanston, no estado de Illinois, nos EUA.

Um dos mais conhecidos projetos do Rotary International é a campanha mundial de combate à poliomielite, desenvolvida desde meados dos anos 1980 em parceria com a Organização Mundial da Saúde e outras entidades. Esta campanha reduziu em 99% os casos mundiais de pólio. No Brasil, a doença foi erradicada em 1989.

Disponível em: <<http://revistarotarybrasil.com.br/rotary/definicao/>> Acessado em: 11 jan. 2021.

- Finalizar as discussões propondo um levantamento de outras crônicas do Wanderlino Arruda para serem lidas e comentadas na sala.
- Convidar o autor para uma entrevista ou palestra.



BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em: <[www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo= 116409 2&key....](http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1164092&key...)> Acesso em: 05 dez. 2019.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC\\_19abr\\_2019\\_-versaofinal.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19abr_2019_-versaofinal.pdf)> Acesso em: 19 abr. 2019.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas / Rio de Janeiro: Editora da Unicamp / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992[1981].

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudo de história e teoria literária**. São Paulo: Nacional, 1985.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. - 2. ed. rev. ampl. -Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: **A Literatura no Brasil** (Org. de Afrânio Coutinho). 3 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio. v. 6. 1986, p. 117 - 143.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MELO, José Marques de. **História social da imprensa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MENEZES, Rogério. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002. (Coleção Ensaios Transversais).

MOISÉS, Massaud. **A Criação literária: prosa**. São Paulo: Cultrix, 1988.

NEVES, Iara C. B. et all. (Orgs.) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** **Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.**

SÁ, Jorge de. **A crônica.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Para gostar de ler:** porta de colégio e outras crônicas. São Paulo: Ática, 1995. v. 16.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

[https://www.ebiografia.com/rubem\\_braga](https://www.ebiografia.com/rubem_braga). Acesso em: 03 dez. 2020.

<https://www.pensador.com/frase/NjUwOTA/>>. Acesso em: 01 dez. 2020.

<https://animais.culturamix.com/informacoes/insetos-e-aranhas/tudo-sobre-as-cigarras> (sobre cigarras) e <http://www.plantasonya.com.br/arvores-e-palmeiras/caracteristicas-da-paineira-ceiba-speciosa.html> (sobre paineiras). Acesso em 01 dez 2020.

<https://www.academia.org.br/academicos/moacyr-scliar/biografia>. Acesso em: 01 dez. 2020.

<http://folhetimavulso.blogspot.com/2013/06/moacyr-scliar-escreveu.html>. Acesso em: 01 dez. 2020.

<https://dicionario.priberam.org/finito>. Acesso em: 9 jan. 2021.

<https://www.guiaestudo.com.br/martha-medeiros> Acesso em: 07 jan. 2021.

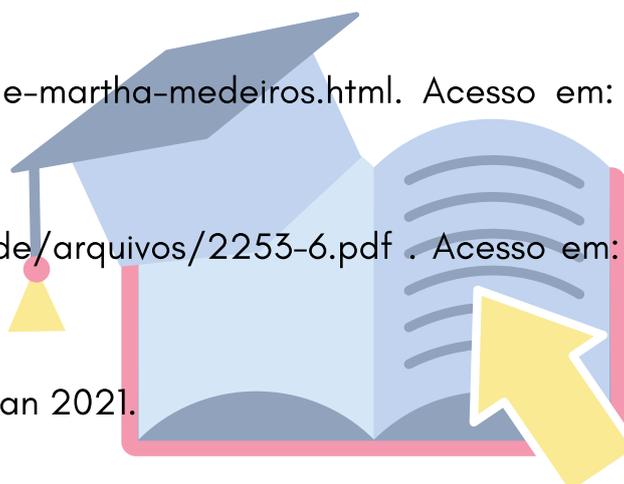
<http://paulalaneller.blogspot.com/2010/09/finitude-martha-medeiros.html>. Acesso em: 05 jan 2021.

<http://paulalaneller.blogspot.com/2010/09/finitude-martha-medeiros.html>. Acesso em: 05 jan 2021.

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2253-6.pdf> . Acesso em: 03 jan 2021.

<https://www.lexico.pt/galvanizar/> Acesso em: 03 jan 2021.

<https://beduka.com/blog/materias/fisica/o-que-e-magnetismo/> Acesso em: 03 jan 2021



<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2108200012.htm>. Acessado em: 09 jan. 2021.

<https://www.patriciajacob.com.br/a-angustia-na-adolescencia/>

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2253-6.pdf> . Acessado em: 03 jan. 2021

<https://www.google.com.br>. Acesso em 02 jan. 2021.

<https://www.lexico.pt/galvanizar/> Acesso em 02 jan. 2021.

<https://beduka.com/blog/materias/fisica/o-que-e-magnetismo/> Acesso em 02 jan.2021.

<https://www.dicio.com.br/lobistas/> Acesso em 02 jan. 2021.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2108200012.htm>. Acessado em: 09 jan. 2021

<<https://onorte.net/opini%C3%A3o/galeria-1.535788/wanderlino-arruda-uma-vida-inteira-dedicada-%C3%A0s-letras-e-%C3%A0s-hist%C3%B3rias-1.535789>>. Acesso em: 05 jan 2021.

<https://www.wanderlino.com.br/cronicas/cronicas/02.html>. Acessado em: 11 jan 2021.

<https://www.sinonimos.com.br/mania/>>: Acesso em: 08 jan 2021.

<https://www.sinonimos.com.br/mania/>>: Acesso em: 08 jan 2021.

<https://www.todamateria.com.br/isabel-de-castela/>>. Acesso em: 09 jan 2021.

<http://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/sao-gregorio-magno> Acesso em: 10 jan 2021

<https://montesclaros.com/mural/imprimir.asp?codigo=32963>. Acesso em: 11 jan 2021.

<http://revistarotarybrasil.com.br/rotary/definicao/>> Acesso em: 11 jan 2021.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a escrita do caderno, consideramos alcançados nossos objetivos de pesquisa visto que elaboramos e divulgamos (tornamos público), o Caderno de Pressupostos Teóricos e Atividades Práticas de Leitura Crítico-Compreensiva de Crônicas e, por meio dele apresentamos contribuições para a dinamização das aulas de leitura de crônicas na educação básica. Além disso, no capítulo teórico e em parte do caderno, apresentamos estudos exploratórios concernentes à leitura na perspectiva da LT e na perspectiva discursiva da AD, sobre os pressupostos teórico metodológicos de leitura presentes na BNCC, sobre o gênero crônica e referentes às estratégias de leitura de crônicas no ensino fundamental.

Fica também respondida a pergunta: “quais são as possibilidades estratégicas para leitura do gênero crônica no ensino fundamental II?”, já que foi possível apresentar várias possibilidades de leitura discursiva do gênero crônica e foi confirmada a hipótese de que, de fato, há uma série de estratégias para a leitura desse gênero textual como recurso para o desenvolvimento da leitura compreensiva e crítica, conforme os pressupostos da LT e da AD.

Entendemos que a utilização de estratégias de leitura é um recurso eficaz para melhorar o desempenho dos alunos, contribuindo para sua formação como leitores críticos e compreensivos, habilidades que podem se estender à leitura de outros gêneros textuais e, conseqüentemente, melhorar os seus resultados nas situações sociais que dependam da leitura, motivo pelo qual neste trabalho não tivemos o foco voltado para o desenvolvimento da leitura literária, por fruição, mas sim para o desenvolvimento da leitura de modo geral.

Tendo em vistas as considerações teóricas e as atividades práticas sugeridas e apresentadas no caderno, conclui-se que a leitura, em suas diferentes concepções, na perspectiva da LT e na perspectiva discursiva da AD, tal como prevista na BNCC, e mediante a condução de ações via estratégias de leitura de acordo com Solé (1998), poderá proporcionar ações leitoras que transformem a realidade de alunos não só da educação básica, mas de quaisquer outros níveis de ensino.

Desenvolver esta pesquisa proporcionou crescimento profissional, ampliando a visão da pesquisadora a respeito da importância do trabalho de ensino da leitura baseado nas estratégias de leitura. Esse recurso, inicialmente ensinado, deve ser desenvolvido de maneira a formar leitores autônomos, que, por si mesmos, consigam aplicar as estratégias necessárias à compreensão leitora nos mais diversos gêneros com os quais se depararem, não apenas na escola, mas em quaisquer situações em que a leitura se fizer necessária. Desse modo, a leitura é tratada como meio de desenvolvimento pessoal e como recurso para a ascensão social de cada

indivíduo. Tal planejamento abre horizontes para outras pesquisas que deverão ser aplicadas na sala de aula em diversos níveis de ensino, abordando outros gêneros textuais.

Fica firmado o compromisso de aplicar na sala de aula o trabalho proposto nesta pesquisa a fim de desenvolver a leitura crítica e compreensiva de crônicas no ensino fundamental II, com os alunos da professora pesquisadora, assim como a divulgação do Caderno de Atividades por meio de publicação, ficando à disposição de professores e escolas para ser utilizado como orientação e sugestão para desenvolver a leitura de crônicas.

## REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em: <[www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo= 116409 2&key....](http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1164092&key...)> Acesso em: Dezembro de 2019.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC\\_19abr2019\\_versaofinal.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19abr2019_versaofinal.pdf)> Acesso em: 19 abr. 2019.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas / Rio de Janeiro: Editora da Unicamp / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992[1981].

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudo de história e teoria literária**. São Paulo: Nacional, 1985.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. – 2. ed. rev. ampl. –Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: **A Literatura no Brasil** (Org. de Afrânio Coutinho). 3 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio. v. 6. 1986, p. 117 – 143.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspecto cognitivo da leitura**. 5. Ed. - Campinas, SP: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Oficina de leitura: teoria e prática**. São Paulo: Pontes, 2004.

KOCH, I.V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Ronei Ximenes; RAMOS, Rosana. **Metodologia de pesquisa: guia de estudos**. Lavras: UFLA, 2013, p. 8-21.

MELO, José Marques de. **História social da imprensa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MENEZES, Rogério. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002. (Coleção Ensaio Transversais).

MOISÉS, Massaud. **A Criação literária**: prosa. São Paulo: Cultrix, 1988.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999

\_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. 8 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. **Pesquisa-ação crítico-colaborativa**: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set/dez. 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a13v31n3.pdf>. Acesso em 07 jun. 2020.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Para gostar de ler**: porta de colégio e outras crônicas. São Paulo: Ática, 1995. v. 16.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
MONTES CLAROS -  
UNIMONTES



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** LEITURA CRÍTICA E COMPREENSIVA DE CRÔNICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL:  
uma proposta de ação conforme os pressupostos da Análise do Discurso

**Pesquisador:** Maristela Gomes Coelho Fonseca

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 28116720.6.0000.5146

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.915.977

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de projeto de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros. O projeto tem como tema central as contribuições da leitura do gênero textual crônica para a formação de leitores críticos e reflexivos. Será realizada uma pesquisa ação participante, que inclui o envolvimento do pesquisador e pesquisados no processo de pesquisa. Os participantes da pesquisa serão alunos de uma Escola da Rede Pública do município de Montes Claros/MG.

**Objetivo da Pesquisa:**

Evidenciar as contribuições da leitura do gênero textual “crônica” para a formação de leitores críticos e compreensivos.

Objetivos Secundários:

- Teórico: Explorar teorias sobre a leitura crítica e compreensiva que possibilitem o desenvolvimento de planos de leitura de crônicas. Explorar conhecimentos referentes aos objetivos e metodologias de trabalho com a leitura nos documentos oficiais de parametrização do ensino.
- Prático: Analisar, por meio de atividade diagnóstica, habilidades de compreensão e crítica leitora de crônicas pelos participantes da pesquisa.
- Metodológico: Elaborar e desenvolver planos de leitura crítica e compreensiva a partir de crônicas, de forma a promover a leitura crítico-compreensiva dos alunos.

**Endereço:** Av. Dr. Rui Braga s/n - Camp. Univers. Prof. Darcy Rib

**Bairro:** Vila Mauricéia

**CEP:** 39.401-089

**UF:** MG

**Município:** MONTES CLAROS

**Telefone:** (38)3229-8180

**Fax:** (38)3229-8103

**E-mail:** smelocosta@gmail.com

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
MONTES CLAROS -  
UNIMONTES**



Continuação do Parecer: 3.915.977

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Prevê-se riscos mínimos para os participantes da pesquisa relacionados a possíveis constrangimentos. Pretende-se contribuir para o desenvolvimento de uma leitura crítica e compreensiva em alunos do Ensino Fundamental da rede pública.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa poderá contribuir significativamente para uma avaliação das leituras textuais gênero crônica no processo de ensino e aprendizagem, promovendo habilidades de leitura entre os estudantes.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados de forma completa, clara e objetiva, devidamente assinados e assinados. Estando, portanto, dentro das exigências do CONEP.

**Recomendações:**

Apresentação de relatório final por meio da plataforma Brasil, em "enviar notificação".

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O projeto respeita os preceitos éticos da pesquisa em seres humanos, sendo assim somos favoráveis à aprovação do mesmo.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1484384.pdf	13/01/2020 10:24:08		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	13/01/2020 10:20:23	Maristela Gomes Coelho Fonseca	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_LEITURA_CRITICA_E_COMPREENSIVA_DE_CRONICAS.pdf	03/01/2020 11:49:21	Maristela Gomes Coelho Fonseca	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	03/01/2020 11:41:58	Maristela Gomes Coelho Fonseca	Aceito

**Endereço:** Av. Dr. Rui Braga s/n-Camp. Univers. Profº Darcy Rib

**Bairro:** Vila Mauricéia

**CEP:** 39.401-089

**UF:** MG

**Município:** MONTES CLAROS

**Telefone:** (38)3229-8180

**Fax:** (38)3229-8103

**E-mail:** smelocosta@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
MONTES CLAROS -  
UNIMONTES



Continuação do Parecer: 3.915.977

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_concordancia.pdf	03/01/2020 11:41:24	Maristela Gomes Coelho Fonseca	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_assentimento.pdf	03/01/2020 11:27:50	Maristela Gomes Coelho Fonseca	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_responsabilidade.pdf	03/01/2020 11:21:23	Maristela Gomes Coelho Fonseca	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MONTES CLAROS, 13 de Março de 2020

---

**Assinado por:**  
**SIMONE DE MELO COSTA**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profº Darcy Rib  
**Bairro:** Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089  
**UF:** MG **Município:** MONTES CLAROS  
**Telefone:** (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com



**RESOLUÇÃO Nº 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020.**

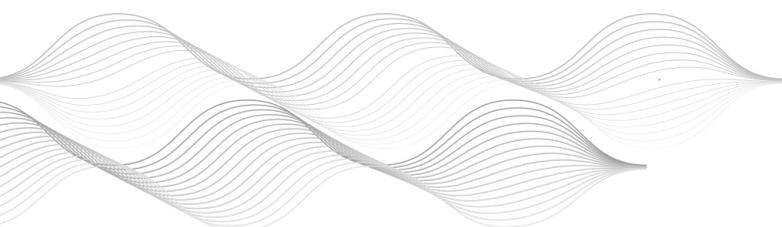
**Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

A COORDENAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS) faz saber que, usando das atribuições que lhe confere,

CONSIDERANDO o enfrentamento da pandemia do Covid 19, no âmbito da esfera acadêmica e, particularmente, na pós-graduação;

CONSIDERANDO o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais de intervenção que visam à elaboração do trabalho de conclusão da sexta turma do ProfLetras;

**RESOLVE** aprovar as seguintes normas:





**Art. 1o.** Os trabalhos de conclusão da **sexta turma** poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial.

**Art. 2o.** O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar **um produto** (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizado a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota.

**Art.3o.** Os produtos a serem sistematizados devem seguir os diferentes formatos previstos tanto no âmbito do programa quanto aqueles apresentados nos documentos de área.

**Art. 4º:** Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação.

02 de junho de 2020.

Prof. Dra. Maria da Penha Casado Alves  
**PRESIDENTE DO CONSELHO GESTOR**